

#1 *NEW YORK TIMES* & *USA TODAY*
BESTSELLING AUTHOR

NORA ROBERTS

ESTRELA CATIVA

2

ESTRELAS
DE MITHRA

**ESTRELA
CATIVA**

Captive Star

Estrelas de Mithra – Livro 2

NORA ROBERTS

O serviço parecia fácil. Tudo que precisava fazer era encontrar uma fugitiva que se negava a dar explicações perante o juiz e o júri sobre seus motivos para atirar no namorado. E ela não estava sequer preocupada em se esconder. Mas o cínico caçador de recompensas Jack Dakota logo descobriria que nada relacionado a M. J. O'Leary se resolve facilmente. Agora, ambos estão em apuros, em fuga, na mira de alguém misterioso e tentando despistar uma dupla de assassinos de aluguel. MJ. se recusa a dizer tudo o que sabe, mesmo quando Jack encontra um gigantesco diamante azul em sua bolsa. A intuição de Jack diz que nada relacionado àquela raposinha deve ser digno de confiança... Mas não seu coração, que já se tornou cativo dela.

Estrela Cativa é o segundo volume da trilogia Estrelas de Mithra, um grande sucesso de Nora Roberts.

Harlequin
2008

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: CAPTIVE STAR

Copyright © 1997 by Nora Roberts

Versão ePub: AZ

Ele teria dado tudo por uma cerveja. Uma caneca grande e gelada de cerveja importada, que desceria com mais suavidade que o primeiro beijo de uma mulher. Uma cerveja em algum bar pouco iluminado, com um jogo de beisebol passando na televisão, e algumas pessoas que tivessem interesse no jogo, sentadas em bancos ao redor.

Enquanto ficava parado do lado de fora do apartamento da mulher, Jack Dakota passou seu tempo fantasiando sobre isso.

A espuma branca, o aroma de cevada, o primeiro gole para combater o calor e matar a sede. Então, o saborear lento, gole por gole, que assegurava a um homem que tudo ficaria bem no mundo apenas se políticos e advogados debatessem os conflitos inevitáveis tomando uma cerveja num pub local, enquanto o batedor marcava pontos no jogo de beisebol.

Era um pouco cedo para beber, considerando que passava das 13h, mas o calor estava tão sufocante, tão intenso que latas de refrigerante estocadas na geladeira portátil no carro não tinham exatamente o mesmo efeito de uma cerveja gelada e espumosa.

Seu velho Oldsmobile não possuía luxos como ar-condicionado. Na verdade, o carro não era muito confortável, exceto pelo aparelho de som caríssimo e ensurdecedor que ele havia instalado no painel de couro falso, que estava descascando. O som valia aproximadamente o dobro do valor do veículo, mas um homem precisava de música. Quando ele estava na estrada, gostava de ouvir os Beatles ou Rolling Stones em volume bem alto.

O motor V-8 sob o capô cinza batido rodava tão meticulosamente quanto um relógio suíço, e levava Jack aonde queria ir, rapidamente. Naquele momento, o motor estava descansando, e, como uma concessão ao bairro tranquilo no norte de Washington, o aparelho de CD tocava baixinho com Bonnie Raitt.

Ela era uma das poucas cantoras do período após 1975 que ele respeitava.

Jack sempre achava que havia nascido na época errada. Imaginava que teria sido um bom cavaleiro. Um cavaleiro negro. Gostava da filosofia direta de poder por direito. Teria se dado bem com Arthur, pensou, tamborilando os dedos no volante. Mas teria lidado com os assuntos de Camelot de sua própria maneira. Regras complicavam as coisas.

Teria gostado de viver no Velho Oeste, também. Perseguindo bandidos sem toda aquela bobagem de papéis e burocracia. Apenas capturá-los e levá-los.

Vivos ou mortos.

Nos dias atuais, os criminosos contratavam um advogado, ou o Estado lhes dava um, e os tribunais acabavam pedindo desculpas a eles pela inconveniência.

“Sentimos muito, senhor. Apenas porque você estuprou, roubou e matou não é desculpa para desrespeitar seu tempo e seus direitos civis.”

Que tristeza.

E essa era uma das razões pelas quais Jack Dakota não havia entrado para a polícia, apesar de ter brincado com a ideia quando tinha 20 e poucos anos. Contudo, não via muita justiça nas regras e regulamentos.

Motivo pelo qual, aos 30 anos, Jack Dakota era um caçador de recompensas.

Ainda perseguia os bandidos e assassinos, mas fazia seu próprio horário, era pago por cada trabalho individualmente, sem ter de enfrentar um monte de burocracia inútil.

Ainda havia regras, mas um homem esperto sabia como contorná-las. Jack sempre fora esperto.

Ele tinha os papéis de sua presa atual no bolso. Ralph Finkleman havia lhe telefonado às 8h daquela manhã com a incumbência. Mas Ralph era uma pessoa tanto otimista quanto apreensiva, pensou Jack... uma combinação que deveria ser um requisito para o trabalho de fiador profissional. Pessoalmente, Jack nunca poderia entender o conceito de emprestar dinheiro para completos estranhos — estranhos que, como precisavam de fiador, já tinham provado que não eram de confiança.

Mas havia dinheiro na jogada, e dinheiro era motivação suficiente para quase tudo, supunha.

Jack tinha acabado de voltar da Carolina do Norte, onde capturara um rapaz interiorano, deixando Ralph pateticamente grato por isso. Um rapaz tolo que tentava fazer uma fortuna roubando lojas de conveniência. Ralph havia proposto a fiança, alegando que imaginara que o garoto era muito estúpido para fugir.

Jack teria lhe dito, diretamente, que o garoto era muito estúpido para não fugir.

Mas não estava sendo pago para oferecer conselhos.

Ele planejava relaxar por alguns dias, talvez participar de alguns jogos em Camden Yards, escolher uma de suas conhecidas do sexo feminino para ajudá-lo a gastar o dinheiro que recebera pelo último serviço. Quase recusara o pedido de Ralph, mas o homem estivera tão queixoso, tão cheio de apelos, que Jack não teve coragem.

Então, tinha ido ao escritório de fianças First Stop e apanhado a papelada de M.J. O'Leary, que aparentemente havia se recusado a ir à corte judicial para explicar por que atirara no namorado casado.

Jack imaginou que ela não era muito inteligente, também. Uma mulher bonita — e pela fotografia e descrição, certamente era — que, com alguma inteligência, poderia manipular um juiz e um jurado sobre alguma coisa tão pequena quanto atirar em um contador adúltero.

Afinal de contas, ela não tinha matado o pobre cretino.

Era um trabalho simples e pequeno, o que não explicava por que Ralph estivera tão nervoso. Ele tinha gaguejado mais do que de hábito, e os olhos haviam dançado nervosamente ao redor do escritório apertado e empoeirado.

Mas Jack não estava interessado em analisar Ralph. Queria fazer aquele serviço rapidamente, tomar uma cerveja e começar a gastar o que ganhara no trabalho feito na Carolina do Norte.

O dinheiro extra da tarefa fácil que faria agora significava que poderia comprar a primeira edição de Dom Quixote que vinha cobiçando. Portanto, toleraria suar no carro por algumas horas.

Ele não parecia um colecionador de livros raros ou alguém que apreciasse debates filosóficos sobre a natureza humana. Usava os cabelos castanhos com mechas loiras de sol para trás, num curto rabo-de-cavalo — o que era mais um testemunho de sua desconfiança dos barbeiros do que um toque pessoal de moda, embora a aparência limpa realçasse sua face longa

e estreita, com as maçãs do rosto levemente proeminentes. Sobre a pequena covinha no queixo, a boca era carnuda e firme, e parecia poética quando não estava curvada num sorriso desdenhoso.

Seus olhos eram acinzentados, e podiam se suavizar com a visão das páginas de uma primeira edição de Dante, ou escurecer de prazer com a visão de uma mulher bonita num pequeno vestido de verão. As sobrancelhas eram arqueadas, com um aspecto levemente travesso, acentuado pela cicatriz branca que corria diagonalmente à esquerda, resultado de uma briga com canivete, utilizado por um assassino que não quisera que Jack recebesse o pagamento pelo serviço.

Jack tinha coletado o pagamento, e o homem acabara com um braço quebrado e um nariz que jamais seria o mesmo, a menos que se submetesse a uma rinoplastia.

O que não surpreenderia Jack nem um pouco.

Havia outras cicatrizes. Seu corpo longo e esbelto tinha as marcas de um guerreiro, e algumas mulheres gostavam de traçá-las.

Jack não se importava.

Estendeu as pernas longas, movimentou os ombros para aliviar a tensão e pensou se deveria abrir outra lata de refrigerante e fingir que era cerveja.

Quando M.J. passou cantando pneus, o rádio alto, ele meneou a cabeça. Burra como um poste, pensou, olhando os papéis em seu carro — embora admirasse o gosto dela para música. E a rápida olhada que lhe dera enquanto o carro passava em velocidade confirmava isso. Os cabelos curtos ruivos soprando com a brisa a entregavam.

Era irônico, pensou Jack quando a observou sair do pequeno carro que tinha parado na frente do seu, que uma mulher com aquela aparência pudesse ser pateticamente estúpida.

Ela era agradável aos olhos, mas não parecia ser uma mulher fácil. Era alta — ele tinha um fraco por mulheres perigosas de pernas longas. Os quadris estreitos de adolescente estavam cingidos por um jeans desbotado, que tinha alguns pontos brancos e era rasgado no joelho. A camiseta para dentro da calça era toda branca de algodão, e os seios pequenos estavam pressionados belamente contra o tecido macio.

Ela puxou uma bolsa de dentro do carro, e Jack recebeu uma visão interessante de um traseiro feminino firme em jeans justo. Sorrindo, bateu uma das mãos sobre o coração. Não era de admirar que algum vagabundo tivesse traído a esposa com aquela mulher.

Ela possuía um rosto tão anguloso quanto o corpo. Embora a pele fosse muito clara, para contrastar com os cabelos vermelhos, não havia nada de donzela naquela aparência. Queixo pontiagudo e bochechas proeminentes combinavam para criar um rosto sexy e forte, e que ostentava uma boca exuberante e sensual.

Ela estava usando óculos escuros, mas Jack sabia, por sua papelada, que os olhos eram verdes. Imaginou se seriam como musgo ou esmeraldas.

Com uma enorme bolsa a tiracolo pendurada em um dos ombros e uma sacola de mercado erguida no quadril, ela começou a seguir em direção a ele e ao prédio de apartamentos. Jack se permitiu suspirar uma vez enquanto observava seu andar ao mesmo tempo relaxado e firme.

Certamente apreciava pernas longas numa mulher.

Ele saiu do carro e a seguiu. Não achava que ela daria muito trabalho. Poderia arrANHAR e morder um pouquinho, mas não parecia do tipo de se desmanchar em lágrimas suplicantes.

Jack realmente detestava quando isso acontecia.

Seu plano de ação era simples. Poderia tê-la pegado do lado de fora, mas detestava demonstrações públicas quando havia outras escolhas. Então, entraria no apartamento dela, explicaria a situação e a levaria consigo.

Ela não parecia ter uma única preocupação no mundo, notou Jack quando a seguiu para dentro do edifício. Será que acreditava que os policiais não checariam as casas de seus amigos e associados? E dirigir o próprio carro para fazer compras de mercado. Era incrível que ainda não tivesse sido apanhada.

Então a polícia tinha mais o que fazer, além de perseguir uma mulher que tivera uma briga com o namorado.

Jack esperava que o morador do apartamento não estivesse em casa. Estivera vigiando as janelas por quase uma hora e não vira movimento algum. Não tinha ouvido um único som quando andara até debaixo das janelas do terceiro andar, ou quando subira para escutar à porta.

Mas nunca se podia ter certeza absoluta.

Uma vez que ela desviou do elevador e foi em direção à escada, Jack fez o mesmo. Ela não olhou para trás em nenhum momento, fazendo-o concluir que era extremamente confiante ou estava com muitas coisas na cabeça.

Ele encurtou a distância entre os dois e sorriu-lhe.

— Quer uma ajuda com isso?

Os óculos escuros se viraram, nivelados com os olhos dele. Os lábios se curvaram num pequeno sorriso.

— Não. Posso levar tudo.

— Certo, mas vou subir mais alguns lances. Vim visitar minha tia. Eu não a vejo... nossa... há dois anos. Acabei de chegar à cidade esta manhã. Esqueci como é quente aqui em Washington.

Os óculos se viraram para a frente de novo.

— Não é o calor — disse ela, a voz seca como poeira. — É a umidade.

Jack riu daquilo, reconhecendo sarcasmo e irritação.

— Sim, é o que dizem. Passei os últimos anos em Wisconsin. Todavia, cresci aqui, mas tinha esquecido... Ei, deixe-me lhe dar uma ajuda.

Foi um movimento suave quando ela mudou a sacola de mão para inserir a chave na fechadura. Com a mesma suavidade, abriu-a.

— Não precisa — murmurou ela e começou a fechar a porta no rosto dele.

Jack deslizou para dentro como uma cobra, segurou-lhe o braço com firmeza e trancou a porta.

— Srta. O'Leary... — foi tudo que conseguiu dizer antes que ela usasse o cotovelo para

golpeá-lo no queixo. Jack praguejou, piscou para clarear a visão e esquivou-se de um chute na virilha. Mas tinha sido perto o bastante para fazê-lo mudar a abordagem rapidamente.

Explicações podiam muito bem esperar.

Ela e segurou, e ela girou em seus braços, pisou-lhe no pé com força o bastante para fazê-lo ver estrelas. E isso foi antes de lhe dar um soco no rosto com o punho fechado.

A sacola de compras tinha voado, e ela dava cada soco com a respiração ofegante. No começo, Jack bloqueou os socos, o que não foi uma tarefa fácil. Ela era obviamente treinada para combate — um pequeno detalhe que Ralph havia omitido.

Quando ela se contraiu numa posição de luta, ele fez o mesmo.

— Isso não lhe fará bem algum. — Jack detestava pensar que teria de golpeá-la, talvez machucar aquele queixo erguido e sexy. — Terei de levá-la, e preferia fazer isso sem machucá-la.

A resposta de M.J. foi um chute rápido na sua virilha, que ele gostaria de ter sido capaz de admirar a distância. Mas estava muito ocupado indo de encontro a uma mesa.

Nossa, ela era boa.

Jack esperou que M.J. fugisse para a porta, e se levantou rapidamente a fim de lhe bloquear o caminho. Mas ela meramente o circundou, os olhos escondidos atrás dos óculos escuros, a boca curvada numa expressão zangada.

— Venha, então — provocou. — Ninguém tenta me assaltar em minha própria casa e vai embora sem pagar por isso.

— Não sou um assaltante. — Ele chutou umas três peras maduras e firmes que haviam caído da sacola de compras. — Sou um caçador de fuggitivos e você está presa. — Jack ergueu uma das mãos sinalizando paz e, esperando que o olhar dela se movesse para sua mão, enganchou um pé sob a perna de M.J. e a derrubou.

Posicionou-se em cima dela então, e poderia ter apreciado as longas linhas do corpo esbelto pressionado sob o seu, mas o joelho de M.J. teve uma mira melhor que o chute inicial. Jack revirou os olhos, ofegou, enquanto a dor que somente um homem entendia irradiava-se em ondas alucinantes. Mas se recuperou e permaneceu ali.

Tinha a vantagem agora, e ela sabia disso. Na vertical, ela era rápida e tinha o alcance quase tão longo quanto o seu, e as chances eram mais equilibradas. Todavia, numa luta no chão, Jack era mais pesado e mais musculoso. Furiosa, ela cravou os dentes nos ombros dele, sentiu a adrenalina e a satisfação percorrerem seu corpo enquanto ele gemia de dor.

Eles rolaram no chão, os membros entrelaçados, mãos combatendo, até que colidiram com a mesinha de centro. Uma grande tigela azul cheia com bombons espatifou-se no chão. Um caco cortou o ombro de Jack, e o fez praguejar novamente. M.J. lhe deu um soco na lateral da cabeça, um outro na altura dos rins.

Ela estava começando a pensar que finalmente poderia dominá-lo quando ele a girou, deitando-a de bruços no chão. E antes que M.J. pudesse respirar, Jack prendeu-lhe as mãos atrás das costas e sentou-se sobre ela.

O fato de a respiração dele estar rasa e ofegante dava muito pouca satisfação a M.J. Pela primeira vez, ela estava seriamente assustada.

— Não sei por que você atirou no sujeito, quando podia ter apenas lhe dado uma boa surra — murmurou Jack. Enfiou uma das mãos no bolso de trás para pegar as algemas, praguejou novamente quando o encontrou vazio. Elas tinham caído durante a luta.

Continuou prendendo-a no chão enquanto recuperava o fôlego. Não tinha uma luta daquela magnitude com uma mulher desde que capturara Big Betsy. E ela pesava cem quilos de puro músculo.

— Ouça, as coisas só vão piorar para você dessa maneira. Por que não me acompanha calmamente, antes que estraguemos ainda mais o apartamento de seu amigo?

— Você está me machucando, seu idiota — disse ela entre dentes cerrados. — E este apartamento é meu. Se tentar me estuprar, vou cortar sua virilidade e entregá-la a você. Não sobrá parte sua para os policiais esfregarem os sapatos.

— Eu não forço mulheres, querida. Somente porque algum contador não pôde deixar as mãos longe de você, não significa que eu não possa. E a polícia não está interessada em mim. Quer você.

M.J. soltou o ar, tentou inspirar fundo, mas ele estava comprimindo seus pulmões.

— Não faço a menor ideia sobre o que você está falando.

Jack tirou os papéis do bolso, colocou-os diante do rosto dela.

— M.J. O'Leary ataca seriamente, com intenção de ferir, e coisa e tal. Ralph está muito desapontado com você, querida. Ele é um fiador profissional, e não esperava que uma mulher decente como você tentasse fugir.

Isso é um engano. — Ela podia ver seu nome e algum endereço do centro da cidade no que parecia ser uma ordem de prisão. — Você pegou a pessoa errada. Não pedi fiança para nada. Não fui presa e moro aqui. Policiais idiotas - murmurou e tentou golpeá-lo de novo. — Ligue para seu sargento ou para quem quiser. Esclareça isso. E quando o fizer, vou processá-lo.

— Boa tentativa. E suponho que você nunca ouviu falar de George MacDonald.

— Não, nunca ouvi falar.

— Então foi realmente rude de sua parte atirar nele. — Jack a soltou apenas o bastante para virá-la de frente, então segurou os dois pulsos com firmeza. Ela tinha perdido os óculos, notou, e os olhos não eram verde-musgo nem esmeralda, decidiu: eram verde-escuro, da cor de um rio sombreado. E, naquele momento, estavam cheios de fúria. — Ouça, se você quis ter um caso ardente com seu contador, querida, isso não é da minha conta. Se quis atirar nele, particularmente não me importo. Mas fugiu para não pagar a fiança. E, nesse caso, eu entro em ação.

M.J. podia respirar um pouco melhor agora, mas as mãos dele ainda eram como ataduras de aço em seus punhos.

— O nome do meu contador é Holly Bergman, e não tivemos um caso ardente. Não atirei em ninguém, e não fugi para não pagar a fiança porque não pedi fiador. Quero ver sua identidade.

Ele achou que era preciso muita coragem para fazer exigências numa posição como aquela.

— Meu nome é Dakota. Jack Dakota. Persigo devedores fugitivos.

Os olhos de M.J. se estreitaram enquanto lhe estudava o rosto. Achou que ele parecia ter saído diretamente de um faroeste. Um pistoleiro de olhos frios, um jogador rústico. Ou...

— Um caçador de recompensas. Bem, não há prêmio algum aqui, imbecil. — Não era um estupro e não era um assalto. O medo que quase a dominara se transformou em raiva. — Seu cretino. Você invade minha casa, quebra minhas coisas, arruina vinte dólares em frutas e tudo isso porque não pode seguir a trilha certa? Você se meteu numa fria, eu lhe garanto. Quando eu acabar, não será capaz de escrever o seu próprio nome. Não vai poder... — M.J. parou quando ele colocou uma foto diante dela.

Era o seu rosto e a fotografia poderia ter sido tirada no dia anterior.

— Tem uma irmã gêmea, O'Leary? Uma que dirige um MG 1968, placa SLAINTE, e que está atualmente dividindo um apartamento com um homem chamado Bailey James?

— Bailey é mulher — murmurou ela, olhando para o próprio rosto enquanto novas preocupações passavam por sua cabeça. Aquilo tinha a ver com Bailey e com o que Bailey lhe enviara pelo correio? Em que tipo de problema sua amiga estaria metida? — E este não é o apartamento dela. Não tenho uma irmã gêmea. — Fitou os olhos dele novamente. O que está acontecendo? Bailey está bem? Onde está Bailey?

Sob as mãos fechadas de Jack, a pulsação dela tinha acelerado. Estava lutando novamente, com uma nova energia que ele sabia ser causada por medo. E tinha certeza absoluta de que não era temor por si mesma que M.J. sentia.

— Não sei nada sobre esta Bailey, exceto que este endereço está listado no nome dela no papel.

Mas ele estava começando a pressentir alguma coisa, e não gostava daquilo. Já não pensava mais que M.J. O'Leary era burra como um poste. Uma mulher com um pouco de inteligência não teria deixado tantos caminhos abertos para ser perseguida se estivesse fugindo.

Ralph, pensou Jack, franzindo o cenho para M.J. Por que você estava tão nervoso esta manhã?

— Se está sendo sincera comigo, podemos confirmar isso rapidamente. Talvez a pessoa que digitou os nomes no papel tenha feito algum tipo de confusão. — Mas ele não acreditava realmente que fosse isso. E sentia um calafrio na base da coluna. — Ouça — começou no exato momento em que a porta foi quebrada e um gigante entrou.

— Você deveria tê-la tirado daqui — disse o gigante e balançou uma Magnum 357. — Está falando demais. Ele está esperando.

Jack não teve muito tempo para decidir o melhor modo de ação. O homem grande lhe era estranho, mas reconhecia o tipo. Parecia uma massa sem cérebro, com uma cabeça redonda enorme, olhos pequenos e ombros sólidos. A arma era tão grande quanto um canhão, e parecia um brinquedo nas mãos do gigante.

— Desculpe-me. — Jack apertou o pulso de M.J., esperando que ela entendesse aquilo como um sinal de confiança e permanecesse imóvel e quieta.

— Tive um pequeno problema aqui.

— É só uma mulher. Era esperado que você a levasse embora daqui.

— Sim, eu estava tentando fazer isso. — Jack tentou um sorriso amigável. — Ralph o

mandou para me ajudar?

— Vamos, levantem-se. Agora! Estamos indo.

— Claro. Sem problemas. Você não vai precisar da arma agora. Eu a tenho sob controle. — Mas a arma continuou apontada para sua cabeça, o cano monstruosamente grande.

— Só queremos a moça. — E o gigante sorriu, mostrando dentes enormes. — Não precisamos de você agora.

— Tudo bem. Suponho que você queira a papelada. — Por falta de alguma coisa melhor, Jack pegou uma lata de molho de tomate que estava em seu caminho e atirou-a, produzindo um som satisfatório quando o objeto pareceu triturar o grande nariz do homem. Abaixando-se, Jack se moveu à frente como um aríete. Quando golpeou o homem, a sensação foi muito parecida com bater a cabeça contra uma parede de tijolos, mas a força do golpe fez os dois tombarem para trás e caírem sobre uma cadeira.

A arma disparou, fazendo um buraco no teto antes de voar para o outro lado da sala.

M.J. pensou em fugir. Poderia ter saído pela porta e corrido antes que eles se desembaraçassem. Mas pensou em Bailey, sobre o que tinha dentro de sua bolsa a tiracolo. Sobre a confusão em que, de alguma maneira, havia se metido. E estava muito furiosa para fugir.

Foi em busca da arma e acabou caindo para trás quando colidiu com Jack, que já estava se levantando, saltando no ar e dando um chute duplo no estômago do homem.

Belo golpe, pensou M.J., e também se levantou. Pegou sua bolsa a tiracolo, virou-a ao contrário e bateu forte na cabeça redonda e brilhante do homem.

Ele caiu pesadamente sobre o sofá, quebrando as molas.

— Vocês estão destruindo a minha casa! — gritou ela, batendo na lateral do corpo de Jack, simplesmente porque podia alcançá-lo.

— Processe-me.

Sem sucesso, Jack tentou se esquivar do murro de um punho do tamanho de um barco. A dor percorreu cada osso de seu corpo quando seu oponente o golpeou contra uma parede. Quadros caíram, copos se estilhaçaram no chão. Através da visão nublada, viu a mulher agir, parecendo uma bola de fogo vermelha quando atacou as costas enormes do homem como uma praga de vespas. Ela usou os punhos cerrados, esmurrando-o enquanto ele se virava ferozmente e se esforçava para agarrá-la.

— Imobilize-o! — gritou Jack. — Droga. Apenas segure-o por um minuto!

Vendo uma abertura, Jack pegou o que tinha sobrado de um pé da mesa e se apressou. Checou o balanço de seu pulso enquanto o dueto girava como um pião louco de duas cabeças. Se fizesse aquilo, poderia errar e rachar a cabeça de M.J. ao meio.

— Eu disse para imobilizar!

— Quer que eu pinte um alvo no rosto dele enquanto faço isso? — Com um resmungo gutural, M.J. enganchou os braços na garganta do homem, fechou as pernas ao redor do torso que mais parecia uma barra de aço, e gritou: — Bata nele, pelo amor de Deus! Pare de enrolar e bata!

Jack segurou firme o bastão de madeira e golpeou a cabeça do gigante duas vezes. O pé da mesa lascou como um palito de dente e o sangue escorreu como água de uma fonte. M.J. teve tempo apenas de se afastar quando o homem tombou como uma árvore.

Ela ficou parada sobre as mãos e os joelhos por um minuto, recuperando o fôlego.

— O que está acontecendo? Que diabos está acontecendo?

— Não há tempo para se preocupar com isso — Com autopreservação em mente, Jack lhe pegou a mão e ajudou-a a se levantar. — Caras desse tipo geralmente não viajam sozinhos. Vamos.

— Vamos? — Ela pegou a alça da bolsa quando ele a puxou em direção à porta. — Para onde?

— Embora daqui. Ele ficará enlouquecido quando acordar, e se tiver um amigo, você não terá tanta sorte da próxima vez.

— Sorte uma ova. — Mas ela estava correndo com ele, movida por um instinto que combinava com o de Jack. — Seu cretino. Você invade meu lugar, me bate, quebra minha casa, quase me faz levar um tiro.

— Salvei sua pele.

— Eu salvei a sua! — gritou ela, praguejando furiosamente enquanto desciam as escadas. — E quando eu tiver um minuto para recuperar o fôlego, vou quebrá-lo em pedacinhos.

Desceram o primeiro lance, e quase colidir; com um dos vizinhos. Uma mulher, com cabelos que pareciam um capacete e chinelos de coelhinhos, encolheu-se, encostada contra a parede, as mãos pressionadas nas faces cobertas de ruge.

— M.J., o que está acontecendo? Eram tiros?

— Sra. Weathers...

— Não há tempo para isso. — Jack praticamente tirou-lhe os pés do chão e impulsionou-a para próximo patamar.

— Não grite comigo, seu idiota. Vou fazer você pagar por cada uva que esmagou, por cada abajur...

— Sim, sim, já entendi. Onde fica a porta dos fundos? — Quando M.J. apontou para o fundo do corredor, ele assentiu e ambos saíram, então rodearam a esquina do prédio. Escondido por alguns arbustos na frente, Jack deu uma olhada para os dois lados da rua. Havia uma van sem janela a menos de um quarteirão de distância, e um homem pequeno num terno barato ao lado do carro.

— Fique abaixada — ordenou Jack, grato por ter estacionado seu carro bem diante do edifício quando eles correram agachados. Ele praticamente jogou M.J. no banco da frente.

— Meu Deus, o que é isso? — Ela empurrou a lata em que tinha sentado em cima, chutou embalagens de alimentos para o chão, então se juntou às mesmas quando Jack pôs a mão sobre sua cabeça e empurrou-a.

— Abaixada — repetiu ele irritado, ligando o motor. Um leve ruído o informou de que o homem pequeno de terno barato estava usando a automática com silenciador que sacara.

Jack saiu do meio-fio em velocidade, virou a primeira esquina e pisou fundo no acelerador. Jogada como ovos numa caixa quebrada, M.J. bateu a cabeça no painel, praguejou, e tentou se equilibrar enquanto Jack manobrava o carro velho e enorme pelas ruas.

— O que você está fazendo, pelo amor de Deus?

— Salvando sua pele mais uma vez, querida. - Os olhos dele foram para o espelho retrovisor quando virou à direita de maneira brusca e violenta. Algumas crianças andando de bicicleta na calçada ergueram as mãos e aplaudiram a manobra. Numa reação instantânea, Jack deu um sorriso.

— Diminua a velocidade desta lata velha. — M.J. teve de voltar rastejando para o assento e agarrar um espeto de frango para se equilibrar. — E deixe-me descer antes que você atrolepe alguma criança passeando com o cachorro.

— Não vou atropelar ninguém, e você vai ficar onde está. — Ele lhe lançou um rápido olhar.— Caso não tenha notado, o homem com a van estava atirando em nós. E assim que eu me certificar de que nos livramos dele e encontrar algum lugar calmo para nos escondermos, você vai me contar o que está acontecendo.

— Não sei o que está acontecendo. Ele lhe lançou um olhar.

— Isso é mentira.

Porque tinha certeza de que era, Jack arriscou. Voltou para o meio-fio, pôs a mão embaixo do seu banco e pegou um par de algemas. Antes que M.J. tivesse tempo de piscar, algemou-a à maçaneta da porta. De jeito nenhum ela escaparia antes que ele soubesse por que tinha apanhado de um gorila de 150 quilos.

Para bloquear os gritos dela, e suas pragas e ameaças incrivelmente imaginativas, Jack aumentou o volume do CD player e a ignorou.

Na primeira oportunidade, ela iria matá-lo. Brutalmente, decidiu M.J. Sem piedade. Duas horas antes daquilo, estava feliz, livre, andando pelo supermercado como qualquer pessoa normal num sábado, apertando tomates. Verdade, tinha se sentido muito curiosa sobre o que carregava no fundo da bolsa, mas estivera certa de que Bailey tinha um bom motivo — e uma explicação lógica — para ter lhe enviado aquilo.

Bailey James sempre tinha bons motivos e explicações lógicas para tudo. Aquela era uma das características que M.J. adorava em sua amiga.

Mas agora estava preocupada... preocupada que o pacote que Bailey lhe enviara pelo correio no dia anterior não estivesse apenas no fundo de sua bolsa, mas fosse o motivo da situação atual.

Preferia culpar Jack Dakota.

Ele havia forçado a entrada em seu apartamento e a atacado. Certo, então talvez ela tivesse atacado primeiro, mas era uma reação natural quando algum cafajeste tentava perturbar você. Pelo menos era a reação natural de M.J. Era especialista em dar socos primeiro e fazer perguntas depois.

Tinha sido humilhante quando ele conseguira derrubá-la. Estava no quinto grau da faixa preta em caratê, e não gostava de perder uma luta.

Mas o faria pagar por isso mais tarde.

Tudo que sabia ao certo era que Jack parecia ser a origem de toda aquela situação. Por causa dele, seu apartamento estava arruinado, suas coisas jogadas para todo lado. Agora, eles tinham fugido, deixando a porta da frente aberta, a fechadura quebrada. M.J. não era apegada às coisas materiais, mas essa não era a questão. Eram as suas coisas e, graças a ele, teria de perder tempo comprando peças para substituição.

O que era quase tão ruim quanto ter um brutamontes do tamanho do Texas arrombando sua porta, ter de fugir de sua própria casa e quase levar um tiro.

Mas tudo isso não era absolutamente nada comparado ao fato desesperador: estava algemada à maçaneta da porta de um Oldsmobile.

Jack Dakota tinha de morrer por isso.

Quem era ele, afinal de contas?, perguntou-se. Caçador de recompensas, excelente lutador, negligente, acrescentou enquanto empurrava papéis de chocolates e copos descartáveis ao redor de seus pés, e um motorista e tanto. Em outras circunstâncias, ela teria ficado impressionada pela maneira como ele dirigia um carro daquele tamanho, balançando nas curvas, cantando pneus ao virar as esquinas passando em sinais amarelos e pisando fundo no acelerador na Washington Beltway, como se fosse líder numa corrida.

Se ele tivesse entrado em seu pub, ela teria olhado duas vezes, admitiu com raiva. Dirigir um bar numa cidade grande significava mais do que ser capaz de misturar drinques e fazer a contabilidade. Significava ser capaz de classificar as pessoas rapidamente, distinguir os desordeiros dos corações solitários. E saber como lidar com ambos.

Ela o teria rotulado como um cliente difícil. Estava no rosto dele. Um rosto muito bom, no

geral, forte e bonito. Sim, teria de olhar duas vezes, pensou, com os dentes cerrados, enquanto olhava pela janela do carro em velocidade. Rapazes bonitos não a interessavam muito. Preferia um homem que parecia ter vivido, passado de alguns limites, e que passaria de alguns outros mais.

Jack Dakota preenchia os requisitos. M.J. tinha visto aqueles olhos bem de perto, acinzentados como granito, e sabia que ele não era do tipo que deixava algumas regras interferirem em seu caminho.

O que um homem como ele faria se soubesse que havia uma verdadeira fortuna em sua velha bolsa de couro?

Que coisa, Bailey! M.J. fechou o punho da mão livre e bateu-a irritadamente contra o joelho. Por que você me mandou o diamante, e onde estão os outros dois?

Ela se censurou também por não ter ido direto para o apartamento de Bailey depois de fechar o M.J.'s na noite anterior. Mas sentia-se cansada, e imaginara que Bailey estivesse dormindo. E, uma vez que sua amiga era a pessoa mais prática e estável que conhecia, simplesmente decidira esperar pelo que sabia ser um motivo prático e sensato.

Tola, dizia a si mesma agora. Por que havia presumido que Bailey lhe enviara a pedra apenas porque sabia que estaria em casa no meio do dia para receber a encomenda? Por que presumira que a pedra era falsa, uma cópia, mesmo quando o bilhete que a acompanhava pedisse que mantivesse a pedra consigo durante o tempo todo?

Porque Bailey simplesmente não era o tipo de mulher que enviava um diamante azul no valor de mais de um milhão de dólares pelo correio, sem aviso ou explicações. Ela era gemologista, especialista em pedras preciosas, e era dedicada, brilhante e paciente. De que outra maneira poderia continuar a trabalhar para as pessoas idiotas que fingiam ser sua família?

Sua boca se contraiu quando pensou nos meios-irmãos de Bailey. Os gêmeos Salvini sempre tinham tratado Bailey como se ela fosse uma inconveniência, alguém que precisavam aguentar porque o pai deles deixara para ela uma porcentagem de seus negócios no testamento. E, cegamente leal à família, Bailey sempre encontrava desculpas para os irmãos.

Agora M.J. se perguntava se eles faziam parte do que estava acontecendo. Haviam tentado alguma trapaça? Ela não duvidava realmente das más intenções dos Salvini, mas era difícil acreditar que Timothy e Thomas Salvini seriam estúpidos o bastante para tentar se apoderar das Três Estrelas de Mithra.

Era assim que Bailey chamava as pedras, e sempre com uma expressão sonhadora nos olhos. Os três diamantes azuis inestimáveis que uma vez haviam estado nas mãos abertas de uma estátua do deus Mithra, e que agora eram propriedade do museu Smithsonian, com a reputação de Bailey por trás, para acessar, verificar e avaliar as pedras.

E se os idiotas tivessem decidido ficar com elas?

Não, aquilo era muita loucura, decidiu M.J. Era melhor acreditar que tudo não passava de uma grande confusão, um erro de identidade.

Muito melhor se concentrar em como se vingaria de Jack Dakota por ter arruinado sua tarde.

— Você é um homem morto — disse ela calmamente, saboreando as palavras.

— Sim, bem, todos morrem mais cedo ou mais tarde. — Ele estava dirigindo para o sul na estrada 95, e grato por ela ter parado de xingá-lo tempo o bastante para deixá-lo pensar.

— No seu caso, vai ser mais cedo, Jack. Muito mais cedo. — Apesar do feriado prolongado de Quatro de Julho, o trânsito estava fluindo bem.

O quão humilhante seria, perguntou-se ela, colocar a cabeça para fora da janela e pedir por socorro? Mortificante, supunha, mas poderia ter tentado isso se acreditasse que daria certo. Era melhor se surgisse um daqueles acidentes inexplicáveis e eles ficassem parados no trânsito com o motor desligado por horas.

Onde estavam os policiais rodoviários e os curiosos que adoravam ver acidentes quando ela mais precisava deles?

Não vendo nada além de estrada e carros por quilômetros, decidiu que lidaria com Jack Dakota, "O Idiota", sozinha.

— Se você quer viver para ver mais um dia nascer, pare este carro velho, tire minhas algemas e me deixe ir.

— Ir para onde? — Ele tirou os olhos da estrada apenas tempo o suficiente para olhá-la. — Vai voltar para seu apartamento?

— Isso é problema meu, não seu.

— Não mais, amiga. Levo a sério, muito a sério, quando alguém atira em mim. Uma vez que você parece ter sido o motivo disso, vou mantê-la comigo por um tempo.

Se não estivessem a 110 quilômetros por hora, ela o teria socado. Em vez disso, agitou a mão com a algema.

— Tire essa coisa de mim.

— Não.

Um músculo se contraiu no maxilar de M.J.

— Você foi longe demais, Dakota. Estamos na Virgínia. Isto é sequestro, cruzar as divisas do estado. É crime federal.

— Você vem comigo — apontou ele. — Agora vai ficar comigo até que eu entenda o que está acontecendo. — As portas rangeram de forma ameaçadora quando Jack fez uma curva em velocidade. — E deveria estar agradecida.

— Oh, eu deveria estar agradecida. Você invade meu apartamento, bate em mim, destrói minhas coisas e me algema à maçaneta de uma porta.

— Exatamente. Se eu não tivesse feito isso, você provavelmente estaria deitada naquele apartamento agora com uma bala na cabeça.

— Eles foram atrás de você, não de mim.

— Acho que não. Minhas dívidas estão pagas, não estou saindo com a esposa de outro homem, e não irritei ninguém ultimamente. Exceto você. Ninguém tem motivos para mandar um homem musculoso atrás de mim. Você, por outro lado... — Ele olhou para o rosto dela novamente. — Alguém quer matá-la, querida.

— Centenas de pessoas querem isso — disse ela e então estendeu as pernas longas quando

se virou para ele.

— Posso apostar — Ele não resistiu ao impulso de olhar para aquelas pernas; só conseguia pensar nelas. — Mas além dos assassinos de aluguel sem cérebro, há alguém realmente interessado. Interessado o bastante para armar uma cilada para mim, e me levar com você. Ralph, o cretino.

Jack empurrou de lado um exemplar de Vinhas da ira e uma camiseta rasgada e alcançou o telefone do carro. Dirigindo apenas com uma das mãos, discou os números e pôs o aparelho sob o queixo.

— Ralph, o cretino — repetiu quando o telefone foi atendido.

— D-D-Dakota? É você? Pegou aquela fugitiva? — gaguejou Ralph.

— Quando achar que estou fora desta confusão, eu a levarei para você.

— Sobre... sobre o que você está falando? En-controu-a? Ouça, é um plano simples, Jack. Eu lhe o-o-ofereci um bom negócio. Apenas a-a-algumas horas de trabalho por um pagamento total.

— Você está gaguejando mais do que de costume, Ralph. Isso não será mais problema depois que eu quebrar os seus dentes. Quem quer a mulher?

— Ouça, eu-eu-eu... estou com problemas aqui. Preciso fechar mais cedo. É o fim de semana do feriado. Tenho problemas p-p-pessoais.

— Não tem onde se esconder. Por que a papelada falsa? Por que armou esta cilada para mim?

— Estou com p-p-problemas. Grandes problemas.

— Eu sou seu maior problema no momento. — Ele ultrapassou um conversível e pegou a pista de maior velocidade. — Se a pessoa que está por trás disso estiver tentando rastrear essa ligação, estou no meu carro, apenas rodando sem rumo. — Pensou por um momento, então acrescentou: — E estou com a mulher.

— Jack, ouça. O-o-ouça. Diga onde está, abandone-a e f-f-fuja. Apenas dirija. Fique fora disso. Eu não teria escolhido você para este trabalho se não soubesse que podia lidar com a situação. Agora estou lhe dizendo, esconda-a em algum lugar; dê-me a sua l-l-localização e dirija para longe. Você não quer isso.

— Quem a quer, Ralph?

— Você não p-p-precisa saber. Não vai querer saber. Apenas f-f-faça isso. Eu lhe pago cinco mil a mais pelo serviço. Um b-b-bônus.

— Cinco mil? — Jack arqueou as sobrancelhas. Quando Ralph decidia dar um bônus, era generoso. — Aumente para dez, conte quem quer a mulher e podemos fazer um acordo.

Agradou-o que M.J. protestou com diversas pragas e ameaças. Aquilo adicionava substância ao blefe.

— D-d-dez mil! — murmurou Ralph gaguejando por dez segundos. — Certo, certo, dez mil dólares, mas sem nomes, e a-a-acredite em mim, Jack, eu estou salvando sua vida. Apenas me diga onde você vai escondê-la.

Sorrindo, Jack mandou Ralph para "aquele lugar", então desligou.

— Bem, querida, sua localização agora vale dez mil dólares para mim. Vamos encontrar um lugar tranquilo, onde você possa me contar por que não devo aceitar esse dinheiro.

Ele pegou uma saída na estrada, fez um retorno e se dirigiu para o norte.

A boca de M.J. estava seca. Queria acreditar que era de tanto gritar, mas havia um medo lhe comprimindo a garganta.

— Para onde você vai?

— Apenas cobrindo meus rastros. Eles não conseguiriam muitas pistas através de um celular, mas não custa nada ser cuidadoso.

— Você vai me levar de volta?

Jack não a olhou e não sorriu. Mesmo que a evidência de nervosismo na voz dela o agradasse. Se M.J. ficasse assustada o bastante, falaria.

— Dez mil é um bom incentivo, querida. Vamos ver se pode me convencer de que vale mais viva.

Jack sabia exatamente pelo que estava procurando. Escolheu as estradas secundárias, enfrentando o trânsito do feriado. Tinha esquecido de que era o fim de semana de Quatro de Julho. O que não fazia muita diferença, pensou, uma vez que, aparentemente, não haveria muitas oportunidades para tomar aquela cerveja gelada e assistir à queima dos fogos de artifício.

A menos que isso viesse da mulher ao seu lado.

Ela era um fogo de artifício. Devia estar com medo a essas alturas, mas estava se controlando. Jack sentia-se grato por isso. Não havia nada mais irritante que uma mulher chorona. Todavia, com medo ou não, Jack tinha certeza que ela tentaria se livrar dele na primeira oportunidade.

E não pretendia lhe dar uma.

Com alguma sorte, assim que estivessem acomodados, teria a história completa de M.J. dentro de poucas horas.

Então talvez a ajudasse a sair daquela enrascada. Por uma remuneração, é claro. Podia ser uma gratificação pequena, porque, àquela altura, estava irritado e achava que adquirira o direito de lidar com a pessoa que havia armado aquela confusão.

Quem quer que fosse, teria muitos problemas. Mas eles não tinham escolhido muito bem seus assassinos de aluguel. Jack podia imaginar a trama bem o bastante. Uma vez que ele capturasse sua presa e a tivesse segura em seu carro, os homens na van os teriam perseguido na estrada até que conseguissem pegar M.J. Jack teria imaginado que aquela era uma ação de algum caçador de recompensas concorrente, e, embora não fosse desistir sem uma luta, teria ficado em desvantagem numérica e com menos poder de fogo.

Caçadores de fugitivos não iam chorando para os policiais quando um concorrente roubava sua recompensa.

Os capangas poderiam deixá-lo com alguns arranhões, talvez uma pequena concussão. Mas,

do jeito que o brutamontes balançara aquele canhão no apartamento de M.J., Jack achou que era mais do que provável que acabasse com um buraco em alguma parte vital do corpo.

Afinal, o brutamontes tinha sido um idiota.

Então, naquele momento, Jack estava fugindo com uma mulher zangada, um pouco mais de 300 dólares no bolso e um quarto de tanque de gasolina.

Pretendia saber o motivo.

Avistou o que estava procurando ao norte de Leesburg, Virgínia. Apesar de ser uma espelunca dilapidada, o motel rebaixado, com a tinta descascada nas portas verdes e o estacionamento esburacado, combinava perfeitamente com os requisitos de Jack.

Ele parou bem no final do estacionamento, longe dos outros carros enferrujados que estavam perto de onde era feito o registro, e desligou o motor.

— É para cá que você traz todas as suas namoradas, Dakota?

Ele lhe sorriu, um sorriso rápido e inesperadamente charmoso.

— Somente primeira classe para você, querida. Ele sabia exatamente o que ela estava pensando. No minuto em que a soltasse, M.J. ficaria toda mansa e dócil. E se pudesse descer do carro, correria em direção à saída do estacionamento com tanta velocidade quanto aquelas longas pernas pudessem carregá-la.

— Não espero que você acredite em mim. — Jack falou casualmente enquanto se inclinava para soltar a alavanca da maçaneta. — Mas não vou gostar disso.

Ela estava preparada. Ele podia sentir o corpo de M.J. tenso para a fuga. Tinha de ser rápido, e rude. Ela mal havia respirado quando ele lhe segurou as mãos e as prendeu com as algemas atrás do corpo. M.J. inalou o ar no momento em que Jack colocou uma das mãos sobre sua boca.

Ela resistiu, lutou, fazendo movimentos bruscos, tentando erguer as pernas para chutar, mas Jack a segurou no assento, deitou-a de bruços sobre os dois bancos. Estava quase sem fôlego no momento em que amarrou a bandana sobre a boca de M.J.

— Eu menti. — Ofegando, ele esfregou a área dolorida onde o cotovelo dela havia atingido suas costelas. — Talvez tenha gostado um pouco.

Jack usou a camiseta rasgada para lhe amarrar as pernas, tentando não apreciar demais a extensão e o formato delas. Mas, que coisa, era apenas humano. Depois que a teve amarrada e bem presa, enganchou a corrente das algemas ao redor da alavanca do câmbio e, então, fechou os vidros.

— Está muito calor, não está? — disse Jack como quem estava puxando conversa. — Bem, não vou demorar. — Trancou o carro e saiu assobiando.

Levou um momento para que M.J. recuperasse o equilíbrio. Estava com medo, admitiu. Com muito, muito medo, e não podia lembrar se alguma vez já sentira aquele pânico que parecia entorpecer a mente. Um pânico que não a ajudaria a sair da situação terrível em que se encontrava.

Certa vez, quando tinha acabado de abrir seu pub, ficara sozinha para fechar o bar tarde da noite, quando um homem havia entrado e exigido dinheiro. Ficara com medo também,

apavorada pelo olhar selvagem no rosto do homem, que obviamente estava drogado. Então, tinha aberto a caixa registradora, exatamente como a polícia recomendava.

Em seguida, golpeara a cabeça do homem com um bastão grosso e pesado que guardava atrás do bar.

Havia ficado assustada, mas lidara com aquilo.

Lidaria com isso, também.

A mordaca tinha gosto de homem e aquilo a enfurecia. Não podia empurrá-la, movê-la ou tirá-la, então desistiu e se concentrou em tentar se livrar das algemas. Se pudesse soltar as mãos do câmbio, poderia erguer o corpo, dobrar as pernas e conseguir alguma mobilidade.

Era ágil, disse a si mesma. Era forte e esperta. Oh, Deus, estava com medo. Gemeu e choramingou em frustração. As algemas podiam muito bem estar cimentadas ao câmbio.

Se pelo menos pudesse ver, se pudesse girar um pouco o corpo e ver o que estava fazendo. Esforçou-se para isso, praticamente deslocando o ombro, até que conseguiu girar. O suor parecia ferver sobre seu corpo, pingando em seus olhos enquanto puxava as algemas de aço.

Ela parou, fechou os olhos e recuperou o fôlego. Usou os dedos trêmulos para experimentar, para traçar ao longo do aço, escorregar sobre a extensão da alavanca de câmbio. Mantendo os dedos fechados, visualizou o que estava fazendo, devagar e com cuidado, movendo as mãos até que sentiu o aço começar a escorregar. Seus ombros doeram quando os forçou para uma posição não natural, mas mordeu a bandana e girou.

Sentiu alguma coisa ceder; esperou que não fosse uma articulação, então tombou exausta e suada quando as algemas se soltaram do cano.

— Nossa, você é boa — comentou Jack enquanto abria a porta. Pegou-a e jogou-a sobre seu ombro. — Mais cinco minutos e poderia ter aberto as algemas. — Carregou-a para um quarto no fim do bloco de concreto. Já tinha aberto a porta e parou por um minuto para observar, e admirar, os esforços de M.J. antes de voltar para o carro.

Jogou-a sobre a cama. Porque a adrenalina estava de volta e ela lutava contra ele, Jack simplesmente deitou-se sobre as costas dela, deixando-a se agitar e se debater até que estivesse exausta.

E gostou daquilo, também. Não estava orgulhoso do que fizera, pensou, mas gostava de vê-la lutando. A mulher tinha uma energia incrível e muita resistência. Se tivessem se conhecido sob circunstâncias diferentes, talvez pudessem ter rasgado aqueles lençóis de motel barato como maníacos e se separado como amigos.

Contudo, na situação atual, seria muito difícil não imaginá-la nua.

Talvez ficasse deitado sobre ela, sentindo seu aroma, apenas um pouco mais de tempo do que o necessário. Não era santo, afinal, era?, perguntou a si mesmo com raiva enquanto soltava uma das mãos de M.J. e prendia a alagem a cabeceira de ferro.

Jack se levantou, passou uma das mãos pelos cabelos.

— Você está tornando esta situação mais difícil do que o necessário para nós dois — murmurou ele, e os olhos verdes de M.J. o fitaram com fúria. Jack estava sem fôlego e sabia que não podia culpar inteiramente o último pequeno combate por isso. O traseiro firme dela pressionado contra seu sexo o tinha deixado desconfortavelmente excitado.

E não queria estar excitado.

Virando-se de costas para ela, Jack ligou a televisão, o volume alto. M.J. já tinha tirado a mordação com sua mão livre e estava sibilando como uma cobra.

— Você pode gritar quanto quiser agora — disse ele enquanto pegava uma pequena faca e cortava o fio do telefone. — Os três quartos abaixo deste estão vazios. Portanto, ninguém vai escutá-la. — Então sorriu. — Além disso, escrevi na ficha de registro que estamos em lua de mel. Logo, mesmo que eles ouçam, não irão nos incomodar. Volto num minuto.

Ele saiu e fechou a porta.

M.J. cerrou os olhos novamente. Meu Deus, o que estava lhe acontecendo? Por um momento, apenas por um momento insano, quando Jack a pressionara no colchão com o seu corpo, ela se sentira fraca e quente. De desejo.

Aquilo era doentio, doentio, doentio.

Mas apenas por aquele único momento insano, havia se imaginado nua nos braços dele, beijando-o, as mãos fortes dele sobre seu corpo.

Mais! Tinha desejado isso!

M.J. deu de ombros, rezando para que o desejo fosse algum tipo de reação estranha ao choque.

Não era uma mulher que fugia de sexo bom, ardente e saudável. Mas não se entregava a estranhos, a homens que a machucavam, a amarravam e a jogavam na cama de um motel barato.

E Jack havia ficado excitado. Ela não estava tão atordoada pelo choque a ponto de não perceber a reação dele. Que coisa, o homem lhe cobrira o corpo com o seu, não cobrira? Mas tinha recuado.

M.J. se esforçou para tranquilizar a respiração. Ele não ia estuprá-la. Não queria sexo. Queria... só Deus sabia o quê.

Não sinta, ordenou a si mesma. Apenas pense. Clareie a mente e raciocine.

Vagarosamente, abriu os olhos, deu uma olhada ao redor do quarto.

Era, em uma palavra, abominável.

Obviamente, alguma alma desviada tinha pensado que usar uma combinação das cores laranja e azul transformaria o pequeno quarto mobiliado pobremente em um ambiente exótico.

Tal pessoa não poderia estar mais errada.

As cortinas eram tão finas quanto papel, e pareciam ser da mesma consistência. Mas estavam fechadas sobre a janela estreita, então o quarto se encontrava quase na total escuridão.

A televisão exibia um filme de Hércules mal dublado, em seu débil pedestal cinza. A única cômoda possuía diversas manchas de água. Havia uma caixa de metal ao lado da cama.

O cinzeiro de vidro amarelo sobre o criado-mudo estava lascado, e não parecia pesado o bastante para se tornar uma arma efetiva. Mesmo sobre a voz dublada de Hércules, M.J. podia ouvir o ruído do ar-condicionado, que não estava fazendo absolutamente nada para esfriar o ambiente.

O quadro perto de uma porta estreita, provavelmente o banheiro, era uma reprodução espalhafatosa de uma paisagem interiorana no outono, completa com um estábulo vermelho berrante e vacas ridículas.

Estendendo o braço, M.J. testou o abajur ao lado da cama. Era de vidro azul brilhante, com uma cúpula suja e amarelada, mas tinha algum peso. Poderia ser útil.

Ela ouviu o barulho da chave e colocou o abajur sobre o criado-mudo novamente, olhou para a porta.

Ele entrou com uma geladeira portátil vermelha e branca e colocou-a sobre a cômoda. O coração de M.J. acelerou quando viu sua bolsa pendurada sobre o ombro de Jack, mas ele a jogou no chão ao lado da cama tão casualmente que ela voltou a relaxar.

O diamante ainda estava seguro, pensou. Assim como o bastão pesado, o abridor de garrafas e o cilindro de moedas que carregava como armas.

— Nada melhor que um filme muito ruim — comentou ele e parou para ver Hércules combater diversos guerreiros em peles de animais e dentes podres. — Sempre me perguntei onde eles sugerem o diálogo. Sabe, era realmente tão ruim quando o roteiro era em lituano ou qualquer coisa assim, ou isso é perdido na tradução?

Dando de ombros, Jack andou até a geladeira, abriu-a e pegou dois refrigerantes.

— Imagino que esteja com sede. — Ele se aproximou, ofereceu-lhe uma lata. — E você não é do tipo de se fazer de orgulhosa. — Sua suposição foi provada quando ela pegou a lata e bebeu com voracidade. — Este lugar não tem serviço de quarto — continuou. — Mas há um restaurante na esquina, então não passaremos fome. Quer alguma coisa agora?

M.J. o olhou por sobre o topo da lata.

— Não.

— Ótimo. — Ele se sentou na lateral da cama, acomodou-se e sorriu-lhe. — Vamos conversar.

— Conversar com você é tão improvável quanto eu beijá-lo.

Jack suspirou.

— Um beijo seria tentador, querida. Mas não estou pensando nessa linha. — Ele lhe deu um tapinha amigável na coxa. — Agora, da maneira como vejo as coisas, estamos ambos presos aqui, e você tem a chave. Uma vez que me disser quem a está perseguindo, vou lidar com isso.

O pior da sede de M.J. já fora saciado, e ela bebia lentamente. A voz era repleta de sarcasmo.

— Você vai lidar com isso?

— Sim. Considere-me seu herói. Como o velho Hércules ali. — Ele apontou um dedo para a cena diante de si. — Você me conta tudo, então eu vou cuidar dos bandidos. Depois lhe mando a conta. E se quiser me beijar depois, aceitarei também.

— Vamos ver. — Ela inclinou a cabeça para trás, manteve os olhos ao nível dos dele. — O que mesmo você mandou seu amigo Ralph fazer? Oh, sim. — M.J. uniu os lábios e repetiu o xingamento bem devagar.

Jack apenas meneou a cabeça.

— Isso é jeito de falar com um homem que continua evitando que você leve um tiro na cabeça?

— Eu continuo evitando que você leve um tiro na cabeça, amigo, embora tenha sérias dúvidas se a bala atingiria seu cérebro, uma vez que é claramente tão pequeno. E você me recompensa com maus-tratos, me amarrando, me amordaçando e me jogando num motel de quinta categoria pago por hora.

— Garantiram que aqui é um estabelecimento familiar — disse ele secamente. Nossa, ela era uma fera, pensou. Agredindo-o com palavras apesar da vantagem de Jack, desafiando-o, apesar de não ter esperança de ganhar o jogo. E incrivelmente sexy no jeans apertado e camiseta amassada. — Pense nisso — murmurou ele. — Aquele gigante sem cérebro disse alguma coisa sobre eu estar demorando muito, falando demais, o que me faz acreditar que eles estavam ouvindo da van. Deviam ter um equipamento de vigilância, e ele ficou impaciente. Caso contrário, se você tivesse me acompanhado como uma boa menina, eles teriam nos parado em algum ponto e pego você. Não queriam envolvimento direto ou testemunhas.

— Você seria uma testemunha — M.J. o corrigiu.

— Nada significativo. Eu teria ficado nervoso por ter um outro caçador de recompensas roubando meu serviço, mas no meu ramo as pessoas não apelam para a polícia. Eu teria perdido minha remuneração, desperdiçado meu dia, talvez descontado em Ralph. Essa é a maneira como eles imaginaram que as coisas aconteceriam, de qualquer forma. E Ralph provavelmente teria me oferecido algum outro trabalho para me manter feliz.

A expressão dos olhos de Jack mudou, tornando-se dura novamente. E fria.

— Alguém está com a faca no pescoço dele. E quero saber quem.

— Eu não poderia dizer. Não conheço seu amigo Ralph..

— Ex-amigo.

— Não conheço o gorila que quebrou minha porta, e não conheço você. — Ela ficou satisfeita por sua voz soar calma, sem tremer nem um pouco. — Agora, se me soltar, irei levar tudo isso à polícia.

Os lábios de Jack se contorceceram.

— Essa é a primeira vez que você menciona a polícia, querida. E está blefando. Você não quer os policiais envolvidos nisso. O que é uma outra questão.

Ele tinha razão quanto àquilo. Ela não queria envolver a polícia, não até que falasse com Bailey e soubesse o que estava acontecendo. Todavia, deu de ombros, olhou em direção ao telefone com o fio cortado.

— Você poderia pagar para ver se estou blefando se não tivesse estragado o telefone.

— Você não ligaria para a polícia, mas para quem quer que ligasse, esta pessoa poderia estar com o telefone grampeado. Eu não teria todo esse trabalho de nos esconder aqui para que descobrissem nossa localização. — Jack inclinou-se, segurou-lhe o queixo na mão. — Para quem você ligaria, M.J.?

Ela manteve os olhos firmes, lutando para ignorar o calor dos dedos dele, a textura da pele

de Jack contra a sua.

— Para meu namorado — disse ela. — Ele o cortaria em pedacinhos. Arrancaria seu coração, então lhe mostraria enquanto ainda estivesse batendo.

Jack sorriu, aproximou-se um pouquinho mais. Simplesmente não podia resistir.

— Qual é o nome dele?

A mente de M.J. estava totalmente em branco agora. Fitou aqueles olhos acinzentados por um momento, então afastou a mão dele de seu rosto.

— Hank. Ele vai parti-lo ao meio e jogá-lo para os cachorros quando descobrir o que você fez comigo.

Jack riu, enfurecendo-a.

— Você pode ter um namorado, querida. Pode ter uma dúzia deles. Mas não tem um chamado Hank. Demorou demais para responder. Tudo bem, se não quer falar e confiar em mim para cuidar disso e nos tirar dessa enrascada, pegaremos uma outra rota.

Ele se levantou, inclinou-se para mais perto. Ouviu a respiração de M.J. acelerar quando se abaixou para pegar a bolsa. Sem uma palavra, jogou os conteúdos sobre a cama. Já tinha removido as armas.

— Você alguma vez usa este abridor de garrafas para mais do que abrir uma cerveja? — perguntou ele.

— Como você ousa? Como ousa mexer nas minhas coisas!

— Oh, acho que isso é insignificante depois do que passamos juntos. — Ele pegou o saquinho de veludo, escorregou a pedra para a mão, onde brilhou como fogo, apesar do ambiente escuro.

Jack admirou a pedra, como tinha sido incapaz de fazer no carro, quando vasculhara-lhe a bolsa. Era brilhante e profundamente azul, grande como um ovo e lindamente lapidada. Teve uma sensação estranha enquanto segurava a pedra na mão, uma necessidade estranha de protegê-la. Quase tão inexplicável, pensou, quanto sua estranha necessidade de proteger aquela mulher atrevida e ingrata.

— Então? — Ele se sentou, jogou a pedra para cima, pegou-a. — Conte-me sobre isso, M.J. Como você pôs as mãos num diamante azul grande o bastante para asfixiar um gato?

As opções giraram na mente de M.J. A mais simples e satisfatória, pensou, era fazê-lo de bobo.

— Você está louco? — Ela fez uma careta e o ridicularizou. — Sim, isso é um diamante, certo, um grande diamante azul. Posso carregar um diamante verde no meu porta-luvas, e um vermelho em minha outra bolsa. Ganho todos os lucros de meu pub em diamantes. E uma fraqueza.

Ele a estudou, preguiçosamente jogando a pedra no ar e pegando-a. M.J. parecia irritada, decidiu. Arrogante.

— Então, o que é isso?

— Um peso de papel, pelo amor de Deus. Jack esperou um pouco.

— Você carrega um peso de papel na bolsa? Que coisa!

— Foi um presente — disse ela, o nariz empinado no ar.

— Sim, do grande Hank, sem dúvida. — Ele se levantou, casualmente olhando o resto dos conteúdos que tinha derrubado sobre a cama. — Vamos ver, além do cassetete...

— É um cilindro para moedas — corrigiu ela.

— O efeito é o mesmo. Além do bastão pesado, um abridor que duvido que use para abrir garrafas, temos uma agenda eletrônica, uma carteira com mais fotos do que dinheiro...

— Não gosto que você mexa em meus pertences pessoais.

— Processe-me. Uma garrafa de água decorada, seis canetas, quatro lápis. Um delineador, fósforos, chaves, dois óculos escuros, uma brochura do último livro de Sue Grafton... um bom livro, a propósito. — Ele o jogou para ela. — Um celular - guardou este no bolso de trás da calça. — Aproximadamente três dólares em moedas, e uma caixa de preservativos. — Jack arqueou uma sobrancelha. - Fechada. Mas, então, nunca se sabe.

Calor, uma combinação de mortificação e fúria, arrepiou a nuca de M.J.

— Depravado.

— Eu diria que você é uma mulher que acredita estar preparada. Então, por que não carregar um peso de papel na bolsa? Você pode se deparar com uma pilha de papéis que precisa ser presa. Isso acontece o tempo todo.

Ele fez alguns movimentos para reunir os itens espalhados e voltar a guardá-los na bolsa. Então, colocou-a de lado.

— Não vou perguntar que tipo de tolo você me considera, porque já tenho uma ideia. — Movendo-se para o espelho sobre a cômoda, Jack raspou a pedra diagonalmente contra o vidro, deixando uma marca longa e fina. — Eles não fazem mais espelhos de motel como antigamente — comentou ele, depois voltou e se sentou na cama ao lado dela. — Agora, voltemos à minha pergunta original: o que está fazendo com um diamante azul grande o bastante para asfixiar um gato?

Quando ela não respondeu, Jack segurou-lhe o queixo na mão e moveu o rosto de M.J. para o seu.

— Ouça, amiga, eu poderia prendê-la novamente, deixá-la aqui e ir embora com seu peso de papel de um milhão de dólares. Esta é a opção número um. Posso relaxar, assistir um filme e esperar; porque, mais cedo ou mais tarde, você vai me dizer o que quero saber. Esta é a opção número dois. Na opção número três, você me conta agora por que está carregando uma pedra que poderia comprar uma pequena ilha nas Antilhas e nós começamos a estudar uma maneira de sair desta prisão.

Ela não se moveu, não piscou. Jack tinha de admirar sua coragem. Como admirava, esperou pacientemente enquanto ela o estudava com aqueles olhos verdes de gata.

— Por que você já não escolheu a opção número um?

— Porque não gosto de ter um brutamontes tentando me quebrar ao meio, não gosto de levar um tiro, e não gosto de ser enganado por uma mulher arrogante. — Ele se inclinou para mais perto, até que os narizes de ambos se tocassem. — Tenho contas a acertar, querida. E você é o primeiro passo neste processo.

M.J. lhe segurou o pulso com sua mão livre, afastou-o de seu rosto.

— Ameaças não vão funcionar comigo, Dakota.

— Não? — Jack mudou de tática suavemente. Voltou a levar a mão para o rosto dela, mas com leveza desta vez, alisando-lhe a pele macia e fazendo-a piscar em choque antes de estreitar os olhos. — Você quer uma abordagem diferente?

Os dedos de Jack trilharam o pescoço delicado, o centro do corpo e mais para cima de novo, antes de lhe rodearem a nuca. Aproximou a boca da de M.J., tão perto que quase a tocava com a sua.

— Nem sequer pense nisso — avisou ela.

— Tarde demais. — Jack sorriu e a encarou diretamente. — Tenho pensado nisso desde que você subiu a escada para o seu apartamento na minha frente.

Não, percebeu ele, vinha pensando naquilo desde que Ralph lhe mostrara a fotografia dela. Porém, consideraria isso mais tarde.

Roçou os lábios nos dela, afastou-se um pouquinho. Tinha esperado que M.J. recuasse ou lutasse. Deus sabia que ele estava provocando todos aqueles medos femininos. O que era deplorável, mas consideraria isso mais tarde, também. Apenas queria fazer o seu trabalho, forçá-la a falar antes que ambos fossem mortos. E sentia um pequeno prazer distorcido na situação toda. Bem, tinha seus defeitos, afinal de contas.

Mas M.J. não lutou nem recuou. Não moveu um único músculo, somente o encarou fixamente com aqueles olhos verdes maravilhosos. Uma onda primitiva de desejo percorreu o baixo-ventre dele.

O que era mais um pecado nas costas, pensou, e, segurando-lhe a mão livre, beijou-a longamente.

O beijo foi totalmente primitivo e ardente. Sem raciocínio, sem razão, apenas puro instinto. A boca surpreendentemente suculenta cedeu sob a sua, então Jack mergulhou mais fundo. Um som de triunfo masculino escapou de sua garganta enquanto inseria a língua entre aqueles lábios carnudos e convidativos, aprofundava o beijo e entrelaçava uma das mãos nos cabelos ruivos.

Sua mente se fechou como uma lâmpada queimada. Esqueceu que aquilo era um plano,

uma tática para intimidar; esqueceu que era um homem civilizado. Esqueceu que M.J. era um trabalho, um quebra-cabeça, uma estranha. E soube apenas que ela era sua naquele momento.

Ele lhe acariciou os seios, usando o polegar e o indicador para provocar-lhe os mamilos, que ficaram evidentes contra o algodão da camiseta. Ela se movimentou sob ele, arqueou o corpo num convite. E o coração de Jack bateu mais forte no peito.

M.J. se moveu rapidamente quando, de súbito, cravou os dentes no lábio inferior dele.

Jack gritou, tentou afastar o rosto e, certo de que ela lhe tiraria um pedaço da boca, apertou-lhe o queixo com força até que M.J. o soltasse. Pressionou o dorso da mão contra o lábio dolorido, franziu o cenho para o sangue que viu quando tirou a mão.

— Droga.

— Cafajeste. — Ela estava vibrando agora, lutando para ficar de joelhos sobre a cama a fim de agredi-lo mais, praguejando quando não o alcançou. — Depravado.

Jack suportou um dos olhares furiosos de M.J., então se virou. A porta do banheiro bateu. Ela ouviu o barulho de água corrente. E, fechando os olhos, recostou-se e deu vazão aos tremores.

Meu Deus, pensou, pressionando a mão sobre o rosto. Tinha perdido a cabeça?

Havia lutado contra ele? Não. Sentira-se ultrajada, cheia de desgosto? Não.

Apreciara aquilo.

Balançou-se, censurou-se e desejou que Jack Dakota fosse para o inferno.

Ela o tinha deixado beijá-la. Não havia como fingir o contrário. Fitara os perigosos olhos acinzentados, sentira a corrente elétrica entre os dois no momento que ele roçara os lábios sobre os seus.

E o desejara.

Seus músculos haviam relaxado, os seios formigando, e o coração começara a disparar. Ela o deixara beijá-la sem um murmúrio de protesto. E, pior, tinha correspondido ao beijo sem pensar nas consequências.

M.J. O'Leary, pensou, contraindo os músculos, a garota corajosa, que se orgulhava de estar sempre no controle, que podia derrubar um homem de cem quilos com um golpe e lhe bloquear a garganta com o pé numa fração de segundo... A M.J. confiante e poderosa... tinha se derretido de puro desejo.

E ele a amarrara, a amordaçara, algemara-a a uma cama de um motel barato. Desejá-lo mesmo que por um instante a tornava tão devassa quanto ele.

Graças a Deus havia conseguido interromper o beijo. Não importava que o medo profundo de seus próprios sentimentos tivesse sido a motivação para detê-lo... e sabia que estivera muito perto de deixá-lo fazer o que quisesse.

Temia muito que se estivesse com ambas as mãos livres, o teria jogado de costas sobre a cama. Então lhe tirado as roupas.

Aquilo se devia ao choque, tentou se convencer. Mesmo uma mulher que se orgulhava de ser capaz de lidar com tudo que aparecia em seu caminho, tinha o direito de ficar um pouco chocada sob certas circunstâncias.

Agora, precisava descartar aquela aberração e pensar no que faria.

Os fatos eram poucos, mas eram claros. Precisava contatar Bailey. Qualquer que fosse o propósito de sua amiga ao enviar a pedra, Bailey não tivera a menor ideia do quanto tal ação seria perigosa. M.J. sabia, sem sombra de dúvida, que a amiga tinha seus motivos, e talvez aquele tivesse sido um dos raros atos impulsivos de Bailey.

Ela não pretendia que Bailey pagasse o preço por aquilo.

O que Bailey havia feito com as outras duas pedras? Estavam em sua posse, ou... Oh, Deus.

M.J. tombou fracamente sobre o travesseiro que mais parecia um tijolo. Bailey devia ter enviado uma das pedras para Grace. Só podia ser isso. Era lógico, e Bailey era uma pessoa totalmente lógica. Havia três pedras, e enviara uma para M.J. Então, provavelmente, mantivera uma em seu poder, e mandara a outra para a única pessoa no mundo que confiaria uma responsabilidade como aquela.

Grace Fontaine. As três eram amigas íntimas desde a faculdade. Bailey, quieta, estudiosa e séria. Grace, rica, linda e ousada. Elas haviam morado juntas por quatro anos em Radcliffe e ficado muito próximas desde então. Bailey se mudou para cuidar dos negócios da família, M.J. seguiu a tradição e abriu seu próprio bar, e Grace fez tudo que podia para chocar seus parentes ricos, conservadores, que só expressavam desaprovação.

Se uma das amigas estivesse encrencada, todas estavam encrencadas. M.J. precisava avisá-las.

Teria de escapar de Jack Dakota. Ou teria de usá-lo. Mas o quanto, perguntou a si mesma, podia confiar nele?

No banheiro, Jack estudou seu lábio machucado no espelho. Provavelmente ficaria com uma cicatriz. Bem, merecia aquilo, admitiu. Tinha sido cafajeste e depravado.

Não que ela fosse inteiramente inocente, também, deitada lá na cama, com aquela expressão convidativa e desafiadora nos olhos.

E não tinha pressionado o corpo firme e longilíneo contra o seu, aberto a boca sexy e macia, arqueado os quadris estreitos?

Cafajeste. Ele esfregou as mãos no rosto. Que escolha tinha dado a ela?

Baixando as mãos, Jack se olhou no espelho e admitiu que não lhe quisera dar uma escolha.

Apenas a desejava.

Bem, não era um animal. Podia se controlar, podia pensar, raciocinar. E era exatamente isso que faria.

Provavelmente teria uma cicatriz, pensou mais uma vez, colocando a ponta do dedo com cuidado sobre o lábio inchado. Que isso lhe sirva de lição, Dakota. Movimentou a cabeça e assentiu para o reflexo no espelho manchado. Se não pôde confiar em si mesmo, certamente não poderia confiar nela.

Quando saiu do banheiro, M.J. estava franzindo o cenho para as cortinas horríveis da janela. Olhou-a. Ela o fitou de volta. Sem dizer nada, Jack se sentou na única cadeira velha, cruzou os pés nos tornozelos e virou-se para o filme.

Hércules tinha acabado. Provavelmente vencera. No seu lugar, passava um filme japonês de ficção científica, com um lagarto monstro pobremente produzido, que estava, no momento, destruindo um trem de alta velocidade. Uma multidão de figurantes gritava em terror.

Assistiram por um tempo, enquanto os militares chegavam com grandes armas que não tinham nenhum efeito sobre o lagarto gigante. Um pequeno homem num capacete de combate foi devorado. Seus companheiros medrosos correram para salvar as próprias vidas.

M.J. achou uma barra de chocolate sobre a cama, da bolsa que Jack esvaziara mais cedo, deu uma mordida e comeu contemplativamente enquanto o rei lagarto de outro planeta se movimentava pesadamente em direção a Tóquio para espalhar seu caos reptiliano.

— Pode me dar minha água? — perguntou ela num tom escrupulosamente educado.

Jack se levantou, pegou a garrafa da bolsa dela e entregou-lhe.

— Obrigada. — Ela deu um prolongado gole, esperou até que ele se acomodasse de novo.

— Quanto é a sua remuneração? — perguntou ela.

Ele pegou um outro refrigerante de sua geladeira. Desejou que fosse uma cerveja.

— Por?

— Pelo que você faz. — Ela deu de ombros. Vamos dizer que eu tenha fugido para não pagar a fiança. O que você ganha por me levar de volta?

— Depende. Por quê? M.J. fez uma careta.

— Depende do quê?

— De quanto era a fiança que você não pagou.

Ela ficou em silêncio por um momento e considerou. O lagarto do filme tinha destruído um edifício alto com muitos inocentes dentro.

— De que eu deveria ter sido acusada?

— Atirar em seu amante... no contador. Acredito que o nome dele era Hank.

— Muito engraçado. — M.J. deu uma outra mordida no chocolate e, quando Jack estendeu uma das mãos, relutantemente compartilhou. — Quanto você ia receber por mim?

— Mais do que você vale. Agora ela suspirou.

— Vou lhe propor um acordo, Jack, mas sou uma mulher de negócios, e não faço acordos cegamente. Qual é o seu preço?

Interessante, pensou ele, e tamborilou os dedos no braço da cadeira.

— Para você, querida, considerando o que está carregando naquela mala que chama de bolsa, acrescentando o que Ralph me ofereceu para lhe entregar aos inimigos? — Ele pensou um pouco. — Cem mil dólares.

M.J. não piscou um olho.

— Aprecio o fato de você tentar amenizar a situação com humor seco. Cem mil dólares para um que nem mesmo pode derrotar um assassino de aluguel sozinho, é ridículo.

— Quem disse que não podia derrotá-lo? — o orgulho o fez dizer. — Eu o derrotei, querida.

Ele e seu canhão, e você nem se incomodou em me agradecer por isso.

— Oh, perdão. Devo ter esquecido de que estava sendo arrastada e algemada. Que rude de minha parte. E você não o derrotou, eu fiz isso. Porém, sem levar em conta este fato — continuou M.J., erguendo a mão livre como um policial de trânsito — , agora que você fez sua piadinha, vamos tentar falar sério. Eu lhe dou mil dólares para trabalhar nisso comigo.

— Mil? — Jack deu aquele sorriso rápido e perigoso. — Amiga, não há dinheiro suficiente no mundo para me incentivar a trabalhar com você. Mas por cem mil dólares, eu a tiro desta prisão na qual está.

— Em primeiro lugar — ela ergueu as pernas, sentou-se em posição de ioga — , não sou sua amiga, e não sou sua querida. Se tiver de se referir a mim, use meu nome.

— Você não tem um nome, tem iniciais.

— Em segundo lugar — continuou ela, ignorando-o — , se um homem como você colocasse as mãos em cem mil dólares, gastaria tudo nos cassinos de Las Vegas ou em algum clube de strip-tease. Uma vez que não quero que isso aconteça com meu dinheiro, estou lhe oferecendo mil dólares. — Sorriu. — Com isso, você pode ter um bom fim de semana na praia com um barril de cerveja importada.

— E muita consideração da sua parte se preocupar com meu bem-estar, mas não está em posição de negociar os termos aqui. Se quiser minha ajuda, isso vai lhe custar.

Ela não sabia se queria a ajuda dele. O fato era que não tinha muita certeza de por que estava discutindo um preço com Jack. Naquelas circunstâncias, sentia que poderia lhe prometer qualquer quantia sem nenhuma obrigação de pagar quando a hora chegasse.

Mas era o princípio da coisa.

— Cinco mil... e você segue ordens.

— Setenta e cinco... e não sigo ordens.

— Cinco. — Ela cerrou os dentes. — É pegar ou largar.

— Vou largar. — Casualmente, Jack pegou a pedra de novo, segurou-a, estudou-a. — E levar isso comigo. — Levantando-se, bateu no bolso traseiro. — E talvez eu chame a polícia de seu pequeno telefone sofisticado depois que for embora.

M.J. fechou os dedos, refletiu. Não queria envolver a polícia, não até que contatasse Bailey. Nem poderia arriscar que Jack cumprisse a ameaça e levasse a pedra.

— Cinquenta mil. — Ela falou entre dentes. — Isso é o máximo que poderei conseguir. — A maior parte do que tenho está investida no meu bar.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— A recompensa para quem achou esta bugiganga deve valer mais que cinquenta mil.

— Eu não roubei a bendita pedra. Não é minha. É... — M.J. parou, fechou a boca.

Jack começou a sentar na beira da cama de novo, lembrou-se do que tinha acontecido antes e escolheu o braço da cadeira.

— A quem pertence a pedra?

— Não vou falar: Por tudo que sei, você é tão bandido quanto o homem que quebrou a minha porta. Pode ser um ladrão, um assassino.

Ele arqueou a sobrancelha que continha a cicatriz.

— Motivo pelo qual eu a roubei e a matei.

— O dia é uma criança.

— Deixe-me apontar o óbvio. Sou o único por aqui.

— Isso não inspira confiança. — Ela refletiu por um momento. Até onde ousaria usá-lo?, perguntou-se. E quanto ousaria lhe contar?

— Se você quer minha ajuda — disse ele, como se lendo sua mente — , então preciso de fatos, detalhes e nomes.

— Não vou lhe dar nomes. — Meneou a cabeça vagarosamente. — Isto está fora de questão até que eu fale com as outras pessoas envolvidas. E quanto a fatos e detalhes, não tenho nenhum.

— Diga o que você tem.

Ela o estudou novamente. Não, não confiava nele e poderia descartá-lo. Se tivesse a oportunidade. Mas precisava começar de algum lugar.

— Solte-me.

Ele meneou a cabeça.

— Vamos deixar as coisas como estão por enquanto. — Mas Jack se levantou, andou até a televisão e desligou-a. — Onde você conseguiu a pedra?

Ela hesitou por mais um instante. Confiança não era a questão, decidiu. Jack poderia ajudar, se de nenhuma outra maneira, pelo menos a ouvindo e dando uma opinião.

— Alguém por quem tenho grande amizade me enviou. Por um correio especial noturno. Recebi ontem.

— De onde veio?

— Originalmente da Ásia Menor; creio. — Ela deu de ombros ao suspiro irritado de Jack. — Não vou contar de onde a pedra foi enviada, mas vou lhe dizer que tinha de haver uma boa razão para isso. Essa pessoa amiga é honesta demais para roubar um alfinete. Tudo que sei é que a pedra foi enviada com um bilhete, pedindo que eu a mantivesse comigo o tempo todo, e não contasse a ninguém até que tivesse a chance de receber uma explicação. — Abruptamente, ela pressionou a mão contra o estômago e a arrogância desapareceu de sua voz.

Essa pessoa está com problemas. Deve ser um problema terrível. Preciso telefonar.

— Sem telefonemas.

— Ouça, Jack..

— Sem telefonemas — repetiu ele. — Quem quer que esteja atrás de você deve estar atrás de seu amigo. O telefone dele pode estar grampeado, o que os levaria de volta a você. E isto, conseqüentemente, os traria a mim. Portanto, nada de telefonemas. Agora, de que maneira seu amigo tão honesto poderia ter colocado as mãos em um diamante azul?

— De uma maneira perfeitamente legítima.

— Protelando, M.J. passou os dedos através dos cabelos. Jack pensava que fosse um amigo do sexo masculino... por que não deixar assim?

— Ouça, não vou dar detalhes. Tudo que vou dizer é que ele precisava colocar as mãos na pedra. Deixe-me contar sobre a pedra. Faz parte de um conjunto de três. Certa vez, os três diamantes fizeram parte de um altar construído para um antigo deus romano. O culto ao deus Mithra era uma das religiões mais importantes do Império Romano...

— As três estrelas de Mithra — murmurou ele, fazendo-a fitá-lo primeiro em choque, depois com desconfiança.

— Como sabe sobre as Três Estrelas?

— Li sobre elas no consultório dentário — replicou ele. Agora, quando pegou a pedra não foi simplesmente com admiração, mas com reverência.

— Deveria ser um mito. As Três Estrelas, localizadas no triângulo de ouro preso nas mãos do deus da luz.

— Não é um mito — disse ela. — O museu Smithsonian adquiriu as estrelas através de um contato na Europa apenas alguns meses atrás. Meu amigo disse que queria manter a aquisição discreta até que a autenticidade dos diamantes fosse confirmada.

— E o valor transferido — Jack pensou alto. - Assegurado e sob segurança rígida.

— Elas deveriam estar em segurança — murmurou M.J., e ele respondeu com uma risada suave.

— Parece que não funcionou, não é? Os diamantes representam amor, conhecimento e generosidade. — Jack estreitou os olhos enquanto contemplava a pedra antiga. — Qual destes valores será esta?

— Eu não saberia dizer. — Ela continuou olhando-o, fascinada. Jack tinha passado de um homem rude a um homem culto num piscar de olhos.

— Mas, aparentemente, você sabe tanto sobre o assunto quanto eu.

— Sei sobre o mitraísmo, que é o culto ao deus Mithra — disse ele com segurança. — E anterior e paralelo ao cristianismo. A humanidade sempre procurou por um deus bom e justo. — Os ombros dele se movimentaram quando virou a pedra na mão. — A humanidade nem sempre recebe o que quer. E conheço a lenda das três estrelas. Era dito que o deus carregava o triângulo por séculos, e ao segurá-lo, supervisionava o mundo. Então, foi perdido, ou roubado, ou afundou com Atlântida.

Para seu próprio prazer, Jack apagou o abajur, viu a pedra explodir em brilho com a iluminação fraca do quarto.

— E mais provável que as estrelas tenham acabado numa sala de tesouro de algum negociante romano corrupto. — Ele traçou as facetas com os polegares. — Isso é algo pelo que as pessoas matariam. Ou morreriam — murmurou. — Algumas lendas as têm no túmulo de Cleópatra, outras têm Merlin as cobrindo em cristal e mantendo-as em segurança até o retorno de Arthur. Outros dizem que o próprio deus as arremessou para o céu e varreu a ignorância do homem. Mas a sagacidade financeira diz que as estrelas simplesmente foram roubadas e separadas.

Jack olhou para cima, por sobre a pedra, e nos olhos dela.

— O diamante vale uma fortuna individualmente, e dentro do triângulo, vale a imortalidade.

Sim, M.J. podia admitir que ele a fascinava, a maneira como a voz profunda tinha mudado para um tom profissional. E o modo que tocava o diamante brilhante, como um homem deveria tocar a pele de uma mulher.

Mas ela meneou a cabeça, negando a última declaração.

— Não, mas esta é a lenda, não é? Qualquer pessoa que segurar o triângulo, com as estrelas no lugar, ganha o poder do deus, e sua imortalidade. Mas não necessariamente sua compaixão. Já se matou por menos. Muito menos. — Jack colocou a pedra sobre a mesa, entre os dois, onde brilhava como fogo silencioso. Tudo tinha mudado agora, percebeu. E os riscos haviam aumentado absurdamente. — Você está numa encrenca gigantesca, M.J. A pessoa que está atrás disto não vai pensar duas vezes antes de levar sua cabeça junto com a pedra. — Ele esfregou o queixo, os dedos dançando sobre a covinha superficial. — E minha cabeça está terrivelmente perto da sua agora.

Ele não podia acreditar na sua falta de sorte. Seu próprio erro, disse a si mesmo enquanto se acalmava com Mozart e Moet. Por tentar se manter distante dos eventos, tivera de contar com outras pessoas para lidar com seus assuntos.

Incompetentes, todos eles, pensou, e tranquilizou-se alisando a pele de um casaco de zibelina que um dia tinha adornado os ombros da czarina Alexandra.

Pensar que ele havia apreciado a ironia de ter um caçador de recompensas seguindo a irritante srta. O'Leary. Teria sido mais simples pegá-la em seu apartamento ou em seu local de trabalho. Mas ele preferira a sutileza e, mais uma vez, a distância.

O caçador de recompensas teria sido culpado pelo sequestro dela, e pela morte. Homens com tal profissão eram violentos por natureza, imprevisíveis. A polícia teria fechado o caso com pouco raciocínio ou esforço.

Agora, ela havia fugido, e com toda a certeza tinha a pedra consigo.

Ela apareceria, pensou ele, respirando devagar e profundamente diversas vezes. Certamente contataria as amigas antes de ir muito mais longe. Garantiram-lhe que elas eram admiravelmente leais umas às outras.

Ele era um homem que apreciava a lealdade.

E quando a srta. O'Leary tentasse contatar as amigas, uma que havia desaparecido e outra que estava fora de alcance, ele a teria.

E teria a pedra.

Com ela, não tinha dúvidas de que adquiriria as outras duas estrelas.

Final de contas, pensou com um sorriso prazeroso, Bailey James tinha a reputação de ser uma boa amiga, uma mulher inteligente e generosa. Inteligente o bastante, pensou ele, para ter descoberto a tentativa dos meios-irmãos de copiar as estrelas, esperta o bastante para frustrá-los antes que pudessem agir.

Bem, isso seria resolvido, também.

Ele tinha certeza de que Bailey seria leal à amiga, generosa o suficiente para colocá-la em primeiro lugar. E tal lealdade e generosidade levariam as pedras a ele sem muita demora.

Em troca da vida de M.J. O'Leary.

Ele havia passado muitos anos de sua vida à procura das Três Estrelas. Investira grande parte de sua riqueza. E tirara muitas vidas. Agora, elas estavam quase em suas mãos. Tão perto, pensou, tão, tão perto que seus dedos formigavam em expectativa.

E quando as segurasse e encaixasse no triângulo, as colocasse no altar que tinha construído para elas, ele teria o poder final. A imortalidade.

Então, é claro, mataria as mulheres.

Um sacrifício digno, refletiu, para um deus.

Ele a deixara sozinha. Agora M.J. tinha de considerar a questão da confiança. Deveria acreditar que Jack apenas saíra para buscar comida e voltaria? Ele não havia confiado nela para deixá-la solta, pensou, chacoalhando as algemas.

E tinha de admitir que ele a avaliara bem. Ela teria fugido pela porta como um raio. Não porque sentisse medo de Jack. Havia considerado todos os fatos, todos os seus instintos, e não mais acreditava que ele iria machucá-la. Já teria feito isso se quisesse.

Vira o jeito como Jack lidara com o brutamontes que invadira o seu apartamento. Verdade, ele tinha apanhado, mas agira com velocidade, força, e um admirável traço de maldícia.

Era perturbador admitir, mas sabia que ele se contivera enquanto lutava com ela. Não que isso fosse uma desculpa para levá-la e jogá-la num quarto barato de motel, mas, para ser justa, teria de dizer que Jack poderia ter lhe causado danos consideráveis durante a breve luta dos dois, se assim quisesse.

E tudo que ele realmente ferira tinha sido seu orgulho.

Jack Dakota possuía um cérebro... o que a surpreendera. Aquilo era, supôs, um erro generalizado de primeira impressão, no qual caíra por causa da aparência e do tipo físico dele. No entanto, além da esperteza de rua que teria esperado de um tipo daqueles, parecia que Jack Dakota possuía um intelecto. Um bom intelecto.

E M.J. não acreditava que ele tinha conseguido isso lendo em consultórios dentários. Um homem não lia sobre religiões antigas enquanto estava esperando para tratar dos dentes. Então, tinha de concluir que havia mais nele do que presumira originalmente. Tudo que precisava fazer era decidir se isso era uma vantagem ou uma desvantagem.

Agora que havia se acalmado um pouco, estava certa de que Jack não iria pressioná-la sexualmente, também. Podia apostar que o pequeno interlúdio o abalara tanto quanto a ela. Aquilo fora, tinha certeza, um passo errado da parte dele. Intimidaria a mulher; mexeria com seus hormônios sexuais, e ela diria tudo que quisesse saber.

Não tinha funcionado. Tudo que a tática fizera fora deixar ambos irritados.

E nossa, Jack Dakota sabia beijar.

Mas ela estava se desconcentrando, lembrou a si mesma, e fez uma careta para o filme ridículo que ele deixara passando na televisão.

Não, não tinha medo de Jack, mas temia a situação. O que significava que não queria ficar sentada ali, sem fazer nada. Ação era o seu estilo. Se a ação era sábia ou não, isto não vinha ao caso.

Ajoelhando-se, olhou para as algemas, virando o pulso de um lado para o outro, flexionando a mão como se fosse uma artista da fuga, preparando-se para colocar seu último truque em ação.

Testou as ripas da cabeceira e descobriu que eram angustiantemente fortes.

Eles não faziam mais motéis baratos como antigamente, pensou com um suspiro. E desejou um grampo de cabelo, uma lima de unhas, um martelo.

Tudo que encontrou na gaveta pegajosa do criado-mudo foi uma lista telefônica rasgada e papéis de bala.

Jack tinha levado a bolsa, e embora M.J. soubesse que não acharia um grampo de cabelo, lima de unhas ou martelo lá dentro, ainda sentia falta de sua bolsa.

Poderia gritar, é claro. Poderia usar toda a voz para gritar muito, e suportar a humilhação se alguém realmente prestasse atenção aos sons de agonia.

E isso não a tiraria das algemas, a menos que alguém chamasse um serralheiro. Ou talvez a polícia.

Ela respirou fundo, esforçou-se para pensar numa maneira de fugir. Estava doente de preocupação por Bailey e Grace, desesperada para se assegurar de que suas duas amigas estavam bem.

Se fosse à polícia, que tipo de problema Bailey poderia enfrentar? Ela havia tecnicamente tomado posse de uma fortuna. As autoridades seriam compreensivas ou trancariam Bailey numa cela?

Isso, M.J. não arriscaria. Ainda não. Não enquanto sentisse que era remotamente possível lidar com a situação sem envolver a polícia. E para fazer isso, precisava saber contra o que estava lutando.

O que, novamente, significava sair do quarto.

Estava considerando morder a cabeceira da cama quando Jack destrancou a porta. Ele lhe deu um sorriso rápido, que a informou de que seus pensamentos estavam sendo lidos.

— Estou em casa, querida.

— Não tente fazer graça, Dakota. Os flancos de meu corpo estão doendo.

— Você fica uma figura e tanto algemada a esta cama. — Ele colocou dois sacos brancos sobre a cômoda. — Um homem inferior estaria brincando com noções impuras neste momento.

Foi a vez de M.J. sorrir, de modo cruel.

— Você já fez isso. E provavelmente ficará com uma cicatriz no lábio inferior.

— Sim. — Ele esfregou o polegar sobre o machucado. Ainda doía. — Eu diria que mereci isso, mas você cooperou no começo.

Aquilo doía também. A verdade frequentemente doía.

— Pense assim se quiser, Jack — murmurou ela com total frieza. — Tenho certeza de que um ego como o seu requer falsas ilusões regularmente.

— Querida, conheço uma falsa ilusão de um encontro de lábios. Mas temos coisas mais importantes para fazer do que discutir sua atração por mim.

— Satisfeito com sua última declaração, ele pegou um dos sacos de papel. — Hambúrgueres.

O cheiro de hambúrguer a atingiu, bem no estômago vazio. A boca secou.

— Então, vamos ficar escondidos aqui como um casal de condenados em fuga — ela ergueu o queixo para dar ênfase — e comer comida gordurosa?

— Com certeza. — Jack lhe entregou um hambúrguer e pegou um pacotinho de batatas fritas designado a entupir as artérias e melhorar o humor: — Penso melhor quando estou comendo.

De maneira sociável, ele se sentou ao lado dela, recostou-se contra a cabeceira, pernas estendidas, a comida no colo.

— Nós nos metemos num problema sério aqui.

— Se nos metemos num problema sério, por que eu sou a única com algemas?

Jack adorava o tom sarcástico na voz de M.J., e se perguntou o que havia de errado com ele.

— Porque você teria feito alguma tolice se eu a tivesse deixado solta. Estou cuidando de meu investimento. — Ele gesticulou com o resto do hambúrguer. — E este é você, querida.

— Posso cuidar de mim mesma. E se eu o contratei, você deveria aceitar ordens. A primeira ordem é que me livre destas algemas.

— Farei isso assim que estabelecermos as regras. — Jack abriu um pacotinho de sal, jogou nas batatas. — Estive pensando.

— Nesse caso — ela mastigou amargamente um pedaço de hambúrguer cozido demais, entre duas fatias de pão um pouco velho —, por que estou preocupada? Você esteve pensando.

— Tem uma língua ferina, M.J. Mas gosto disso em você. — Ele lhe entregou um minúsculo guardanapo de papel. — Há catchup no seu queijo. Agora, alguém pressionou Ralph... o bastante para fazê-lo falsificar documentos oficiais e me colocar em perigo. Ele não teria feito isso por dinheiro... não que Ralph não precise de dinheiro — continuou Jack. — Mas não arriscaria sua licença, ou arriscaria que eu o perseguisse por causa de alguns dólares. Então, ele está salvando a própria pele.

— E uma vez que Ralph é um pilar da comunidade, sem dúvida, isso estreita a lista?

— Significa que foi alguém com poder; alguém que não temia que o velho Ralph me avisasse, ou fosse à polícia. Alguém que queria pegar você. Quem sabe que você tem a pedra?

— Ninguém, exceto a pessoa que me enviou. — M.J. franziu o cenho para o hambúrguer. — E possivelmente uma outra pessoa.

— Se mais de uma pessoa conhece um segredo, não é um segredo. Como seu amigo pegou o diamante, M.J.? Você não pode continuar omitindo informações.

— Eu lhe conto depois que falar com meu amigo. Preciso dar um telefonema.

— Sem telefonemas.

— Você ligou para Ralph — apontou ela.

— Arrisquei, e estávamos em movimento. Não daremos nenhum telefonema até que eu saiba tudo. O diamante foi enviado apenas ontem — murmurou ele. — Eles a identificaram rapidamente.

— O que significa que identificaram meu amigo. Jack, por favor. Preciso telefonar. Sei que preciso.

A emoção na voz de M.J. tanto o enfraqueceu quanto impressionou. Jack a encarou.

— O quanto ele significa para você?

Ela não podia corrigi-lo, dizendo que era uma amiga, não um amigo, então apenas meneou a cabeça.

— Tudo. Ninguém no mundo significa mais para mim.

— Sujeito de sorte.

Não era a resposta que MJ. queria ou esperava. Dominada por frustração e medo, agarrou-lhe a camisa.

— O que há de errado com você? Alguém tentou nos matar. Como podemos apenas ficar sentados aqui?

— Este é exatamente o motivo pelo qual estamos sentados aqui. Vamos deixá-los sem pistas por enquanto. Seu amigo está sozinho agora. E uma vez que não posso imaginar você apaixonada por um homem que não é capaz de cuidar de si mesmo, ele deve estar bem.

— Você não entende nada. — M.J. se recostou, passou os dedos pelos cabelos. — Meu Deus, que confusão. Eu deveria estar me apressando para ir trabalhar agora. Em vez disso, estou presa aqui com você. Eu deveria estar atrás de um bar agora.

— Você atende no bar? — Jack arqueou uma sobrancelha. — Pensei que fosse dona do lugar.

— Isso mesmo, sou a dona. — O que era uma fonte de orgulho. — Gosto de servir no bar. Você tem algum problema com isso?

— Não. — Uma vez que o assunto a distraía, ele deu prosseguimento: — Você é boa atendente?

— Ninguém reclama.

— Como entrou nesse negócio? — Quando ela o olhou seriamente, Jack deu de ombros. — Vamos, um pouco de conversa durante uma refeição não pode fazer mal algum. Temos tempo para matar.

Aquilo não era tudo que ela queria matar, mas o resto teria de esperar.

— Sou uma dona de pub de quarta geração. Meu tataravô dirigia um estabelecimento público em Dublin. Meu avô imigrou para Nova York e trabalhou atrás do bar em seu próprio pub. Passou para meu pai quando se mudou para a Flórida. Eu praticamente cresci atrás do bar.

— Que parte de Nova York?

— Do lado oeste. Rua 79 com Columbus.

— O'Leary's. — O sorriso veio rapidamente e se tornou sonhador. — Muita madeira escura e muito latão. Música irlandesa ao vivo nos sábados à noite. E lá servem a melhor Guinness deste lado do Atlântico.

Ela o olhou, e não pôde evitar se sentir intrigada.

— Já esteve lá?

— Tomei muitas cervejas no O'Leary's. Isso deve ter sido uns dez anos atrás, mais ou menos. — Jack estivera na faculdade na época, lembrou-se. Fazendo cursos de Direito e

Literatura e tentando decidir quem era. — Fui lá em busca de um fugitivo há aproximadamente três anos. Entrei no pub. Nada tinha mudado, nem mesmo os arranhões naquele velho bar de pinho.

Aquilo deixou M.J. sentimental.

— Nada muda no O'Leary's.

— Eu podia jurar que os dois mesmos homens estavam sentados nos mesmos bancos no fim do bar... fumando charutos, lendo Racing Form, e bebendo cerveja irlandesa.

— Callahan e O'Neal. — Ela sorriu. — Eles vão morrer naqueles bancos.

— E seu pai. Pat O'Leary. — Perdido nas lembranças, Jack fechou os olhos. — Aquele irlandês enorme de cabelos vermelhos, com uma voz profunda como um trovão.

— Sim, este é o papai — murmurou ela, cada vez mais sentimental.

— Sabe, quando entrei lá... fazia pelo menos seis anos desde a última vez que tinha saído... seu pai sorriu para mim. "Como vai você esta noite, universitário"?, disse ele, e me serviu uma caneca de cerveja.

— Você fez faculdade?

O prazer na voz de Jack diminuiu consideravelmente com o choque na voz dela. Ele abriu um olho.

— Por que o espanto?

— Porque você não parece do tipo universitário. — M.J. deu de ombros e voltou ao seu hambúrguer. — Eu tomaria uma Guinness agora.

— Eu também. Talvez mais tarde. Então, esse seu amigo... há quanto tempo está com ele?

— Nós nos conhecemos na época da faculdade. Não há ninguém em quem eu confie mais, se é aonde você quer chegar.

— Talvez você deva repensar sobre isso. Apenas considere — disse Jack quando os olhos de M.J. se incendiaram. — As Três Estrelas são uma grande tentação para qualquer pessoa. Então, talvez ele tenha ficado tentado, talvez isso tenha lhe subido à cabeça.

— Não, não aconteceu dessa forma, mas acho que uma outra pessoa pode ter ficado tentada, e se meu amigo descobriu isso... — Ela comprimiu os lábios. — Se você quisesse proteger essas pedras, garantir que não fossem roubadas, que não caíssem como um conjunto nas mãos erradas, o que faria?

— Não é uma questão do que eu faria — apontou Jack — , mas do que ele faria.

— Ele as separaria — disse M.J. — Passaria as pedras para pessoas em que pudesse confiar, sem sombra de dúvida. Pessoas que iriam para a cadeia por você, porque você faria o mesmo por elas. Sem questionamentos.

— Confiança total, lealdade absoluta? — Ele amassou o guardanapo numa bolinha, mirou e o jogou no cesto de lixo. — Não posso acreditar nisso.

— Então lamento por você — murmurou ela. — Porque não pode acreditar. Mas é exatamente assim. Existe alguma pessoa que iria para a cadeia por você, Jack?

— Não. E não há ninguém por quem eu faria isso, também. — Pela primeira vez na vida, perceber aquilo o incomodou. Jack se acomodou melhor, fechou os olhos. — Vou tirar uma soneca.

— Vai tirar o quê?

— Uma soneca. Seja esperta e faça o mesmo.

— Como você pode dormir numa hora como esta?

— Porque estou cansado. — A voz de Jack era irritada. — E porque acho que não vou conseguir dormir muito uma vez que começarmos. Temos algumas horas antes do pôr do sol.

— E o que acontece quando o sol se põe?

— Escurece — disse ele, virando-se de costas para ela.

M.J. não podia acreditar. Jack tinha apagado como uma máquina sendo desligada... como se tivesse sido hipnotizado com o estalo de um dedo. Como um... Ela fez uma careta quando não conseguiu pensar em mais nenhuma analogia.

Pelo menos ele não roncava.

Bem, aquilo era ótimo, pensou irritada. Simplesmente magnífico. O que deveria fazer enquanto ele tirava sua pequena soneca?

Comeu a última batata frita, franziu o cenho para a tela de tevê, onde o lagarto gigante estava encontrando seu final violento. O canal a cabo tinha prometido mais quando anunciara a maratona de monstros e heróis como um especial para o feriado prolongado.

Oh, que ótimo.

Permaneceu deitada no quarto escuro, considerando suas opções. E, considerando, adormeceu.

E, dormindo, sonhou com monstros e heróis e um diamante azul que pulsava como um coração vivo.

Jack acordou sentindo a feminilidade ao seu redor. Sentiu o aroma de M.J. primeiro. Um aroma de sabonete de limão. Limpo, fresco e simples.

Então ouviu a respiração dela... lenta, regular e relaxada. Sentiu a intimidade tranquila de um sono compartilhado. Seu sangue começou a esquentar mesmo antes de olhá-la.

Membros longos e esbeltos. Um braço bem torneado, com a pele suave como um creme, estava pousado sobre o peito dele. A cabeça aninhada amigavelmente no seu ombro.

M.J. era uma pessoa que gostava de aconchego, percebeu Jack, e sorriu para si mesmo. Quem pensaria uma coisa dessas? Antes que pudesse evitar, ergueu uma das mãos e afastou-lhe os cabelos do rosto. Brilhantes como seda, pensou. Era um contraste e tanto com as características rústicas de M.J.

Ela certamente tinha estilo. Seu tipo de estilo, decidiu Jack, e se perguntou que direção eles poderiam ter tomado se ele tivesse entrado no pub de M.J. uma noite, e tentado conquistá-la.

Ela o teria mandado passear, pensou e sorriu. Que mulher!

Era uma pena, uma pena muito grande que ele não tivesse tempo de tentar conquistá-la. Porque realmente queria tocá-la mais uma vez.

E porque queria, saiu de baixo dela e se afastou enquanto tentava achar uma posição confortável. M.J. virou-se de costas e levou a mão livre para cima da cabeça.

O animal inquieto dentro de Jack se agitou. Ele o controlou, e lembrou a si mesmo que era, ocasionalmente, um homem civilizado. Homens civilizados não se aproveitavam de mulheres adormecidas. Mas eles podiam pensar sobre isso.

Uma vez que seria mais seguro pensar sobre isso a distancia, Jack foi para o banheiro, jogou água fria no rosto e considerou seu próximo movimento.

No sonho, M.J. estava segurando a pedra na mão, admirando-a, enquanto raios de sol dançavam através da cobertura de árvores. Em vez de penetrar a pedra, os raios ricocheteavam, criando um redemoinho brilhante de beleza que queimava os olhos e aquecia a alma.

A pedra era sua para segurar; se não para manter. As respostas estavam escondidas lá dentro, se ela apenas soubesse onde procurar.

De algum lugar, veio o rugido de uma besta, baixo e selvagem. Em vez de fugir, ela se virou em direção ao som, a pedra protegida na palma de uma de suas mãos, enquanto a outra se erguia para defender.

Alguma coisa se moveu nos arbustos, escondida, esperando, procurando. Caçando.

Então ele estava lá, montado num enorme cavalo preto. Ao seu lado, havia uma espada de prata, pesada, grossa e parecendo violenta. Os olhos acinzentados eram duros como granitos, e tão perigosos quanto qualquer fera que andava pela floresta. Ele estendeu-lhe uma das mãos, e havia um desafio naquele sorriso lento.

Perigo à frente. Perigo atrás.

Ela deu um passo à frente, ofereceu-lhe as duas mãos e o deixou puxá-la para cima do cavalo preto brilhante. O cavalo relinchou alto e forte. Quando eles cavalgaram, o fizeram com velocidade. O coração disparado em seu peito não tinha nada a ver com medo, mas com triunfo.

M.J. acordou com o coração batendo descompassado e o sangue correndo nas veias. Estava no pequeno quarto mal iluminado do motel, com Jack sacudindo seus ombros.

— O que foi? O que houve?

— Chega de dormir. — Ele considerou beijá-la a fim de acordá-la, se arriscando a levar um soco no rosto. Mas aquilo o distrairia muito. — Temos lugares para ir.

— Aonde? — Ela se esforçou para acordar completamente, ainda envolvida no sonho.

— Visitar um amigo. — Jack tirou a algema da cabeceira da cama, enganchou-a em seu próprio pulso, unindo M.J. a ele.

— Você tem um amigo?

— Ah, ela está acordada agora. — Ele a conduziu para fora. O dia estava amanhecendo, e já fazia calor. — Entre e passe para o outro banco — instruiu quando abriu a porta do motorista.

M.J. ainda estava grogue o bastante para obedecer sem questionar. Mas no momento em que ele ligou o motor, sua energia tinha retornado.

— Ouça, Jack, você precisa nos livrar destas algemas.

— Não sei, gosto delas assim. Você assistiu àquele filme com Tony Curtis e Sidney Poitier? Uma boa trama.

— Não somos bandidos fugindo de um trem aqui, Dakota. Se vamos ter um relacionamento de negócios, tem de haver um pouco de confiança.

— Querida, você não confia em mim mais do que confio em você. — Ele saiu do estacionamento, obedeceu ao limite de velocidade. — Olhe a coisa dessa maneira. — Ergueu a mão, fazendo com que M.J. tivesse um sobressalto. — Estamos no mesmo barco. E eu poderia tê-la deixado lá.

Ela bateu os dedos da mão livre sobre os joelhos.

— Por que não me deixou?

— Pensei sobre isso — admitiu Jack. — Eu poderia me mover mais rapidamente sozinho. Mas prefiro ficar de olho em você. E se as coisas dessem errado e eu não conseguisse voltar, detestaria o fato de você ter de explicar por que estava algemada à cama de um motel barato.

— Quanta consideração de sua parte.

— Foi o que pensei. Embora seja culpa sua eu ainda estar agindo no escuro. Seria mais fácil se você tivesse me contado tudo.

— Pense nisso como um desafio.

— Oh, eu penso. Isso é um desafio, assim como você. — Ele lhe lançou um olhar. — O que esse homem tem de tão especial, M.J.? Esse seu amigo por quem se arrisca tanto?

Ela olhou pela janela, pensou em Bailey. Então reprimiu o pensamento. Preocupar-se com Bailey apenas trazia o medo de volta, e o medo nublava a mente e a deixava preguiçosa.

— Você não entenderia o amor, verdade, Jack? — A voz dela estava calma, sem a agressividade usual, e o olhar percorreu o rosto dele num estudo vagaroso. — Amor do tipo que não faz perguntas, não requer favores e não tem limites.

— Não. — Dentro do vazio que aquelas palavras lhe causavam, uma onda de inveja o assolou. — Eu diria que não questionar ou não ter limites é uma tolice.

— E você não é tolo.

— Nestas circunstâncias, você deveria estar agradecida por eu não ser tolo. Vou tirá-la disso, M.J., então você vai me dever cinquenta mil dólares.

— Você conhece suas prioridades — replicou ela com ironia.

— Sim, dinheiro pode amaciar muitas pedras no caminho. E digo que, antes que você me pague, vamos acabar na cama novamente. Mas dessa vez não será para tirar uma soneca.

M.J. se virou totalmente para ele, e ignorou a onda de excitação em seu interior.

— Dakota, a única maneira de eu acabar na cama com você é se me algemar novamente.

Houve aquele sorriso lento, insolente, e muito atraente.

— Bem, isso seria interessante, não seria?

Querendo ganhar tempo, Jack virou na estrada interestadual e dirigiu para o norte. E prometeu a si mesmo que não apenas a levaria para cama, mas que M.J. não pensaria em outro homem quando isso acontecesse.

— Você está voltando para Washington.

— Isso mesmo. Temos negócios a tratar lá. — Na claridade dos faróis se aproximando, a expressão de Jack era amarga.

Ele pegou uma rota indireta, circulou, afastando-se de seu objetivo, retornando, até que ficou satisfeito por nenhum dos carros estacionados no quarteirão estar ocupado.

Havia o trânsito de pedestres, também. Jack o avaliou na segunda vez que passou ali. Negociações estavam sendo feitas, pensou. E aquele tipo de negociação mantinha as pessoas em movimento.

— Belo bairro — comentou M.J., observando um bêbado sair tropeçando de uma loja de bebidas, segurando um saco de papel marrom. — Muito charmoso. E o seu bairro?

— O de Ralph. Estamos a poucos quarteirões do palácio da justiça. — Ele passou por uma prostituta que estava dando seu passeio usual e parou na esquina. — Ele gosta do local.

Aquela era uma área, Jack sabia, que a maioria dos motoristas de táxi destemidos preferia evitar. Uma área onde a vida frequentemente valia menos que um cuspe na calçada, e as pessoas que valorizavam suas vidas trancavam as portas antes de o sol se pôr e esperavam o amanhecer.

Ali, os grafitos espalhados nos prédios descascados não eram uma forma de arte. Eram uma ameaça.

M.J. ouviu alguém xingando ferozmente, então o som de vidros se quebrando.

— Um homem de gosto refinado, seu amigo Ralph.

— Ex-amigo. — Ele lhe pegou a mão, obrigando-a a acompanhá-lo quando desceu do carro.

— É você, Dakota? E você? — Um homem saiu das sombras da entrada de um prédio. Os olhos eram vermelhos e ariscos como os de um cão raivoso. Passou o dorso da mão sobre a boca enquanto se inclinava à frente, vestido num sobretudo que devia estar sufocante no calor do verão.

— Sim, Freddie. Como vai?

— Já estive melhor. Já estive melhor, Jack, você sabe. — Os olhos passaram sobre M.J., então se desviaram. — Já estive melhor — repetiu pela segunda vez.

— Sim, eu sei. — Jack enfiou a mão no bolso da frente da calça, onde já deixara as notas preparadas. — Uma refeição quente lhe faria bem.

— Uma refeição quente. — Freddie olhou para as notas, umedeceu os lábios. — É claro que uma refeição quente me faria bem.

— Você viu Ralph?

— Não. — Os dedos trêmulos de Freddie tentaram pegar o dinheiro. Ele piscou quando Jack continuou segurando as notas. — Eu não o vi — repetiu. — Deve ter fechado mais cedo por causa do feriado de Quatro de Julho. Malditas crianças! Já estão soltando bombinhas e fazendo barulho.

— Quando viu Ralph pela última vez?

— Não sei. Ontem? — Ele olhou para Jack, esperando aprovação. — Ontem, provavelmente. Hoje, estou aqui há um tempo, mas não o vi. E o lugar dele está fechado.

— Viu alguma outra pessoa que não pertença a este bairro?

— Ela. — Freddie apontou para M.J. e sorriu. — Ela não pertence.

— Além dela.

— Não. Ninguém. — A voz tornou-se lastimosa. — Eu, com certeza, já estive melhor, Jack, você sabe.

— Sim. — Sem se importar em suspirar, Jack lhe entregou o dinheiro. — Dê o fora daqui, Freddie.

— Sim, tudo bem. — E ele saiu correndo pela rua, virou a esquina.

— Ele não vai comprar comida — murmurou M.J. — Você sabe o que ele vai comprar com o dinheiro.

— Não podemos salvar o mundo. Às vezes, não podemos salvar nem uma pequena parte dele. Mas talvez ele não assalte ninguém esta noite, ou não leve um tiro tentando assaltar. — Jack deu de ombros. — Freddie está acabado desde a primeira vez em que pegou uma agulha. Não há nada que eu possa fazer sobre isso.

— Então por que se sente tão mal em relação ao homem? — Ela arqueou uma sobrancelha quando ele a fitou. — Está escrito no seu rosto, Dakota.

— Ele tinha família — foi tudo que Jack murmurou como resposta. — Vamos. — Conduziu-a ao longo da rua, então abaixou a cabeça na lateral de um prédio. Para a surpresa de M.J., ele abriu as algemas, soltando-a. — Você tem juízo o bastante para não fugir neste bairro — murmurou, então sorriu. — E tenho a sua pedra trancada no porta-malas do meu carro.

— Numa rua como esta, você terá sorte se seu carro ainda estiver lá quando voltarmos.

— Eles conhecem meu carro. Ninguém vai tocá-lo. — Então Jack se virou de súbito... assustando-a quando deu dois chutes fortes numa porta cinza.

M.J. ouviu o ruído de madeira lascando, e comprimiu os lábios em apreciação quando a porta cedeu na terceira tentativa.

— Bom trabalho.

— Obrigado. E se Ralph não bancou o engraçadinho e trocou a senha, poderemos trabalhar — Jack entrou, localizou uma caixa de alarme ao lado da porta quebrada. Com dedos rápidos, digitou alguns números.

— Como você sabe a senha dele?

— Faz parte do meu trabalho saber essas coisas. Mova-se para o lado. — Com uma força que ela teve de admirar, ele moveu a porta quebrada e colocou-a de volta no lugar. — Ralph

deveria ter escolhido aço. Isto é muito fraco.

Jack acendeu as luzes, olhou ao redor do pequeno espaço, cheio de caixas e cheirando a mofo. M.J. avistou um rato correndo e desaparecendo.

— Charmoso. Estou muito impressionada com seus associados até agora, Dakota. Este seria o ano de folga da secretária de Ralph?

— Ralph não tem secretária, também. Acredita em contenção de despesas. O escritório é por aqui.

— Mal posso esperar para conhecer. — Cautelosa com ratos ou qualquer outra coisa com mais de duas patas, M.J. olhou para o chão enquanto o seguia. — Isto é o que chamam de invasão matinal de domicílio, não é?

— Policiais têm nomes para tudo. — Ele parou com as mãos na maçaneta, olhou por sobre o ombro. — Se você quisesse alguém que bate educadamente à porta da frente, não estaria comigo.

Ela ergueu o braço, chacoalhou as algemas agora soltas.

— Lembra-se disto?

Jack apenas meneou a cabeça.

— Você não estaria comigo — repetiu e abriu a porta.

M.J. respirou fundo, mas foi o único som que emitiu. Mais tarde, ele se lembraria disso e apreciaria o controle e a coragem dela. A luz da antessala penetrou o escritório do tamanho de um closet. Gabinetes de arquivo cinza, riscados e amassados, alinhavam duas paredes. Papéis saíam para fora de gavetas abertas, enquanto outros estavam espalhados pelo chão, voando de cima da mesa sob a brisa de um ventilador elétrico. Havia sangue para todo lado. O cheiro de sangue enjoou o estômago de M.J., fazendo-a cerrar os dentes e engolir em seco. Mas sua voz soou firme o bastante quando falou: — E este era para ser o Ralph.

Aquele tinha sido um trabalho porco, pensou Jack. Se fora um ato profissional, eles não haviam se incomodado em ser rápidos ou organizados. Mas então, não houvera razão para nenhuma das duas coisas. Ralph ainda estava amarrado à cadeira. Ou o que restava dele.

— Você pode esperar lá trás — Jack disse a ela.

— Acho que não. — A violência não era algo estranho para M.J. Uma garota não crescia num bar sem ver derramamento de sangue de vez em quando.

Contudo, nunca vira nada como aquilo. Por mais realista que se considerasse, não acreditava ser possível para um ser humano infligir esse tipo de horror em uma outra pessoa.

Ela manteve os olhos na parede, mas andou ao lado de Jack.

— Do que você acha que eles estavam atrás?

— Da mesma coisa que eu. Qualquer coisa que leve à pessoa que usou Ralph para armar uma cilada para nós. Desgraçado. — A voz dele amaciou de súbito, com o que só poderia ser arrependimento. — Por que ele não fugiu?

— Talvez ele não tenha tido a chance. — O estômago de M.J. estava melhorando, mas ela continuou respirando fundo diversas vezes. — Precisamos chamar a polícia.

— Claro, ligamos para 911, então esperamos e nos explicamos. De dentro de uma cela. — Abaixando-se, ele começou a manusear os papéis espalhados.

— Jack, pelo amor de Deus, o homem foi assassinado.

— Ele não ficará menos morto se chamarmos a polícia, ficará? Nunca pude entender o sistema de arquivamento de Ralph.

— Não tem nenhum sentimento, Jack? Você o conhecia.

— Não tenho tempo para sentimentos. — E, uma vez que estavam tentando subir à superfície, a voz de Jack soou rouca. — Pense, querida. Quem quer que tenha feito isso a ele, adoraria fazer o mesmo com você. Dê uma boa olhada, e pergunte a si mesma se é assim que quer acabar.

Ele esperou um momento, então aceitou o silêncio de M.J. como compreensão.

— Agora você pode ir para a sala dos fundos e poupar suas sensibilidades, ou pode me ajudar a vasculhar esta bagunça.

Quando ela se virou, Jack presumiu que M.J. iria fugir. Que poderia continuar andando, independentemente do bairro perigoso. Mas ela parou perto de um gabinete de arquivos, pegou um punhado de papéis.

— Pelo que estou procurando?

— Por qualquer coisa.

— Isso estreita a busca. E por que sobraria alguma coisa? Eles já vieram aqui.

— Ele manteria uma cópia em algum lugar. — Jack suspirou para a quantidade de papéis. — Por que Ralph não usava um computador como uma pessoa normal?

Erguendo o corpo, ele foi para a mesa, abriu uma gaveta. Vasculhou-a, revirou-a de cabo a rabo, então a jogou de lado e abriu uma outra. Na terceira tentativa, achou um fundo falso.

Seu rápido murmúrio de aprovação fez M.J. se virar, observando-o tirar um canivete do bolso e cortar a madeira. Desistindo de sua própria busca, ela andou até Jack. Num acordo silencioso entre os dois, segurou a borda solta e puxou, enquanto ele trabalhava com a faca. Lascas de madeira se soltaram da gaveta.

— Está praticamente cimentado aqui — murmurou Jack. — E recentemente.

— Como você sabe que é recente?

— A gaveta está limpa, sem poeira. Olhe seus dedos. Aqui, segure a faca. Deixe-me... — Eles trocaram as funções. Jack movimentou os dedos doloridos antes de voltar a descascar a madeira. De repente, a madeira se soltou de uma vez.

Ele cortou a fita adesiva que afixava a chave ao fundo da gaveta.

— Chave de algum compartimento de depósito — murmurou ele. — O que será que Ralph guardou num armário?

— Armário de estação de ônibus? De trem? De aeroporto? — M.J. se inclinou para mais perto e estudou a chave. — Não tem um nome, apenas um número.

— Eu arriscaria uma das duas primeiras opções. Ralph não gosta de voar, e o aeroporto é longe daqui.

— Isso ainda deixa muitas fechaduras em muitos armários — ela o lembrou.

— Vamos descobrir.

— Você sabe quantos depósitos trancados existem na área metropolitana?

Jack girou a chave nos dedos e sorriu.

— Precisamos somente de um. — Ele pegou-lhe a mão e, antes que ela percebesse sua intenção, Jack algemou-os juntos novamente.

— Oh, pelo amor de Deus, Jack!

— Estou apenas garantindo. Vamos, temos trabalho a fazer.

No primeiro terminal de ônibus, ele removeu as algemas antes de arrastar M.J. para uma cabine telefônica e fazer uma chamada anônima para a polícia, reportando o assassinato. Então, desligou cuidadosamente o telefone.

— Se eles tiverem um identificador de chamadas, irão localizar de onde a ligação foi feita.

— E imagino que eles tenham suas impressões digitais, também.

Jack esboçou um sorriso.

— Apenas um pequeno desacordo sobre valores públicos em minha juventude. Cinquenta dólares e um tempo cumprindo pena.

Como ele mudou de posição, M.J. ficou de costas para a cabine telefônica, pressionada contra uma parede pelo corpo de Jack.

— Está um pouco apertado aqui neste lugar.

— Eu notei. — Ele ergueu uma das mãos, afastou os cabelos da testa de M.J. — Você se comportou bem na cena do crime. Muitas mulheres teriam ficado histéricas.

— Eu não fico histérica.

— Não, não fica. Então, dê-me uma folga aqui, certo? — Jack inclinou-lhe o rosto para cima, abaixou a cabeça. — Só por um minuto. — E fechou a boca sobre a dela.

M.J. poderia ter resistido. Pretendia fazer isso. Mas o beijo era suave, com um pequeno desejo envolvido. Era quase amigável, poderia ter sido amigável, não fosse pela pressão do corpo másculo contra o seu, e do calor que emanava dele.

E um beijo suave, quase amigável não deveria fazê-la querer abraçá-lo forte. Ela se segurou, pondo uma das mãos nas costas dele, não abraçando, mas não protestando.

Se seus lábios se amaciaram sob os de Jack, esquentaram e se abriram, foi somente por um instante. Aquilo não significara nada. Não podia significar nada.

— Quero você — murmurou ele contra a boca de M.J., depois mais uma vez quando pressionou os lábios no seu pescoço. — Esta não é a hora certa para isso, assim como não é o lugar. Mas quero você, M.J. Estou tendo dificuldade em superar isso.

— Não vou para cama com estranhos.

— Quem está lhe pedindo isso? — Jack ergueu a cabeça, encontrou-lhe os olhos. — Sentimos atração um pelo outro, não sentimos? E você não é o tipo de mulher que precisa de encontros românticos ou palavras sofisticadas.

— Talvez não. — O fogo que tinha se instalado dentro de M.J. ainda estava ardendo. — Talvez eu não tenha descoberto do que preciso.

— Então pense sobre isso. — Ele se afastou, pegou-lhe a mão e a tirou para fora da cabine. — Vamos verificar os armários. Talvez tenhamos sorte.

Não tiveram. Não naquele terminal ou nos próximos dois. Era quase uma hora da manhã quando Jack guardou a chave no bolso.

— Quero um drinque.

Ela suspirou, deu de ombros. Após 12 horas acordada em um pesadelo, podia entender a vontade de Jack.

— Eu não recusaria. Você paga?

— Por que não?

Ele afastou as possibilidades de todos os lugares onde poderia ser reconhecido, e escolheu um pequeno bar escuro, não longe da Union Station.

— Ainda bem que tomei todas as vacinas quando criança. — M.J. torceu o nariz para a minúscula mesa pegajosa, e checou a cadeira antes de se sentar.

— Era isto ou nada. Podemos tentar a Union Station depois de fazermos uma pausa. — Duas cervejas — ele pediu para a garçonete e comeu um amendoim.

— Não sei como lugares assim conseguem se manter abertos. — Com olhos críticos, M.J.

estudou o ambiente. O ar era enfumaçado, com cheiro de mofo, o chão estava repleto de cascas de amendoim, pontas de cigarro e coisas piores. — Alguns galões de desinfetante, uma iluminação decente, e este lugar se transformaria num sucesso.

— Não acho que a clientela se importe. — Ele olhou em direção ao homem de aspecto grosseiro no bar, e da garota com olhos cansados que o ajudava. — Algumas pessoas apenas vão a bares para beber muito. Beber até esquecerem por que foram ao bar para início de conversa.

Ela reconheceu o comentário, assentindo com um gesto de cabeça.

— Estes são os tipos que não quero no meu bar. Eles aparecem de vez em quando, mas raramente retornam. Não estão procurando por conversas, música ou um drinque amigável com um conhecido. É isso que sirvo no meu pub.

— Tal pai, tal filha.

— Pode-se dizer que sim. — Os olhos de M.J. se estreitaram em desaprovação quando o garçonzete colocou as duas canecas sobre a mesa. A cerveja saía pela borda do copo. — Ela não duraria cinco minutos no M.J.'s.

— Atendentes de bar rudes têm seu próprio charme. — Jack pegou sua cerveja e bebeu agradecidamente. — Eu estava falando sério mais cedo. - Sorriu quando ela lhe arqueou uma sobrancelha. - Sobre aquilo, também, mas estou me referindo à maneira como você se comportou. Foi uma cena pesada, para qualquer pessoa.

— Foi a primeira vez que vi uma coisa daquelas. — Ela pigarreou, bebeu. — Você?

— Sim, e espero sinceramente que seja a última. Ralph era um tolo, mas não merecia aquilo. Eu diria que a pessoa que fez aquilo com ele apreciou o trabalho. Pessoas muito cruéis estão interessadas em você.

— Parece que sim. — E aquelas mesmas pessoas, pensou M.J., estariam interessadas em Bailey e Grace. — Quanto tempo você calcula que vai levar para descobrir a que fechadura essa chave pertence?

— Não é possível calcular. Conhecendo Ralph, ele não teria um cofre muito longe. Escondeu a chave no escritório, não em seu apartamento, portanto, as chances são de que o armário esteja perto.

Mas se não estivesse, poderia levar horas, até mesmo dias antes que eles encontrassem. M.J. não estava disposta a esperar tanto tempo. Bebeu um outro gole de cerveja.

— Preciso ir ao toalete. — Quando Jack a olhou, ela sorriu. — Quer ir comigo?

Ela estudou por um momento, então deu de ombros.

— Não demore.

Ela não correu em direção à porta, mas sua mente estava ágil. Dez minutos, calculou. Era tudo de que precisava para sair; ir até a cabine telefônica que tinha visto do lado de fora e ligar para Bailey.

Fechou a porta do toalete feminino, olhou para uma mulher de preto se enfeitando diante do espelho, então sorriu para a pequena janela posicionada alta na parede.

— Ei, me faz uma escadinha, por favor.

A mulher passou uma segunda camada de batom vermelho nos lábios.

— O quê?

— Por favor, seja gentil. — M.J. enganchou uma das mãos no peitoril da janela. — Dê-me uma ajuda.

Sem a menor pressa, a mulher fechou o tubo do batom.

— Um encontro amoroso ruim?

— O pior de todos.

— Conheço a sensação. — Ela se virou sobre os saltos altíssimos. — Você acha mesmo que pode se espremer e passar por esta abertura? Você é magra, mas o buraco é pequeno.

— Vou conseguir.

A mulher deu de ombros, espirrou um perfume barato e doce demais atrás das orelhas, então cruzou as mãos para fazer uma escadinha.

M.J. colocou um dos pés na escada improvisada, então deu um impulso até que estivesse com os braços sobre o parapeito.

— Só mais um empurrãozinho.

— Sem problema. — Entrando no espírito da situação, a mulher pôs ambas as mãos sobre o traseiro de M.J. e empurrou. — Desculpe — murmurou quando M.J. bateu a cabeça na janela e praguejou.

— Tudo bem. Obrigada. — Ela se balançou, gemeu, se torceu e forçou a saída pela abertura. A cabeça, depois os ombros. Respirando fundo, tentando não se imaginar entalada na janela, contorceu-se e passou o resto do corpo, rasgando apenas um pequeno pedaço do jeans.

— Bom para você, querida.

M.J. ficou agachada sobre o parapeito tempo o bastante para enviar um sorriso rápido a sua auxiliar. Em um instante estava fora e correndo. Enfiou a mão no bolso para pegar a moeda de 25 centavos que sempre carregava ali.

Podia ouvir a voz de sua mãe: Nunca saia de casa sem dinheiro para um telefonema em seu bolso. Você nunca sabe quando vai precisar.

— Obrigada, mãe — murmurou ela e apressou-se para o telefone. — Esteja em casa, esteja em casa — sussurrou, enfiando a moeda e discando os números.

— Onde você está, onde você está? — falou em pânico, então respirou profundamente. — Bailey, ouça — começou um instante após o bip. — Não sei o que está acontecendo, mas estamos em apuros. Não fique aí, ele pode voltar. Estou numa cabine telefônica, do lado de fora de um bar...

— Sua tola! — Jack apareceu, agarrou-lhe o braço.

— Tire as mãos de mim. Bailey... — Mas ele já desligara. Usando o pequeno espaço da cabine para sua vantagem, virou-a e prendeu as algemas nos dois pulsos dela, de modo que os braços ficassem atados. Então, simplesmente a ergueu e jogou-a por sobre o ombro.

Deixou-a gritar, chutar, e a colocou no carro antes que um único bom-samaritano se

interessasse por ela. Jack ouviu as ameaças e promessas de M.J. enquanto saía do meio-fio e dirigia rapidamente pelas ruas.

— E você falou em confiança. — E onde não havia confiança, pensou Jack, tinha de haver prova. Cauteloso, fez um retorno, explorando a área até que achou uma viela estreita a meia quadra da cabine telefônica. Recostou-se, desligou os faróis e o motor.

Inclinando-se, colocou uma mão ao redor da nuca de M.J., puxou-lhe o rosto para mais perto.

— Quer ver onde seu telefonema teria nos levado? Apenas fique sentada aí.

— Tire suas mãos de mim.

— No momento, ter minhas mãos em você é a menor de minhas preocupações. Fique quieta. E espere pelo que virá.

Quando Jack afrouxou a mão em sua nuca, ela teve um sobressalto.

— Esperar pelo quê?

— Não deve demorar muito. — E, refletindo no escuro, ele observou a rua.

Levou menos de cinco minutos. Pelas suas contas, um pouco mais de 15 minutos após o telefonema dela. A van virou a esquina. Dois homens desceram.

— Você os reconhece?

É claro que ela os reconhecia. Vira-os apenas naquela manhã. Um deles tinha quebrado sua porta. O outro atirado na sua direção. Com um rápido tremor, fechou os olhos. Eles haviam rastreado a ligação da linha de Bailey, percebeu. E com rapidez e eficiência.

E se Jack não tivesse agido rapidamente, poderiam tê-la capturado com a mesma rapidez e eficiência.

O mais baixo dos homens entrou no bar, enquanto o outro ficou parado perto da cabine telefônica, olhando a rua, uma das mãos descansando embaixo da jaqueta.

— Ele vai dar algum dinheiro para o barman a fim de saber se você estava lá, se estava sozinha, há quanto tempo partiu. Não vão ficar aí por muito tempo. Irão descobrir que você ainda está comigo, portanto irão procurar meu carro. Não poderemos mais usá-lo por aqui esta noite.

M.J. não falou nada quando o segundo homem saiu do bar, e se juntou ao outro. Eles pareciam estar discutindo alguma coisa, discordando brevemente, então voltaram a subir na van e saíram em velocidade.

Ela permaneceu silenciosa por mais um momento, e, olhando em frente, disse:

— Você estava certo — murmurou finalmente. — Desculpe-me.

— Perdão? Não tenho certeza se ouvi isso.

— Você estava certo. — Ela teve de engolir em seco quando descobriu que estava à beira das lágrimas. — Desculpe-me.

Ouvir as lágrimas na voz de M.J. apenas o deixou ainda mais nervoso.

— Poupe-se — disse ele e ligou o motor. — Da próxima vez em que quiser cometer

suicídio, certifique-se de que eu esteja fora de alcance.

— Eu precisava tentar. Não podia deixar de tentar. Pensei que você estivesse agindo de forma exagerada, ou apenas me pressionando. Estava errada. Quantas vezes quer que eu lhe diga isso?

— Ainda não decidi. Se você começar a choramingar, vou ficar realmente irritado.

— Eu não choramingo! — Mas queria chorar. As lágrimas estavam queimando em sua garganta. Foi quase tão difícil engoli-las quanto teria sido liberá-las.

M.J. tentou se acalmar enquanto ele dirigia para fora da cidade e para uma estrada secundária deserta na Virgínia. As luzes da cidade deram lugar à escuridão reconfortante.

— Ninguém está nos seguindo — disse ela.

— Isso porque sou bom, não porque você não é teimosa.

— Deixe-me em paz.

— Se eu tivesse ficado sentado no bar mais cinco minutos, esperando por você, provavelmente estaria tão morto quanto Ralph agora. Então, considere-se uma mulher de sorte por eu não tê-la abandonado no acostamento da estrada e ido para o México.

— Por que não faz isso?

— Tenho um investimento. — Jack a fitou, viu o brilho dos olhos molhados e cerrou os dentes. — Não me olhe assim. Isso me deixa louco.

Praguejando, ele foi para o acostamento e parou. Tirando a chave do bolso, abriu as algemas dela, então saiu do carro para andar.

Por que estava envolvido com aquela mulher?, perguntou a si mesmo. Por que não tinha se libertado? Por que não estava se libertando naquele exato momento? O México não era um lugar tão ruim. Ele poderia conseguir um lugar na praia, tomar sol e esperar que toda aquela confusão acabasse.

Nada o estava impedindo.

Então M.J. desceu do carro, falou rapidamente:

— Meu amigo está em apuros.

— Não dou a mínima para seu amigo. — Jack se virou para ela. — Estou preocupado comigo. E talvez esteja preocupado com você, embora só Deus saiba por quê, já que você não tem sido nada além de problema desde o momento em que a vi subindo os degraus para seu apartamento.

— Vou dormir com você. Aquilo o deixou pasmo.

— O quê?

M.J. endireitou os ombros.

— Vou dormir com você. Faça tudo que quiser, se me ajudar.

Ele a olhou, vendo a maneira como o luar banhava seu cabelo, o modo como os olhos continuavam úmidos. E a desejou com loucura.

Mas não em uma barganha.

— Oh, isso é ótimo. — A voz de Jack era repleta de amargura. — Excelente. Nem mesmo preciso forçá-la. — aproximando-se, segurou-a pelos braços e a sacudiu. — Quem você pensa que eu sou?

— Não sei.

— Eu não uso as mulheres — disse ele entre dentes. — E quando levo uma para cama é porque existe um desejo mútuo. Então, obrigado pela oferta, mas não estou interessado no sacrifício supremo.

Jack a soltou e começou a voltar para o carro. A fúria o vez se virar para trás.

— Você acha que seu amigo apreciaria o gesto se descobrisse que você dormiu comigo para ajudá-lo?

M.J. respirou longa e profundamente. O fato de Jack ter ficado insultado com sua oferta ganhara mais a confiança dela do que qualquer promessa ou juramento teria feito.

— Não. Isso não teria me impedido, mas não.

M.J. se aproximou, parando quando estavam a um braço de distância.

— O nome de minha amiga é Bailey James. Ela é gemologista.

Jack reconheceu o nome do documento que Ralph tinha lhe dado. Mas o fato de ser amiga e não amigo era a informação mais vital para ele.

— Amiga?

— Sim, amiga. Fizemos faculdade juntas, moramos juntas. Um dos motivos pelos quais abri meu pub em Washington foi por causa de Bailey, e Grace. Ela era a nossa outra companheira de casa. São as melhores amigas que tenho, que já tive. Temo por ambas, e preciso de sua ajuda.

— Foi Bailey quem lhe enviou a pedra?

— Sim, e ela não teria feito isso sem uma boa razão. Acho que deve ter enviado a terceira para Grace. Esse seria o tipo de lógica de Bailey. Ela faz muitos trabalhos de consultoria para o museu Smithsonian.

Subitamente cansada, M.J. esfregou os olhos arenosos.

— Não a vejo desde quarta-feira à noite. Deveríamos nos encontrar hoje no pub. Deixei um bilhete debaixo da porta de Bailey para combinar o horário. Trabalho muitas noites, ela trabalha durante o dia, então, embora moremos no mesmo prédio e no mesmo andar, passamos muitos bilhetes por baixo da porta. E ultimamente, desde que Bailey está trabalhando nas Três Estrelas para o Smithsonian, tem feito muitas horas extras. Não pensei em nada quando não a vi durante alguns dias.

— E na sexta-feira você recebeu o pacote.

— Sim. Liguei para o trabalho dela imediatamente, mas ninguém atendeu. Eles fecharam desde terça-feira. Eu tinha esquecido que Bailey comentou que fechariam pelo fim de semana prolongado, mas que ela provavelmente continuaria trabalhando. Fui até lá, mas o lugar estava trancado. Telefonei para Grace, mas a secretária eletrônica atendeu.

Naquela altura, eu estava irritada com as duas. Decidi que Bailey deveria ter suas razões e

logo me contaria. Então, fui trabalhar. Simplesmente fui trabalhar.

— Não adianta se criticar por isso. Você não tinha muita escolha.

— Tenho a chave da casa de Bailey. Poderia ter usado. Temos um acordo de privacidade, motivo pelo qual passamos bilhetes. Não usei a chave por hábito. — M.J. deu um suspiro trêmulo. — Mas ela não atendeu ao telefone agora, quando liguei do lado de fora do bar, e eram duas horas da manhã. Bailey é uma pessoa supercorreta, nunca está na rua às duas da manhã, porém não atendeu. E estou com medo... O que eles fizeram com aquele homem... Estou receosa por ela.

Jack pôs as mãos sobre os ombros de M.J. e, desta vez, foi gentil.

— Há apenas uma coisa a fazer: — Porque achou que ela podia precisar disso, deu-lhe um beijo na testa. — Iremos checar o que aconteceu.

Ela exalou o ar num suspiro trêmulo.

— Obrigada.

— Mas desta vez você tem de confiar em mim.

— Desta vez, irei confiar.

Jack abriu a porta, esperou que ela entrasse.

— E quanto ao outro amigo de quem você falava?

Ela afastou os cabelos do rosto, olhou para cima.

— Não tenho um amigo.

Então Jack se inclinou, capturou-lhe a boca num beijo longo e ardente.

— Você terá.

Ele arriscou, voltou para Union Station primeiro. Eles estariam procurando por seu carro, verdade, mas Jack apostou no cinza enferrujado do Olds, com seu topo de vinil riscado, para se camuflar. E pretendia ser rápido.

Terminais de ônibus e de trens eram muito parecidos no meio da noite, pensou. Nem todas as pessoas curvadas em cadeiras ou estendidas em cobertores estavam esperando por transporte. Algumas simplesmente não tinham um lugar para ir.

— Continue andando — disse ele a M.J. — E se mantenha alerta. Não quero ser monopolizado aqui.

Ela se perguntou, enquanto acompanhava o ritmo dos passos dele, por que lugares como aqueles cheiravam a desespero nas primeiras horas da manhã. Não havia nada da excitação das viagens, das idas e vindas, tão evidentes durante as outras horas do dia. Aqueles que viajavam à noite, ou procuravam um canto seco para dormir, geralmente tinham poucas esperanças na vida.

— Você disse que irá verificar o que aconteceu com Bailey.

— Assim que acabar com isso. — Jack foi direto para os armários com fechaduras, fez uma busca rápida. — Às vezes, você apenas tem sorte — murmurou e, combinando números, inseriu

a chave na fechadura.

M.J. se inclinou sobre os ombros dele.

— O que tem aí?

— Pare de fungar no meu cangote e vou ver. Cópias extras de sua papelada — disse ele e entregou-lhe. — Um souvenir para você.

— Nossa, obrigada. Realmente vou querer uma recordação de nossas pequenas férias. — Mas ela guardou os papéis na bolsa após uma olhada apressada. Seu interesse aguçou quando Jack retirou um pequeno caderno coberto em couro falso preto. — Isto parece mais promissor.

— Onde está o dinheiro de fuga dele? — perguntou Jack mais para si mesmo, profundamente desapontado em não encontrar nenhum dinheiro quando passou a mão dentro do compartimento uma última vez. — Ralph manteria algumas notas aqui caso precisasse tomar um trem de última hora.

— Talvez ele já tivesse retirado.

Jack abriu a boca para discordar, então a fechou novamente.

— Sim, talvez você esteja certa. Talvez Ralph quisesse ter o dinheiro consigo se pretendesse partir com rapidez. — Franzindo o cenho, ele folheou o caderno. — Nomes, números.

— Endereços? Números de telefone? — perguntou ela, torcendo o pescoço para tentar ver.

— Não. Um livro de contabilidade. Valores, datas. Pagamentos — decidiu ele. — Parece-me que Ralph estava fazendo alguma chantagem.

— Uma pessoa muito digna, esse seu amigo Ralph.

— Ex-amigo — disse Jack de forma automática, porque se lembrou de que era a pura verdade. — Muito ex — acrescentou. — Se descobrissem isso, ele estaria cumprindo pena numa cela.

— Você acha que alguém decidiu chantagear o chantagista?

— Faz sentido. E nem todos arriscam um braço por dinheiro. — Jack meneou a cabeça. De acordo com as aparências, Ralph fizera mais do que uma renda decente com seus trabalhos secundários. — As vezes eles lutam por sangue.

— No que isso nos favorece? — M.J. quis saber.

— Não muita coisa. — Ele guardou o livro no bolso traseiro, olhou ao redor do terminal mais uma vez. — Mas alguém que Ralph estava pressionando o pressionou de volta. Ou, mais provável, alguém que sabia sobre o pequeno projeto secreto de Ralph guardou a informação até que esta se tornasse útil.

— Então, eles o mataram — acrescentou M.J., o estômago se contraindo. — Quem quer que tenha feito isso não está somente conectado com o pequeno livro de contabilidade, ou com Ralph. Está conectado a Bailey através das pedras. Preciso encontrá-la.

— Este é o próximo passo — disse ele e pegou-lhe as mãos.

M.J. entendia o risco, e preparou-se para não discutir quaisquer que fossem as instruções de Jack. Não faria perguntas. Aquela era a área de especialidade dele, afinal de contas, e ela precisava de um profissional.

Sua promessa durou menos que 30 minutos.

— Por que você só está dando voltas de carro? — perguntou ela. — Deveria ter virado à esquerda na esquina. Esqueceu como chegar lá?

— Não, não esqueci como chegar lá. Não esqueci como chegar a lugar nenhum.

Ela se virou para fitá-lo.

— Bem, se você tem um mapa na cabeça, acabou de virar no lugar errado.

— Não, não fiz isso.

Homens, pensou ela com um suspiro exasperado.

— Estou lhe dizendo... eu moro aqui. O apartamento fica a três quadras, naquela direção.

Jack dissera a si mesmo que seria paciente com ela. M.J. estava sob muito estresse. Ambos haviam tido um dia muito difícil.

Suas boas intenções desapareceram da mesma forma que a promessa de M.J. tinha desaparecido.

— Sei onde mora — replicou ele. — Fiquei parado diante de seu edifício por duas horas enquanto você fazia compras.

— Eu não estava fazendo "compras". Estava indo ao mercado, o que é completamente diferente. E você ainda não respondeu minha simples pergunta.

— Você alguma vez fica calada?

— Você alguma vez deixa de ser rude?

Ele freou o carro num sinal, tamborilou os dedos no volante.

— Você quer saber por que estou dando voltas, eu vou lhe dizer: Porque há dois homens com armas numa van procurando por nós, especialmente neste carro, e se, por acaso, estiverem na área, preciso vê-los antes que nos vejam. E a razão para isso é: prefiro não levar um tiro esta noite. Está claro o bastante?

M.J. cruzou os braços sobre o peito.

— Por que você simplesmente não disse isso quando perguntei da primeira vez?

A resposta de Jack foi um murmúrio quando virou o carro novamente. Dirigiu devagar por meio quarteirão, depois parou no meio-fio e desligou o motor.

— Por que parou aqui? Ainda estamos a quadras de distância. Ouça, Jack, se você está perdido, não vou culpá-lo. Eu posso...

— Não estou perdido. — Ele colocou ambas as mãos nos cabelos e ficou tentado a puxá-los.

— Nunca me perco. Sei o que estou fazendo. — Inclinando-se, abriu o porta-luvas.

— Então, por que...

— Nós vamos a pé — disse ele e pegou uma lanterna e um revólver 38. Certificou-se de que ela visse a arma, e levou um tempo checando o cartucho. Ela mal piscou.

— Isso não faz o menor sentido. Se temos de...

— Vamos fazer isso do meu jeito.

— Oh, grande surpresa. Só estou perguntando...

— Estou cansado de responder. Realmente cansado de responder. — Mas ele suspirou. — Vamos seguir por esta rua, então, entre aqueles dois jardins, rodear o edifício no próximo quarteirão, depois ir para os fundos do prédio de apartamentos. Iremos andando porque eles terão mais dificuldade de nos avistar se estiverem vigiando o edifício.

M.J. pensou sobre aquilo, considerou as possibilidades, então assentiu.

— Bem, isso faz sentido.

— Obrigado, muito obrigado. — Jack pegou a bolsa de M.J., esvaziou a carteira de dinheiro, enquanto ela protestava em choque.

— O que acha que está fazendo? Este dinheiro é meu! — Ela pegou a carteira vazia enquanto Jack guardava as notas no bolso, então arregalou os olhos quando ele retirou o diamante e o guardou no mesmo bolso. — Dê-me isso. Você está louco?

Ela tentou agarrá-lo a fim de recuperar a pedra. Jack simplesmente a empurrou de volta para o assento, manteve-a no lugar e, arriscando-se a uma outra mordida no lábio, beijou-a. M.J. se contorceu, murmurou alguma coisa que ele achou que eram xingamentos, bateu-lhe nas costelas com o punho fechado. Então, decidiu cooperar.

E a cooperação de M.J., ardente, ávida, era muito mais difícil de resistir do que seus protestos. Ele se perdeu nela por um momento, experimentou o choque de se sentir incapaz de fazer o contrário.

Foi como da primeira vez. Extremamente intenso. Passou pela cabeça de Jack que estava esperando a vida inteira para encontrar sua boca pressionada contra a dela.

Simple assim. Apavorante assim.

Ela relaxou o punho com o qual atingira Jack e seus dedos abertos agora deslizavam pelas costas largas, apertavam-lhe os ombros de maneira possessiva. Meu, pensou M.J.

Fácil assim. Assustador assim.

Quando ele se afastou, os dois se entreolharam na luz parca, duas pessoas de mente forte que tinham seus mundos virados de ponta-cabeça no momento. A mão de M.J. ainda segurava o ombro largo, enquanto Jack também lhe tocava o ombro.

— Por que você fez isso? — perguntou ela.

— Foi mais para calá-la. — Ele alisou-lhe os ombros, entrelaçou as mãos nos cabelos dela. — Isso mudou.

Muito vagarosamente, M.J. assentiu.

— Sim, mudou.

Jack teve uma súbita vontade de arrastá-la para o banco de trás do carro e brincar de adolescente. A ideia quase o fez sorrir.

— Não posso pensar nisso agora.

— Não, nem eu.

A mão que estava nos cabelos dela se moveu e, num gesto surpreendentemente doce, pegou a mão de M.J. na sua, entrelaçou os dedos de ambos.

— Iremos fazer mais do que pensar sobre isso mais tarde.

— Sim. — Ela esboçou um pequeno sorriso. — Suponho que iremos.

— Vamos. Não, não leve a bolsa. — Quando M.J. abriu a boca para argumentar, ele simplesmente lhe tirou a bolsa da mão e jogou-a no banco de trás. — Esta coisa pesa uma tonelada. Talvez tenhamos de nos movimentar com rapidez. Estou levando o dinheiro e a pedra, porque eles podem achar o carro, ou porque talvez nunca consigamos voltar aqui.

— Tudo bem. — Ela desceu, esperou por Jack na calçada. Olhou brevemente para a arma guardada num coldre de ombro. — Sei que é arriscado, mas tenho de fazer isso, Jack. Ele pegou sua mão novamente.

— Então vamos fazer isso.

Seguiram a rota que Jack havia mapeado, andando entre jardins externos de casas, ouvindo os latidos de um cachorro. A lua estava no céu, um brilho forte que tanto iluminava o caminho deles quanto os expunha.

Jack chegou a desejar que a tivesse feito trocar a camiseta branca. Brilhava no escuro como uma bandeira iluminada. Mas ela se movia bem, com passos longos e silenciosos. Ele já sabia que M.J. poderia correr se fosse necessário. Teria de ficar satisfeito com isso.

— Você precisa fazer o que eu lhe disser — começou Jack, mantendo o tom de voz baixo enquanto estudava a área dos fundos do prédio. — Sei que aceitar sem questionamento vai contra sua personalidade, mas terá de engolir isso. Se eu lhe disser para andar, você anda. Se eu lhe mandar correr, você corre. Sem perguntas, sem discussões.

— Não sou estúpida. Só gosto de saber os motivos.

— Desta vez, você vai obedecer e nós discutiremos os motivos mais tarde.

Ela se esforçou para seguir os passos de Jack.

— O carro de Bailey está aqui — disse num sussurro. — O pequeno carro branco.

— Certo, então talvez ela esteja em casa. — Ou, pensou ele, ela não tenha sido capaz de dirigir. Mas não achava que aquilo era o que M.J. precisava ouvir. — Iremos pela lateral, através da porta de incêndio, depois subiremos as escadas. Sem barulho, sem conversa.

— Tudo bem.

Os olhos dela já estavam nas janelas de Bailey quando eles se apressaram em direção à porta lateral. As janelas estavam escuras, as cortinas fechadas. Bailey sempre deixava as cortinas abertas, foi tudo em que pôde pensar. Gostava de olhar pelas janelas, e raramente as fechava.

Eles entraram como sombras e, com Jack a meio passo na dianteira, subiram os degraus

em silêncio. A luz de segurança acionou, iluminando os corredores e a escada. Jack olhou para a porta da frente, mantendo-se na lateral. Se alguém estivesse observando, pensou, eles seriam facilmente avistados indo para a luz.

Era um risco que tinham de correr.

Conforme subiam as escadas, ele tentou ouvir algum som, perceber algum movimento. Era tão tarde que já era cedo. O prédio dormia. Não havia nem mesmo o murmúrio de uma televisão ligada atrás das portas pelas quais passaram no segundo andar.

Quando chegaram ao terceiro, M.J. fez seu primeiro som, apenas um pequeno suspiro, rapidamente abafado. Havia fitas da polícia sobre a porta.

— Sua vizinha com chinelos de coelho chamou a polícia — murmurou Jack. — As probabilidades são de que eles estejam procurando por você, também. — Ele estendeu uma das mãos. — Chave?

Ela se virou, manteve os olhos na porta de Bailey enquanto enfiava a mão no bolso, pegava a chave e lhe entregava. Jack gesticulou para que ela ficasse de costas para a escada a fim de ter espaço caso precisasse fugir, sacou a arma, então destrancou a porta.

Mantendo-se abaixado, usou a lanterna para explorar o local, não viu nenhum movimento. Erguendo uma das mãos para manter M.J. no lugar, entrou. O que tinha visto já o fizera decidir que não havia ninguém lá dentro, mas queria checar o quarto, a cozinha, antes de chamar M.J.

Tinha dado os primeiros passos quando o gemido dela o fez se virar.

— Fique para trás — ordenou Jack. — Fique quieta.

— Oh, meu Deus, Bailey. — Ela foi em direção ao quarto, pulando almofadas rasgadas, cadeiras viradas, como um atleta participando de um torneio.

Jack alcançou a porta do quarto um passo antes, tirou-a rudemente do caminho.

— Controle-se, droga. — Ele suspirou, então abriu a porta. — Ela não está aqui — disse após um momento. — Vá fechar a porta da frente. Tranque.

Com pernas trêmulas, M.J. atravessou a sala de estar destruída. Fechou a porta, trancou-a, então se inclinou para trás com fraqueza.

— O que fizeram com ela, Jack? Oh, Deus, o que fizeram com ela?

— Sente-se. Deixe-me trabalhar.

M.J. fechou os olhos com força, lutou por controle. Imagens lhe preencheram a mente. Ela e Grace sentadas à sombra de uma rocha, enquanto Bailey procurava pedras na terra. As três rindo como bobas tarde da noite, enquanto tomavam uma garrafa de vinho. Bailey, com os cabelos loiros caindo no rosto, contemplando um par de sapatos italianos na vitrine de uma loja.

— Vou ajudar — disse ela, e deu um suspiro exasperado. — Eu posso ajudar.

Sim, pensou Jack, observando o modo como a coluna de M.J. enrijeceu, os ombros se endireitando. Provavelmente podia.

— Certo, mas não podemos fazer barulho, e seja rápida. Não podemos arriscar as luzes, ou muito tempo.

Ele movimentou a lanterna ao redor do quarto. Conteúdos de gavetas e armários tinham

sido jogados e espalhados. Alguns itens estavam quebrados. As almofadas, o colchão, até mesmo o encosto das poltronas estavam cortados. O ambiente estava totalmente destruído.

— Você não poderá dizer se está faltando alguma coisa no meio desta bagunça. — Jack estudou os danos superficiais e calculou que a tal de Bailey possuía muitos objetos de decoração e bugigangas.

Mas posso lhe dizer, não acho que sua amiga estava aqui quando isso aconteceu.

M.J. pressionou uma das mãos contra o coração, como se para segurar a esperança.

— Por quê?

— Isso não foi uma luta. Foi uma busca. Uma busca rápida e silenciosa. Eu diria que temos uma boa ideia sobre o que eles estavam procurando. Se encontraram ou não...

— O diamante estaria com Bailey — disse M.J. com segurança. — O bilhete dizia claramente que eu deveria manter a pedra comigo. Ela teria feito o mesmo.

— Se isso é verdade, então provavelmente ela ainda tem a pedra. Bailey não estava aqui — repetiu Jack, levando a lanterna para ver a sala de estar. — Ela não lutou aqui, não foi ferida aqui. Não há sangue.

Os joelhos de M.J. fraquejaram novamente.

— Sem sangue. — E ela pressionou uma das mãos contra a boca para conter o pequeno soluço de alívio. — Certo. Ela está bem. Bailey se escondeu, do mesmo modo que fizemos.

— Se ela é tão esperta como você diz, é exatamente o que faria.

— Bailey é esperta o bastante para correr, se isso for necessário. — No entanto, era muito inocente, pensou M.J. e sentiu uma profunda tristeza. — Ela não conhece as ruas, Jack. Vai trabalhar a pé porque o local é muito perto. Não conhece a área completamente. Bailey é brilhante, mas é ingênua. Confiava muito facilmente, gosta de acreditar nas pessoas. É tão doce — acrescentou com um pequeno tremor.

— Ela deve ter aprendido alguma coisa com você. — Ele apreciou o fato de que M.J. pôde sorrir com aquilo, mesmo que só um pouquinho. — Vamos apenas dar uma olhada rápida nestas coisas, ver se surge algo importante. Cheque as roupas de Bailey... veja se é possível dizer que sua amiga fez a mala para partir.

— Bailey tem um kit de viagem, totalmente estocado. Não vai a lugar algum sem ele. — Abrandada por aquele fato simples do dia-a-dia, M.J. se dirigiu ao banheiro para verificar.

Mesmo lá, frascos tinham sido abertos, prateleiras removidas, potes esvaziados. Mas achou o kit do qual falava, aberto e vazio no chão, reconheceu diversos de seus conteúdos: a escova de dentes de viagem, a escova de cabelos dobrável, xampus e sabonetes em embalagens pequenas, próprias para viagem.

— Está aqui. — M.J. foi para o quarto, vasculhou as roupas da melhor maneira possível. — Não acho que ela tenha levado nada. Há um vestido faltando. E novo, por isso lembro. Um vestido azul de seda. Ela devia estar usando. Nossa, sapatos e bolsas, não sei. Bailey os coleciona como selos.

— Ela guarda alguma coisa escondida?

Insultada, M.J. levantou a cabeça.

— Bailey não usa drogas.

— Drogas não. — Paciência, Jack disse a si mesmo, e olhou para o teto. — Você realmente tem uma péssima opinião a meu respeito, querida. Estou falando de dinheiro.

— Oh. — M.J. estava abaixada e ergueu o corpo. — Desculpe-me. Sim, ela guarda algum dinheiro. — Aquilo a incomodava um pouco, mas o conduziu para a cozinha. — Deus, ela vai detestar ver isso. Realmente gosta das coisas organizadas. É como uma obsessão para Bailey. E olhe esta cozinha. — M.J. chutou algumas latas cobertas de farinha, açúcar e café que tinham sido despejados de suas caixas. — Você ficaria chocado se achasse um farelo dentro da torradeira.

— Eu diria que todos temos problemas maiores do que manter a casa em ordem.

— Certo. — M.J. se abaixou, pegou uma lata de sopa. — Isto é um daqueles cofres falsos — explicou e girou a tampa. — Ela não levou dinheiro de emergência, também. — O que era um alívio. — Provavelmente não voltou aqui desde... Ei! — M.J. puxou a caixa, mas ele já tinha retirado o dinheiro. — Ponha isso de volta.

— Ouça, não podemos nos arriscar usando cartões de crédito, então precisaremos de dinheiro vivo. — Ele guardou o bloco grosso de notas no bolso. — Você pode devolver depois.

— Eu posso? Você pegou o dinheiro.

— Detalhes — murmurou Jack, pegando-lhe a mão. — Vamos. Não há nada aqui, e estamos arriscando nossa sorte.

— Eu poderia deixar um bilhete a Bailey, caso ela volte. Pare de me arrastar.

— Ela pode não ser a única a voltar. — Jack a empurrou para a porta, e continuou empurrando-a até que estavam descendo as escadas.

— Preciso saber sobre Grace.

— Uma amiga de cada vez, M.J. Vamos sair de Dodge por um tempo.

— Se eu puder ligar para ela, de meu telefone, ou de seu celular. Jack, se Bailey e eu estamos no meio disso, Grace também está.

— Vocês são inseparáveis, certo?

— E daí? — M.J. correu em direção à porta lateral com ele, dominada pela nova preocupação. — Preciso encontrá-la. Grace tem uma casa em Potomac. Não acho que esteja lá. Creio que está em sua casa de campo, mas...

— Quieta. — Ele abriu a porta, olhou ao redor do estacionamento e do bairro adormecido. Tinha sido tudo fácil e tranquilo até agora. E algo fácil e tranquilo numa situação como aquela o deixava nervoso. — Fique em silêncio até que estejamos seguros, por favor. Deus, você fala demais.

Ela resmungou e Jack a puxou para fora e começou a andar com rapidez.

— Não vejo qual é o problema. A pessoa que estava procurando Bailey e o diamante já veio aqui e já foi embora.

— Não significa que não possa voltar. — Jack viu a lua refletir no metal da van no momento

em que esta entrou no estacionamento. — Às vezes detesto estar certo. Vá! — gritou, empurrando M.J. à sua frente.

Depois se virou para proteger as costas dela, tentou fazer uma breve prece para que não tivessem sido vistos. E decidiu que Deus estava ocupado no momento, quando as portas da van se abriram. A arma estava em sua mão, a primeira bala foi disparada, antes que se virasse e corresse atrás de M.J.

Jack esperou que o único tiro pudesse dar aos seus perseguidores alguma coisa a considerar.

— Eu disse vá! — gritou ele quando M.J. hesitou.

— Ouvi um tiro. Pensei..

— Não pense. Corra. — Ele a pegou pela mão para ter a certeza que ela correria, e agradeceu quando M.J. não teve problema para acompanhar seus passos.

Eles passaram pelos jardins e, desta vez, o cachorro pareceu enlouquecido, emitindo um latido alto e tão agudo que se ouvia a quarteirões de distância. A lua, agora ainda mais brilhante, iluminava o caminho. Embora não ouvisse passos a segui-los, Jack não diminuiu o ritmo quando eles rodearam a lateral do prédio e viraram a esquina.

Ele olhou ao redor da rua e continuou correndo.

— Entre — foi tudo que disse quando chegou ao carro.

Não precisava ter se incomodado com a ordem. M.J. já estava abrindo a porta e se acomodando no banco.

— Eles não nos seguiram — murmurou ela, ofegante. — Isso é ruim. Deveriam ter nos seguido.

— Você entendeu a situação. — Jack virou a chave, ligou o motor e saiu do meio-fio no exato momento em que a van dobrou a esquina. — Segure-se em algum lugar.

Embora ela não tivesse acreditado que aquilo fosse possível, Jack girou o carro num retorno de 180 graus, subindo com duas rodas na calçada oposta. O para-choque arranhou um seda de leve, e então ele estava dirigindo numa rua silenciosa e tranquila a cem quilômetros por hora.

Ele virou na primeira rua com a van um pouco atrás.

— Você sabe usar uma arma? M.J. se sentou ereta no banco.

— Sim.

— Vamos rezar para que isso não seja necessário. Prenda seu cinto de segurança, se conseguir — sugeriu ele quando virou a próxima esquina em velocidade. O cotovelo de M.J. raspou contra o painel. — E não aponte a arma nesta direção.

— Sei lidar com um revólver — Com dentes cerrados, ela se preparou e observou através do espelho retrovisor. — Continue dirigindo. Eles estão se aproximando.

Jack olhou pelo retrovisor, calculou a distância do sinal que se aproximava.

— Não desta vez — prometeu.

Jack se enroscou nas ruas como uma cobra, usando o breque, pisando fundo no acelerador, fazendo os pneus cantarem. O desafio daquilo, a velocidade, a insanidade, o fez sorrir.

— Gosto de fazer isso ouvindo música. — E ligou o rádio em volume bem alto.

— Você está louco. — Mas ela se pegou sorrindo de volta. — Eles querem nos matar.

— Pessoas no inferno querem sacolas. — Ele chegou a uma avenida larga e alcançou 130 quilômetros por hora. — Este carro pode não parecer grande coisa, mas corre.

— Assim como a van. Eles ainda não nos perderam de vista.

— Eu nem comecei ainda. — Jack virou rapidamente para a esquerda, para a direita, então passou, de modo imprudente, por um sinal vermelho. O trânsito estava escasso, mesmo enquanto se dirigiam para o centro da cidade. — Este é o problema de Washington — comentou. — Não há vida noturna. Políticos e embaixadores.

— O lugar tem dignidade.

— Sim, certo. — Ele fez uma curva a 80 quilômetros e começou a virar em diversas ruas estreitas e rodar em círculos. Ouviu o barulho de metal raspando em metal quando uma bala atingiu seu para-lama.

— Agora eles estão ficando perigosos.

— Acho que estão tentando atirar nos pneus.

— Acabei de comprar pneus novos.

Velhos ou novos, pensou M.J., se uma bala atingisse a borracha, o jogo estaria acabado. Ela inalou profundamente, prendeu a respiração, então se colocou para fora da janela até a cintura e atirou.

— Você está louca? — O coração de Jack saltou na garganta, e quase o fez bater com o carro num poste de rua. — Ponha esta cabeça para dentro antes que fique sem ela.

Muito irada para sentir medo, MJ. atirou novamente.

— Dois podem brincar. — Com o terceiro tiro, ela atingiu um farol. — O vidro estilhaçando enviou uma carga de adrenalina pelo corpo de MJ. Não importava que estivesse mirando no para-brisa. — Eu os atingi.

Com um resmungo irritado, Jack agarrou o cós do jeans e a puxou para dentro. Pela primeira vez na vida, suas mãos tremeram no volante do carro.

— Quem você pensa que é, Bonnie Parker?

— Eles desistiram.

— Não, não desistiram. Estou mais rápido que eles. Deixe-me lidar com isso, por favor?

Ele voltou para a estrada de quatro pistas, subiu na pequena ilha que separava as duas mãos. Faíscas saíram como estrelas quando aço derrapou no concreto. Com uma habilidade que M.J. admirou, ele girou o carro num arco amplo, então se dirigiu para o norte.

— Eles estão tentando. — Ela se virou no assento, pôs a cabeça para fora da janela novamente, apesar dos protestos de Jack. — Não acho que eles vão... — Parou ao som de metal amassando. — Eles estão dando uma ré, indo para o norte pela pista que segue para o sul.

— Posso ver. Não preciso de uma comentarista. Volte para dentro. Ponha o cinto desta vez.

Jack subiu a rampa para Beltway a 100 por hora. E havia ganhado tempo suficiente para conseguir fugir, calculou. Pegou a próxima saída e se dirigiu para Maryland.

— Você os deixou para trás. — M.J. se inclinou e lhe deu um beijo entusiasmado no rosto.
— Você é bom, Dakota.

— Com certeza. — Mas ele estava tremendo. No momento que achou que podia, parou no acostamento e tirou o sorriso de M.J. do rosto quando lhe segurou os ombros e a sacudiu com força. — Nunca mais faça uma coisa tão estúpida como aquela. Você teve sorte de não ter caído para fora da janela ou não ter levado um tiro na cabeça.

— Pare com isso, Jack. — A mão dela já estava fechada. — Estou falando sério. — Então amoleceu quando ele a puxou para si e a abraçou forte. O rosto de Jack estava enterrado em seus cabelos, o coração batendo acelerado. — Ei. — Desconcertada, emocionada, deu-lhe um tapinha nas costas. — Eu estava apenas testando minha capacidade.

— Não faça isso. — A boca de Jack encontrou a dela num beijo desesperado. — Não faça isso. - E tão abruptamente quanto a abraçara, afastou-a de si. — Você me deixa louco — murmurou, furioso com as próprias emoções. — Só cale a boca - acrescentou quando M.J. abriu a boca. — Fique calada. Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — Ela também estava tremendo interiormente. Como se o destino do mundo dependesse disso, meticulosamente prendeu o cinto de segurança enquanto ele voltava para a estrada. — Eu realmente gostaria de ligar para minha amiga Grace.

As mãos de Jack estavam tensas no volante, mas ele manteve a voz calma.

— Não podemos arriscar isso agora. Não sabemos que tipo de equipamento eles têm na van, e ainda estão muito perto. Vamos ver o que podemos conseguir amanhã.

Sabendo que teria de se contentar com aquilo, M.J. esfregou as mãos irrequietas nos joelhos.

— Jack, sei que você se arriscou indo à casa de Bailey para tentar me tranquilizar. Obrigada.

— Foi apenas parte do serviço.

— Verdade?

Ele virou o rosto, encontrou-lhe os olhos.

— Que coisa, não. Eu disse que não quero falar sobre isso.

— Não estou falando sobre isso. — M.J. não tinha certeza se sabia o que fazer com aqueles sentimentos inesperados que a estavam dominando. — Estou agradecendo.

— Não tem de quê. Ouça, vou voltar para o Motel Bates. Você está mais cansada ou com fome?

Aquilo, pelo menos, não exigia reflexão.

— Com fome.

— Ótimo, eu também.

Tinha muitas reflexões a fazer; decidiu M.J. Sua amiga estava desaparecida, tinha um diamante azul inestimável em sua posse... ou no bolso de Jack... e havia sido perseguida, algemada, e ficara na mira de armas.

Além disso, sentia muito medo de que estivesse se apaixonando por um caçador de recompensas que dirigia como um maníaco e beijava como um sonho.

Um sonho doce e quente.

E não sabia muito mais do que o nome dele.

Aquilo não fazia sentido e, embora gostasse de ser impulsiva em algumas áreas, seu coração não era uma delas. Sempre mantivera rédea firme ali, e era assustador se sentir encantada por um homem que literalmente a golpeara apenas um dia antes.

Não era uma mulher romântica, ou sonhadora. Mas era uma mulher honesta. Honesta o bastante para admitir que, qualquer que fosse o dano que estivesse enfrentando no mundo exterior, estava enfrentando um perigo tão grande e tão real que vinha de seu próprio coração.

Ele estava tremendo de fúria. Incompetência. Era inadmissível encontrar-se cercado por incompetência. Era verdade que tivera de contratar os homens rapidamente, e somente com o mínimo de recomendações, mas o fracasso deles em executar uma pequena tarefa, em lidar com uma mulher, era simplesmente um absurdo.

Ele não tinha dúvidas de que poderia ter lidado com ela sozinho, se pudesse ter arriscado a exposição.

Agora, com a lua e as estrelas desaparecendo no céu, ele estava em pé no terraço, acalmando a alma com um cálice de vinho da cor de sangue novo.

Era parcialmente culpa sua, assumiu. Com certeza, deveria ter considerado a questão de Jack Dakota com mais cuidado. Mas o tempo tinha contado como um fator importante, e havia presumido que um fiador profissional que deixava pessoas provisoriamente em liberdade era capaz de seguir ordens e contratar alguém competente o bastante para pegá-la, e sábio o suficiente para abandoná-la.

Aparentemente, Jack Dakota não era um homem sábio, e sim um sujeito teimoso. E a mulher tinha uma sorte irritante. M.J. O'Leary. Bem, talvez ela tivesse a sorte dos irlandeses, mas sorte era algo que podia mudar.

Ele se certificaria de que mudasse.

Assim como cuidaria de Bailey James. Ela teria de aparecer mais cedo ou mais tarde. Ele estaria pronto. E Grace Fontaine... Uma pena.

Bem, ele encontraria a terceira pedra, também.

Teria todas. E um preço alto seria pago por todos aqueles que haviam tentado impedi-lo.

Seus dedos apertaram a haste frágil. O vidro bateu na pedra. Vinho foi derramado. Ele sorriu com crueldade, observou o líquido vermelho procurar as fendas.

Mais do que sangue seria derramado, prometeu a si mesmo.

E logo.

Eles se acomodaram no pequeno restaurante 24 horas perto do motel. Café forte veio primeiro, servido por uma garçonete de olhos sonolentos, usando um uniforme cor-de-rosa sujo e um crachá de plástico que declarava chamar-se Midge.

M.J. se movimentou no banco, soltou o jeans rasgado que se prendera no vinil do assento, estudou atentamente o cardápio escrito à mão e coberto por plástico, então colocou um dos cotovelos sobre a toalha manchada de café que cobria a mesa.

Uma música country muito antiga estava tocando na vitrola automática, e o ar estava pesado, com cheiro de frituras.

Estética não era servida ali, mas café da manhã era. Vinte e quatro horas por dia.

— Isso é quase perfeito demais — comentou M.J. depois de pedir um café da manhã reforçado, incluindo ovos e bacon. — O nome Midge, que é o nome de um tipo de mosquito, até mesmo combina com ela... trabalhadora, competente e amigável. Sempre me perguntei se as pessoas são influenciadas pelos seus nomes ou vice-versa. Como Bailey... amável, estudiosa, inteligente. Ou Grace, elegante, feminina e generosa.

Jack roçou o polegar sobre os pelos despontando no queixo.

— Então, M.J. são iniciais de quê?

— De nada.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— É claro que são. Mary Jo, Melissa Jane, Margaret Joan, o quê?

Ela tomou um gole do café.

— São apenas iniciais. E isso foi legalmente permitido, também.

Os lábios de Jack se curvaram num sorriso.

— Vou embriagá-la e você vai me contar.

— Dakota, venho de uma longa linhagem de donos de pubs irlandeses. Embriagar alguém como eu está além de suas capacidades.

— Teremos de ver se isso é verdade... talvez no seu bar. Madeira escura? — perguntou ele com um sorriso. — Muitas coisas de latão. Música irlandesa ao vivo nos fins de semana?

— Sim. E nenhuma samambaia à vista.

— Agora estamos conversando. E considerando que você é dona do bar, e vai pagar a primeira rodada assim que estivermos limpos.

— Combinado. — Ela pegou a xícara de café novamente. — E, oh, estou esperando ansiosamente por isso.

— Por quê? Já não estamos nos divertindo? M.J. se recostou quando a garçonete colocou os pratos sobre a mesa.

— Obrigada. — Então, pegou o garfo e comeu um pouco. — Tivemos alguns bons momentos — disse para ele. — Posso ver o livro de contabilidade de Ralph?

— Para quê?

— Para que eu possa admirar a bonita capa de plástico — respondeu ela docemente.

— Claro, por que não? — Jack ergueu os quadris, tirou o caderninho do bolso e colocou-o sobre a mesa. Enquanto ela folheava as páginas, ele provou os ovos. — Vê alguém que conhece?

Foi o tom arrogante na voz de Jack que a deixou encantada por ser capaz de fitá-lo, sorrir e dizer:

— Na verdade, sim.

— O quê? — Jack teria pegado o caderno de volta se M.J. não o tivesse tirado de seu alcance. — Quem?

— T. Salvini. Deve ser um dos meios-irmãos de Bailey.

— Está brincando?

— Não, é sério. Há um cinco e três zeros depois do nome dele. Pense bem. Tim ou Tom faziam negócios com Ralph. Você fazia negócios com Ralph, agora estou... de certo modo... fazendo negócios com você. — Aqueles olhos verdes da cor de um rio moveram-se, encontraram os dele. — Mundo pequeno, não é, Jack?

— De onde estou sentado — concordou ele.

— Aqui tem um outro pagamento, aproximadamente de cinco mil dólares. Parece que a conta veio... quatro, não cinco meses atrás. — Pensativa, M.J. bateu o caderno sobre a extremidade da mesa. — Agora, me pergunto qual dos idiotas, ou se ambos, gastaram 25 mil dólares para manter Ralph quieto sobre isso.

— Pessoas fazem coisas das quais querem manter segredo o tempo todo... e pagam por isso, de um jeito ou de outro.

Ela angulou a cabeça.

— Você realmente é um estudante da natureza humana, não é, Dakota? E um cínico, também.

— A vida é uma jornada cínica. Bem, temos uma conexão sólida com Ralph. Talvez logo façamos uma visita aos bandidos.

— Eles são homens de negócios — apontou M.J. — Repugnantes, do meu ponto de vista, mas daí a serem assassinos é um grande salto.

— Às vezes, é um passo muito menor do que você pensa. — Ele pegou o caderno de volta, guardou no bolso. — Nesta jornada cínica.

— Não posso vê-los falsificando livros de contabilidade — disse ela de maneira especulativa. — Timothy tem um problema com jogos... o que quero dizer é que gosta de jogar e tende a perder.

— Verdade? Bem, Ralph possuía diversas conexões no que dizia respeito a, vamos dizer, jogos de azar. Este é um elo que se encaixa perfeitamente na corrente.

— Então Ralph descobre que o idiota está jogando alto, talvez roubando para evitar uma surra, e o pressiona.

— Isso poderia funcionar. E Salvini negocia com alguém mais poderoso... alguém que quer as Estrelas. — Jack movimentou os ombros e decidiu dar uma chance para tramar. — Em qualquer caso, isso não foi um trabalho ruim, querida.

— Foi um trabalho ótimo — corrigiu ela.

— Eu diria bom. E você pareceu muito natural com os quadris para fora da janela do carro, atirando num homem em velocidade. — Ele mergulhou a panqueca no melado. — Isso com certeza fez meu coração parar por um minuto. Se você algum dia decidir mudar de carreira, daria uma caçadora de recompensas razoável.

— Sério? — M.J. não tinha certeza se deveria se sentir elogiada ou preocupada pela declaração. Decidiu se sentir lisonjeada. — Não acho que poderia passar minha vida caçando... ou sendo caçada. — Ela pôs tanto sal nos ovos que fez Jack, um fã do sódio, estremeecer. — Como você consegue? Por que faz isso?

— Como está sua pressão arterial?

— Hmm?

— Esqueça. Imagino que você conheça seu corpo. Sou bom em seguir pistas, recuar, então descobrir os passos que as pessoas estão planejando dar. E gosto da caça. — Ele sorriu de maneira selvagem. — Amo a caça. Não importa qual seja o tamanho da presa, contanto que você possa derrubá-la.

— Crime é crime?

— Não exatamente. Isso é atitude de policial. Mas se você tem o ponto de vista certo, é tão satisfatório pegar um pai aproveitador apelando para os filhos a fim de se sustentar quanto pegar um homem que atirou no seu sócio de negócios. Você pode derrubar ambos se chegar a conhecer sua presa. Na maioria das vezes, eles são estúpidos... possuem hábitos que não quebram.

— Tais como?

— Um homem rouba no local em que trabalha. Ele é pego em flagrante, condenado e vai para a cadeia. As probabilidades são de que tenha amigos, parentes, um amor. Não vai demorar muito antes que peça a ajuda de alguém. A maioria das pessoas não é solitária. Pensam que são, mas não são. Alguma coisa sempre os tira da cadeia. Eles dão um telefonema, fazem uma visita. Deixam um documento registrando os passos do processo. Tiram você da prisão.

Surpresa, M.J. franziu o cenho.

— Eu não fiz nada.

— Essa não é a questão. Você é uma mulher inteligente, com iniciativa, mas não teria ido tão longe. Não teria ido longe sem ligar para suas amigas.

— Ele comeu uma colherada de ovos, sorriu-lhe. — Na verdade, foi exatamente o que você fez.

— E quanto a você? Para quem ligaria?

— Para ninguém. — O sorriso de Jack desapareceu. Continuou comendo enquanto a garçonete enchia as canecas de café.

— Você não tem família?

— Não. — Ele pegou uma fatia de bacon, cortou em duas. — Meu pai partiu quando eu tinha 12 anos. Minha mãe lidou com isso odiando o mundo. Eu tinha um irmão mais velho, que se alistou no exército no dia em que completou 18 anos. E decidi não voltar. Não tenho notícias dele há 12 anos. No momento que entrei na faculdade, minha mãe decidiu que seu trabalho estava terminado e pegou a estrada. Pode-se dizer que não mantemos contato.

— Sinto muito.

Ele deu de ombros, negando a compaixão, irritado consigo mesmo por ter lhe contado aquilo tudo. Não falava sobre família. Nunca. Com ninguém.

— Você não viu sua família durante todos esses anos — continuou ela, incapaz de evitar uma pequena sondagem. — Não sabe onde eles estão... eles não sabem onde você está?

— Não éramos o que se chamaria de pessoas próximas, e não passávamos tempo juntos o bastante para sermos considerados disfuncionais.

— Mas ainda assim...

— Sempre achei que isso estava no sangue — disse Jack, interrompendo-a. — Algumas pessoas simplesmente não permanecem no lugar.

Tudo bem, pensou M.J., a família dele estava fora da discussão. Aquele era um ponto fraco, mesmo que Jack não percebesse isso.

— E quanto a você, Jack? Quanto tempo permaneceu em um lugar?

— Isso é parte da atração do meu trabalho. Você nunca sabe onde ele vai levá-lo.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ela estudou-lhe o rosto. — Mas você entendeu minha pergunta.

— Nunca tive motivo algum para permanecer em um lugar. — A mão de M.J. descansou sobre a mesa, a um centímetro da dele. Jack ficou tentado a pegá-la, apenas segurá-la. Aquilo o preocupou. — Conheço pessoas, muitas pessoas. Mas não tenho amigos... não da maneira que você tem Bailey e Grace. Muita gente passa a vida sem isso.

— Eu sei. Mas você quer amigos verdadeiros?

— Nunca pensei muito sobre isso. — Ele esfregou ambas as mãos sobre o rosto. — Deus, eu devo estar cansado. Filosofando no café da manhã no Twilight Diner às cinco da madrugada.

Ela olhou pela janela para o céu clareando a leste, a estrada totalmente vazia.

— “E numa rua longa e silenciosa, o amanhecer.. Com pés em sandálias prateadas, rastejou como uma menina assustada” — Terminando a citação, ele deu de ombros. M.J. estava olhando com expressão intrigada.

— Como você sabe isso? O que estudou exatamente na faculdade?

— Qualquer coisa que me agradasse.

Agora ela sorriu, apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Eu também. Deixava meus professores loucos. Não posso dizer quantas vezes me disseram que eu não tinha foco.

— Mas você pode citar Oscar Wilde às cinco da manhã. Pode atirar com um 38, derrubar

um homem de tamanho médio, você come como um caminhoneiro, entende sobre deuses romanos antigos, e aposto que é capaz de preparar um bom caldeireiro.

— O melhor da cidade. Então aqui estamos, Jack, duas pessoas que a maioria diria serem educadas mais do que o necessário para as carreiras que escolheram, tomando café de madrugada, enquanto dois homens numa van com um único farol procuram por nós e pela pedra bonita que você tem no bolso. É o feriado de Quatro de Julho, nós nos conhecemos há menos de 24 horas sob a pior circunstância possível, e a pessoa que nos uniu está tão morta quanto Moisés.

Ela empurrou o prato de lado.

— O que fazemos agora?

Jack tirou as notas do bolso, colocou-as sobre a mesa.

— Vamos para cama.

O quarto do motel ainda estava sujo, atravancado e escuro. A fina colcha florida continuava tão amassada quanto eles tinham deixado horas antes.

Apenas horas, pensou M.J. Pareciam dias. Uma vida inteira. Mais que uma vida inteira. Ela tinha a sensação de conhecê-lo desde sempre, percebeu enquanto o observava esvaziar o bolso sobre a cômoda, de que Jack sempre fora uma parte vital de seu ser.

Se aquilo não fosse o bastante, talvez o desejo fosse. Talvez sentir um desejo tão intenso fosse a melhor coisa na qual se segurar quando seu mundo havia se tornado insano. Não havia nada ou ninguém para confiar, exceto nele.

Por que deveria negar? Por que deveria rejeitar o conforto, a paixão? A vida?

Por que deveria rejeitá-lo, quando cada instinto lhe dizia que Jack precisava daquelas coisas tanto quanto ela?

Ele se virou, e esperou. Poderia seduzi-la. Jack não tinha dúvida quanto ao fato. M.J. estava com os nervos à flor da pele agora, soubesse disso ou não. Portanto, estava vulnerável, carente, e ele estava lá.

Às vezes, apenas isso bastava.

Poderia tê-la seduzido, e teria feito isso se não fosse tão importante. Se ela não fosse tão vital e inexplicavelmente importante. Sexo teria sido um alívio, uma liberação, um ato físico básico entre dois adultos com livre-arbítrio.

E isso deveria ser tudo que Jack quisesse.

Porém queria mais.

Permaneceu onde estava, ao lado da cômoda, com M.J. parada aos pés da cama.

— Tenho uma coisa a lhe dizer — começou Jack.

— Certo.

— Estou nisso com você até o fim, porque é assim que quero. Termina o que começo. Então, não quero nada que venha por gratidão ou obrigação.

Se o coração de M.J. não estivesse disparado, ela poderia ter sorrido.

— Entendo. Então, se eu sugerir que você durma na banheira, isso não será um problema?

Ele encostou um dos quadris contra a cômoda. — Isso seria problema seu. Se é o que quer, você pode dormir na banheira.

— Bem, você nunca alegou ser um cavalheiro.

— Não, mas mantereí as mãos longe de você.

M.J. angulou a cabeça, estudou-o. Ele parecia perigoso, e muito, muito sexy, decidiu, sentindo a pulsação acelerar. Os pelos escuros despontando no maxilar, os cabelos desalinhadados, aqueles olhos acinzentados intensos no rosto magro e forte.

Jack achava que estava lhe dando uma escolha.

M.J. se perguntou se algum deles era tolo o bastante para acreditar que ela tinha uma.

Então, o sorriso dela foi lento, arrogante. Manteve os olhos fixos nele enquanto tirava a camiseta de dentro da calça jeans. Viu o olhar de Jack ir para suas mãos, seguiu-las quando ela removeu a camiseta pela cabeça, jogou-a de lado.

— Eu gostaria de ver você tentar — murmurou M.J., e abriu o botão do jeans. Jack endireitou-se sobre as pernas trêmulas quando ela começou a abaixar o zíper.

— Eu quero fazer isso.

Com as pontas dos dedos já formigando de calor, M.J. deixou as mãos caírem na lateral do corpo.

— Fique à vontade.

Os ombros dela eram longos, com curvas fascinantes. Os seios eram pálidos e pequenos, e caberiam facilmente na palma de um homem. Mas, por enquanto, Jack olhava apenas para o rosto de M.J.

Tentou agir devagar; aproximou-se, pegando o metal entre o polegar e o indicador; descendo o zíper lentamente. E os olhos estavam fixos em M.J. quando deslizou a mão para dentro da abertura do jeans e a tocou.

Sentiu-a, quente, nua, tremendo.

— Não sei por que, mas imaginei isso.

Ela exalou o ar com cuidado, respirou fundo algumas vezes.

— Não consegui lavar as roupas esta semana.

— Ótimo. — Jack abaixou o jeans mais um pouquinho, levou as mãos para as nádegas arredondadas e firmes. — Você é uma mulher feita para a velocidade, M.J. O que é bom, porque isso não será lento. Não acho que tenho condições de agir lentamente agora. — Ele a puxou para si, sexo contra sexo. — Você terá de acompanhar o ritmo.

Os olhos de M.J. brilharam, o queixo angulou em desafio.

— Não tive nenhum problema em acompanhar seu ritmo até agora.

— Até agora — concordou ele, e arrancou-lhe um gemido quando a ergueu do chão e tomou um dos seios em sua boca sedenta.

A sensação que a percorreu foi tão gloriosa que fez seu coração disparar violentamente no peito. Ela deixou a cabeça cair para trás e envolveu as pernas ao redor da cintura de Jack, permitindo que ele se alimentasse. O roçar da barba contra sua pele, os dentes mordiscando de leve, o deslizar da língua quente... cada pequena coisa lhe provocando uma emoção estonteante.

E todas juntas deixando seu corpo em chamas e fazendo-a tremer inteira, pedindo por mais.

A queda na cama... como um mergulho impulsivo de um penhasco. Os toques das mãos fortes em seu corpo... um outro elo na corrente. A boca de Jack, desesperada pela sua... uma exigência com uma única resposta.

M.J. puxou-lhe a camisa, rolou com ele até livrá-lo da peça, até que ambos estivessem nus até a cintura. E descobriu os músculos, ossos e cicatrizes do corpo de um guerreiro. O calor de pele com pele a percorreu como um fogo indomado.

As mãos e boca de M.J. não eram menos impacientes que as dele. Seu desejo não menos brutal.

Com um gemido rouco, Jack a virou, segurando-lhe o jeans. A boca sensual percorreu seu corpo enquanto removia a calça devagar. O desejo era tão intenso que parecia cegá-lo, roubar-lhe o fôlego e abalar todos os seus sentidos. Nunca antes sentira um desejo tão agudo e desesperador quanto o que sentia por M.J. Apenas sabia que se não a tivesse, inteirinha, morreria de desejo.

Aqueles membros longos e nus, a energia pulsando em cada poro, a respiração trêmula e ofegante, faziam o sangue dele correr mais rápido nas veias e queimar o coração. Enlouquecido por ela, Jack lhe ergueu os quadris e tocou-a com a boca.

O clímax a abalou de imediato, uma onda longa e quente que a fez gemer de choque e encantamento. M.J. enterrou as unhas nas costas largas, então entrelaçou os dedos nos cabelos dourados. Deixou-o atormentá-la, deu as boas-vindas a isso. E, com o corpo ainda tremendo pelo êxtase, empurrou-o de costas para remover-lhe o resto das roupas.

Sentiu o coração acelerado de Jack, podia praticamente ouvi-lo. A pele de ambos, escorregadia pela transpiração, se tocava com sensualidade enquanto se abraçavam. Os dedos de Jack a encontraram, a levaram para além do desespero. Se falar fosse possível, M.J. teria suplicado.

Em vez disso, envolveu as pernas ao redor dele, e o aceitou dentro de si, profundamente.

Dedos fortes lhe seguraram os quadris quando ela se fechou sobre ele. Jack parecia não poder mais respirar; o coração parecia ter parado. Por um instante, enquanto M.J. jogava a cabeça para trás e Jack deslizava as mãos sinuosamente pelo corpo magnífico, ele se sentiu totalmente indefeso.

Pertencia a M.J.

Então ela começou a se mover, num ritmo acelerado, cavalgando sobre ele de modo selvagem e excitante. Em alguma parte do seu cérebro, Jack percebeu que M.J. também estava indefesa.

Pertencia a ele.

Jack acelerou o ritmo, a boca ávida nos seios perfeitos, no pescoço delicado, em qualquer

parte do corpo que pudesse tocar, enquanto se movimentavam num ritmo alucinante.

Então envolveu os braços ao redor de M.J., pressionou os lábios na altura do coração dela, sussurrando seu nome num gemido quando ambos atingiram um orgasmo maravilhoso.

Continuaram abraçados, tremendo. O tempo desapareceu para Jack. Sentiu as mãos de M.J. se afrouxarem, deslizarem fracamente pelas suas costas, e beijou-lhe o ombro. Ele se deitou de costas, então acomodou-a sobre seu peito.

Entrelaçando uma das mãos nos cabelos dela, murmurou:

— Foi um dia interessante.

M.J. conseguiu uma risadinha fraca.

— No geral. — Eles estavam suados, exaustos e possivelmente insanos, pensou ela. Com toda certeza, era insanidade se sentir tão feliz, tão perfeita quando o mundo à sua volta estava desmoronando.

Ela poderia ter dito que nunca alcançara tanta intimidade com um homem tão rapidamente. Ou que nunca havia se sentido tão sintonizada com alguém como se sentia com ele.

Mas não parecia haver razão para isso. O que estava acontecendo entre os dois, simplesmente estava acontecendo. Abrindo os olhos, estudou a pedra descansando sobre a cômoda. Estava brilhando?, se perguntou. Ou era apenas um truque de luz do quarto?

Que poder a joia possuía realmente, além da riqueza material? Era apenas carbono, afinal de contas, com alguma mistura de elementos para produzir aquela coloração rica e rara. Crescia na terra, era parte da terra, e fora um dia removida da terra por mãos humanas.

E um dia havia sido segurada pelas mãos de um deus.

A segunda pedra representava o conhecimento, pensou e fechou os olhos. Talvez algumas coisas fossem conhecidas somente pelo coração.

— Você precisa dormir — murmurou Jack calmamente. O tom da voz dele a fez se perguntar no que Jack estaria pensando.

— Talvez. — Ela saiu do peito dele, deitou-se de bruços sobre a cama grande. — Meu corpo está cansado, mas não consigo desligar a mente. — M.J. riu novamente. — Ou talvez não possa, agora que sou capaz de pensar de novo. Fazer amor com você me drenou o cérebro.

— Isso é um belo elogio. — Jack se sentou, acariciou-lhe os ombros, as costas, depois descansou a mão na curva sutil das nádegas. Intrigado, estreitou os olhos, se inclinou para mais perto. Então sorriu. — Bonita tatuagem, querida.

Ela sorriu contra a colcha quente e amarrotada da cama.

— Obrigada. Eu gosto muito. — M.J. retraiu-se quando ele ligou o abajur sobre o criado-mudo. — Ei! Apague a luz.

— Só quero dar uma olhada melhor. — Divertido, Jack esfregou o polegar sobre a figura colorida na nádega de M.J. Um grifo.

— Bom olho.

— Símbolo de força... e vigilância.

Ela virou a cabeça, inclinou-a de modo que pudesse ver-lhe o rosto.

— Você sabe as coisas mais estranhas, Jack. Mas sim, foi por isso que escolhi esta tatuagem. Grace teve a ideia de que nós três deveríamos fazer tatuagens para comemorar a formatura. Tiramos um fim de semana para ir a Nova York e cada uma de nós fez uma figura no bumbum.

O sorriso de Jack desapareceu quando pensamentos sobre as amigas dela pesaram em seu coração.

— Foi um fim de semana incrível. Fizemos Bailey ir primeiro, de modo que ela não desistisse na última hora. Ela escolheu um unicórnio. Combina tanto com Bailey. Oh, meu Deus.

— Vamos, pare com isso. — Ele estava apavorado com que M.J. pudesse chorar: — Pelo que sabemos, ela está bem. Não adianta sofrer por antecipação — continuou, massageando-lhe os músculos das costas. — Temos nossos próprios problemas. Em algumas horas, vamos tomar um banho e sair. Tentar ligar para Grace.

— Tudo bem. — Ela se esforçou para reprimir a emoção. — Talvez...

— Você corria em trilhas na faculdade?

— Hã?

A súbita mudança de assunto teve o efeito exato que Jack queria. Distraiu-a de preocupações.

— Você corria em trilhas? Tem o físico certo para isso, e a velocidade.

— Sim, na verdade, eu era corredora de milha. Jamais gostei de corridas de revezamento. Não gosto muito de esportes de equipe.

— Corredora de milha, hã? — Ele rolou para cima dela, sorrindo, traçou um dedo sobre a curva do seio. — Você tem resistência para isso.

M.J. arqueou as sobancelhas sob a franja repicada.

— É verdade.

— Força. — Jack se sentou de pernas abertas sobre ela.

— Com certeza.

Ele baixou a cabeça, brincou com os lábios sensuais.

— E você tem de saber estabelecer o ritmo dos passos.

— Claro.

— Isso é útil. — Jack lhe mordiscou o lóbulo da orelha. — Porque estou planejando um ritmo mais lento desta vez. Conhece o ditado? Aquele que diz que devagar e sempre se ganha a corrida?

— Acho que já ouvi falar.

— Por que não testamos se funciona? — sugeriu ele e capturou-lhe a boca na sua.

Desta vez, M.J. dormiu, como ele esperava que acontecesse. De braços novamente, pensou

Jack, observando-a. Acariciou-lhe os cabelos. Parecia nunca se cansar de tocá-la, e não podia lembrar-se de já ter tido essa necessidade antes. Apenas um roçar sobre o ombro, a união de dedos.

Temia que aquilo fosse ridiculamente sentimental, e ficou grato por ela estar dormindo.

Um homem com uma reputação de ser durão e cínico não gostava de ser observado admirando, como um tolo, uma mulher adormecida.

Queria fazer amor com ela novamente. Isso, pelo menos, era compreensível. Perder-se no sexo... do tipo ardente e rápido, ou do tipo doce e lento.

Ela aceitaria se ele pedisse, Jack sabia disso. Poderia acordá-la, excitá-la antes que M.J. clareasse a mente. Ela se abriria para ele, o aceitaria dentro de seu corpo, o amaria.

Mas ela precisava dormir.

Havia olheiras sob aqueles lindos olhos verdes escuros. E quando a onda da paixão desaparecera da pele, as faces tinham ficado pálidas de fadiga. Faces com ossos salientes, definidas por uma curva de pele sedosa.

Jack colocou os dedos sobre os olhos, impressionado com os próprios pensamentos. Se continuasse assim, logo estaria compondo poemas ou alguma coisa igualmente mortificante.

Ele se acomodou melhor na cama. Dormiria por uma hora, pensou, ajustando seu relógio interior. Então, voltariam para a realidade.

Fechou os olhos, apagou.

M.J. acordou com o barulho da chuva. O que a fez se lembrar de manhãs preguiçosas, chuvas de verão. Aninhando-se ao travesseiro, trocando de sonho para sonho.

Fez isso e adormeceu novamente.

O cavalo saltava sobre um rio estreito, onde águas rasas brilhavam em tom azul. Seu coração disparou, e ela se agarrou ao homem com mais firmeza. Cheirava a couro e suor.

Ao redor deles, colinas se erguiam como soldados num céu claro, onde o sol parecia uma bola de fogo. O calor era sufocante.

Ele estava vestido de preto, mas não era seu cavaleiro. O rosto era o mesmo — o rosto de Jack — mas estava sombreado sob um chapéu preto de aba larga. Um revólver estava guardado num coldre atado aos quadris, em vez de uma espada prateada.

O terreno vazio se estendia diante deles, grande como o mar, com ondas e pedras pontiagudas e afiadas. Um passo errado e o solo seria manchado com o sangue deles.

Mas ele cavalgava sem medo, e ela não sentia nada além do poder e da excitação pela velocidade.

Quando ele puxou as rédeas do cavalo e virou-se na sela, ela se atirou em seus braços, encontrou aqueles lábios tão sedentos e exigentes quanto os seus.

Então lhe ofereceu a pedra cujo brilho era mais forte que a luz do dia, e um fogo tão azul quanto a chama mais quente.

— Esta pedra pertence às outras. Amor necessita de conhecimento, e ambos necessitam de generosidade.

Ele pegou a pedra, guardou-a no bolso sobre o coração.

— Um encontra o outro. Ambos encontram a terceira. — Os olhos dele se iluminaram. — E você pertence a mim.

Na sombra de uma rocha, a cobra se desenrolou, sibilou seu aviso. Atacou.

M.J. se sentou na cama, um grito estrangulado na garganta, as mãos pressionadas contra o coração acelerado. Balançou o corpo, ainda abalada pelo sonho.

A cobra, pensou com um tremor. Uma cobra com os olhos de um homem.

Deus. Ela se concentrou em acalmar a respiração, controlar os tremores, e se perguntou por que seus sonhos eram subitamente tão claros, tão reais e tão estranhos.

Em vez de se deitar de novo, encontrou a camisa de Jack e a vestiu. Sua mente ainda estava confusa, portanto levou um momento para perceber que não era chuva que ouvia, mas sim o barulho do chuveiro ligado.

E somente aquilo — saber que Jack estava do outro lado da porta — espantou seus últimos vestígios de medo.

Podia ser uma mulher cujo orgulho era baseado em sua capacidade de lidar com qualquer situação. Mas nunca enfrentara uma situação como aquela. Ajudava saber que havia alguém para protegê-la.

E Jack a protegeria. Ela sorriu e esfregou os olhos sonolentos. Ele não a abandonaria, não lhe daria as costas. Permaneceria ao seu lado e enfrentaria quaisquer feras que encontrassem no caminho, quaisquer cobras que estivessem nas sombras.

M.J. se levantou, passou as mãos pelos cabelos, no exato momento em que a porta do banheiro se abriu.

Jack saiu, uma nuvem de fumaça seguindo-o. Uma toalha branca amarelada estava enrolada na cintura, e o corpo másculo ainda brilhava com gotas de água. Os cabelos molhados caíam sobre os ombros, as mechas douradas contrastando com o castanho espesso.

Ele ainda não tinha se barbeado.

Ela estava de pé, as pálpebras pesadas, os cabelos desalinhados pelo sono, usando nada além da camisa amassada dele, a bainha curta revelando as coxas delgadas.

Por um momento, nenhum dos dois foi capaz de fazer nada, exceto se entreolhar.

O sentimento estava lá, tão vivo e tão real no pequeno quarto barato quanto os dois. E brilhava de maneira tão impressionante e vital quanto a pedra que os levava àquele ponto.

Jack balançou a cabeça como se estivesse saindo de um sonho... talvez um sonho tão vívido e enervante quanto o que acordara M.J. Os olhos escureceram com irritação.

— Isso é tolice.

Se ela tivesse bolsos, suas mãos estariam neles. Em vez disso, cruzou os braços e franziu o cenho para ele.

— Sim, é.

— Eu não estava procurando por isso.

— Você acha que eu estava?

Ele podia ter sorrido do tom insultado na voz de M.J., mas estava muito ocupado se zangando, e tentando desesperadamente se afastar de um sentimento que acabara de golpeá-lo direto no coração.

— Era apenas um trabalho.

— Ninguém está lhe pedindo que torne as coisas diferentes.

Com olhos apertados, Jack deu um passo à frente, desafio em cada movimento.

— Bem, as coisas estão diferentes.

— Sim. — M.J. abaixou as mãos para os flancos do corpo, ergueu o queixo. — Então, o que vai fazer a respeito?

— Preciso pensar. — Ele andou até a cômoda, pegou a pedra, largou-a novamente. — Pensei que fosse somente por causa das circunstâncias, mas não é. — Virou-se para estudar o rosto dela. — Isso teria acontecido de qualquer maneira.

O coração de M.J. estava se apertando.

— Parece que sim.

— Certo. — Ele assentiu com um gesto de cabeça. — Você fala primeiro.

— Hã-hã. — Pela primeira vez desde que Jack abrisse a porta, ela sorriu. — Não, você começa.

— Droga. — Jack passou uma das mãos pelos cabelos molhados, sentiu-se extremamente tolo. — Tudo bem, tudo bem — murmurou, embora ela estivesse esperando em silêncio, pacientemente. Sentia-se muito nervoso, todos os músculos do corpo tenso, mas fitou-a nos olhos.

— Eu amo você. — A resposta de M.J. foi uma explosão de risada, que o fez cerrar os dentes até que um músculo saltou no maxilar. — Se acha que vai me ridicularizar por isso, pense duas vezes.

— Desculpe-me. — Ela reprimiu uma outra risada. — É que você parece tão sofrido e tão irritado. A falta de romantismo com que fala isso chega a ser engraçada.

— Você quer que eu cante a declaração?

— Talvez mais tarde. — M.J. riu de novo, o som alegre e encantador preenchendo o quarto. — No momento, vou poupá-lo disso. Eu também o amo. Está melhor assim?

A sensação fria no estômago de Jack se derreteu, sendo substituída por um calor maravilhoso.

— Você podia tentar ser mais séria sobre isso. Não acho que seja um assunto digno de riso.

— Olhe para nós. — Ela pressionou uma das mãos sobre a boca e sentou na beira da cama. — Se isso não é um assunto para rir, não sei o que é.

M.J. tinha razão, percebeu Jack, então sorriu também, com determinação.

— Certo, querida. Neste caso, terei de tirar este sorriso afetado de seu rosto.

— Vamos ver se um homem forte e durão como você é capaz disso.

M.J. ria como uma tola quando ele a empurrou de volta para cama e rolou para cima dela.

Precisava aprender a ceder em relação a Jack em certos assuntos, refletiu M.J. Aquele era um acordo, um relacionamento. O fato era que ele tinha mais experiência em situações como a que estavam vivenciando do que ela, que era uma pessoa sensata e podia aceitar instruções e conselhos.

A quem estava enganando? Ela não era assim.

— Por favor, Jack, tenho de esperar que você dirija até os arredores da Mongólia para dar um ridículo telefonema?

Ele lhe lançou um olhar. Estava dirigindo há exatamente dez minutos. Estava surpreso por ela ter esperado tanto tempo para reclamar. M.J. estava preocupada, lembrou a si mesmo. As últimas 24 horas tinham sido difíceis para ela. Ele seria razoável.

De maneira alguma!

— Se usar este telefone antes de minha permissão, vou jogá-la para fora da janela.

Ela tamborilou os dedos no pequeno telefone em sua mão.

— Apenas me responda uma coisa. Como alguém vai nos localizar por intermédio deste telefone portátil? Estamos no meio do nada.

— Estamos a menos de uma hora fora de Washington, garota da cidade. E você ficaria surpresa com o que pode ser rastreado.

Certo, talvez ele não tivesse certeza absoluta de que poderiam ser localizados por intermédio do celular, mas achava que era possível. Se o telefone da amiga de M.J. estivesse grampeado e as pessoas que os perseguiam tivessem a tecnologia, parecia possível que a frequência do telefone móvel fosse rastreada.

Ele não queria arriscar.

— Como?

Jack havia temido essa pergunta.

— Ouça, esta coisa é essencialmente um rádio, certo?

— Sim, e daí?

— Rádios têm frequências. Você sintoniza em uma frequência, não é? — Foi a melhor resposta que ele conseguiu dar, e ficou aliviado quando ela comprimiu os lábios e considerou. — Além disso, quero colocar alguma distância entre onde estamos e onde estávamos hospedados. Se o FBI estivesse nos perseguindo, eu gostaria que eles nos caçassem em círculos.

— O que o FBI poderia querer conosco?

— E só um exemplo. — Ele não bateu a cabeça no volante, mas teve vontade. — Apenas lide com isso, M.J. Apenas lide com isso.

Ela estava tentando, tentando lembrar a si mesma que só um dia havia se passado, afinal de contas. Um único dia.

Mas sua vida tinha mudado neste único dia.

— Pelo menos, você poderia me contar aonde estamos indo.

— Estou pegando a estrada 15 ao norte, em direção à Pensilvânia.

— Pensilvânia?

— Então você poderá dar o telefonema. Depois, iremos para o sul, em direção a Baltimore.

— Ele lhe lançou um outro olhar. — Se os Orioles estiverem na cidade, poderemos assistir a um jogo.

— Você quer assistir um jogo de beisebol?

— Ei, é o feriado de Quatro de Julho. Esportes, cerveja, desfiles e fogos de artifício. Algumas coisas são sagradas.

— Sou fã dos Yankees.

— Tinha de ser. Mas a questão é que um estádio de beisebol é um bom lugar para nos perdermos por algumas horas... e um bom lugar para um encontro, se você conseguir contatar Grace.

— Grace num jogo de beisebol? — Ela bufou. — Certo.

— É um bom esconderijo — começou Jack, então parou. — Sua amiga tem alguma coisa contra o passatempo nacional?

— Esportes não são exatamente o estilo de Grace. Agora, um bom desfile de modas, ou talvez uma bela ópera...

Foi a vez de Jack bufar.

— E vocês são amigas?!

— Ei, já fui a muitas óperas.

— Acorrentada? Ela teve de rir.

— Praticamente. Sim, nós somos amigas. — M.J. suspirou. — Suponho que, vendo superficialmente, é difícil entender por quê. A culta, a lutadora e a princesa. Mas simplesmente temos sintonia.

— Conte-me sobre elas. Comece com Bailey, uma vez que esta história começa com ela.

— Tudo bem. — M.J. respirou fundo, olhou o cenário passando, as árvores e os morros. — Ela é adorável, e tem uma aparência frágil. Loura, de olhos castanhos, com a pele rosada como uma pétala. Tem uma fraqueza por coisas bonitas, tolas. Coisas pequenas, como elefantes. Ela os coleciona. Eu lhe dei um elefante de pedra sabão em seu aniversário no mês passado.

Lembrar-se de como aquilo tinha sido normal e simples a fez comprimir os lábios.

— Bailey gosta de filmes antigos, especialmente do tipo noir, e pode ser um pouco sonhadora, às vezes. Mas é muito focada. Quando estávamos as três na universidade, ela era a única que sabia exatamente o que queria fazer, e lutou por isso.

Gostava de Bailey, pensou Jack.

— E o que ela queria?

— Gamologia, estudar pedras preciosas. Ela é fascinada por pedras. Não somente pedras do

tipo joias. Nós três sempre falamos em ir passar algumas semanas em Paris, mas no ano passado acabamos no Arizona, caçando pedras. Ela estava radiante. E Bailey teve muitas infelicidades na vida. O pai morreu quando ela era criança. Ele era negociante de antiguidades, então esta é uma outra fraqueza de Bailey: coisas lindas e antigas. De qualquer forma, adorava o pai. A mãe tentou continuar os negócios, mas deve ter sido difícil. Elas moravam em Connecticut. Você ainda pode ouvir o sotaque da Nova Inglaterra na voz dela. É charmoso.

M.J. ficou em silêncio por um momento, esforçando-se para afastar as preocupações.

— A mãe dela se casou de novo alguns anos depois, vendeu o negócio e mudou-se para Washington. Bailey gostou do padrasto, que a tratava bem, despertou-lhe o interesse por pedras, que era a área dele, e enviou-a para a universidade. A mãe de Bailey morreu quando ela estava na faculdade... um acidente de carro. Foi um período difícil. O padrasto faleceu alguns anos depois.

— Não é fácil perder pessoas queridas.

— Sim. — Ela olhou para Jack, pensou que ele tinha perdido o pai, o irmão, a mãe. Talvez nunca os tivesse tido realmente. — Eu nunca perdi ninguém.

Ele entendeu para onde a mente de M.J. tinha ido e deu de ombros.

— Você supera. Segue com sua vida. Bailey não superou?

— Sim, mas ficou com cicatrizes. Esse tipo de perda deixa cicatrizes em uma pessoa, Jack.

— Pessoas vivem com cicatrizes.

Ele não discutiria aquele assunto, percebeu M.J. e voltou a olhar o cenário.

— O padrasto de Bailey lhe deixou uma porcentagem dos negócios no testamento. O que não agradou aos idiotas.

— Ah, sim, os idiotas.

— Thomas e Timothy Salvini... eles são gêmeos, a propósito. Um é o espelho do outro. Ambos se vestem com elegância, em ternos caros, com cortes de cabelo de cem dólares.

— Este é um motivo para desgostar deles — apontou Jack. — Mas não é seu motivo principal.

— Não. Jamais gostei das atitudes dos gêmeos... em relação a Bailey e às mulheres em geral. É mais fácil dizer que Bailey os considerava parte da família, e que o sentimento não era correspondido. Timothy era particularmente rude com ela. Tenho a impressão de que eles apenas a ignoravam antes da morte do pai, então ficaram enfurecidos quando ela herdou parte dos negócios Salvini no testamento.

— E o que são os negócios Salvini?

— Salvini é o nome deles e o nome do negócio de pedras preciosas. Eles desenham, compram, vendem pedras preciosas e joias num lugar sofisticado em Chevy Chase.

— Salvini... Acho que nunca ouvi falar, mas eu não compro muitas bugigangas.

— Eles vendem peças maravilhosas... especialmente as que tem o design de Bailey. E fazem trabalhos de consultas para espólios, museus. Este é primordialmente o forte de Bailey, também. Embora ela adore o trabalho de design.

— Se Bailey faz o trabalho de design e de consultoria, o que os idiotas fazem?

— Thomas lida com a contabilidade, vendas, e faz muitas viagens para checar a fonte das pedras. Timothy trabalha no laboratório quando lhe dá vontade, e gosta de andar pelo showroom, parecendo importante.

Irrequieta, ela estendeu o braço a fim de mexer no aparelho de som do carro e levou um tapa nos dedos.

— Tire as mãos daí.

— Tem ciúme de seus brinquedos? — murmurou M.J. — Bem, de qualquer maneira, é uma firma luxuosa, antiga e respeitada. Foram os contatos de Bailey no museu Smithsonian que os fizeram conseguir o trabalho com as Três Estrelas. Ela estava nas nuvens quando aconteceu, não via a hora de pôr as mãos nas pedras, colocá-las sob uma daquelas máquinas complicadas que usa no laboratório.

— Então, ela estava verificando autenticidade, confirmando o valor.

— Isso mesmo. Bailey queria que víssemos as pedras, então Grace e eu fomos lá na semana passada. Foi a primeira vez em que pus os olhos nas Estrelas... mas elas pareciam familiares de alguma forma. Espetaculares, quase irreais, entretanto, familiares. Suponho que é porque Bailey nos descreveu as pedras. — M.J. movimentou os ombros para se livrar da sensação, e da lembrança de seus sonhos. — Você viu esta, tocou-a. É magnífica. Mas ver as três juntas simplesmente faz seu coração parar por um instante.

— Parece-me que as pedras fazem parar a consciência de uma pessoa. Se Bailey é tão honesta quanto você diz...

M.J. o interrompeu.

— Ela é.

— Então teremos de investigar os meios-irmãos.

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Eles realmente teriam a coragem de tentar roubar as Três Estrelas? — perguntou ela. — Ralph poderia estar fazendo chantagem com um deles, em vez da coisa do jogo?

— Não.

— Bem, por que não? — Então ela meneou a cabeça, respondendo à própria pergunta: — Não poderia ser... os pagamentos começaram meses atrás, e eles receberam o contrato apenas recentemente.

— Isso mesmo.

Ela refletiu sobre o assunto por mais um momento.

— Mas talvez estivessem planejando roubar as estrelas. Se estivessem tentando trapacear, fugir com as pedras, isso destruiria o negócio deles... o negócio que o pai trabalhou uma vida inteira para construir — acrescentou M.J. vagarosamente. — E isso destruiria Bailey. Até mesmo pensar sobre a possibilidade. Ela faria quase tudo para impedir que uma coisa dessas acontecesse.

— Como enviar as pedras pelo correio para as únicas duas pessoas no mundo nas quais

podia confiar sem sombra de dúvida.

— Sim... e enfrentaria os meios-irmãos. Sozinha. — O medo apertou a garganta de M.J. — Jack.

— Continue lógica. — A voz dele surgiu para combater o tremor da dela. — Se eles estão envolvidos nisso... e eu diria que é altamente provável... significa que os gêmeos têm um cliente, um comprador. E precisam de todas as três estrelas. Bailey está segura enquanto eles não tiverem todas as pedras. Está segura enquanto estivermos fora de alcance.

— Eles podem estar desesperados. Talvez a estejam prendendo em algum lugar. Podem machucá-la.

— Machucar está a um longo caminho da morte. Eles precisariam de Bailey viva, M.J., até que reunissem as três. E, pelo resumo que você acabou de me dar, sua amiga pode ter um lado frágil e ser ingênua, mas não é tola.

— Não, ela não é. — Recompondo-se, M.J. olhou para o celular em seu colo. O telefonema, percebeu, não era um risco somente para si mesma, mas para todas elas. — Se quiser dirigir para Nova York antes que eu use isto, está tudo bem para mim.

Jack estendeu o braço, pegou-lhe a mão.

— Não vamos para o estádio Yankee, por mais que você implore.

— Não devo a você somente por mim agora. Eu devia ter percebido isso antes. Devo a você por Bailey e por Grace. Eu as coloquei em suas mãos, Jack.

Ela retirou sua mão, colocou-a sobre o volante.

— Não fique sentimental em relação a mim, querida. Isso me irrita.

— Eu amo você.

O coração de Jack alegrou-se e a emoção o fez suspirar.

— Que coisa. Suponho que você quer que eu fale isso de novo, agora.

— Acho que sim.

— Amo você. M.J. é sigla do quê?

Aquilo a fez sorrir, mas era o que ele pretendia.

— Ouça, Jack. Sexo selvagem e declarações de amor são uma coisa. Mas não o conheço tempo o bastante para revelar isso.

— Martha Jane. Realmente acho que é Martha Jane.

Ela emitiu um som rude de desgosto.

— Errado. E isso termina com as suas chances de tentar mais por enquanto. Desejo-lhe sorte da próxima vez.

Deveria haver uma certidão de nascimento em algum lugar, pensou ele. Sabia como investigar.

— Certo, conte-me sobre Grace.

— Grace é uma mulher complicada. Ela é absolutamente, inacreditavelmente linda. Já vi

homens tropeçarem como tolos após uma única olhada para aqueles olhos azuis.

— Estou ansioso para conhecê-la.

— Você provavelmente vai ficar sem fala, mas tudo bem, não sou do tipo ciumenta. E é engraçado ver os homens se derreterem instantaneamente na frente de Grace. Você viu as fotos na minha carteira quando vasculhou a minha bolsa, não viu?

— Sim, dei uma olhada.

— Há algumas fotos minhas com Grace e Bailey lá.

Jack tentou se lembrar, concentrou-se. E não queria lhe dizer que mal tinha notado a loura ou a morena. Toda sua atenção estivera na ruiva.

— A morena... usando um grande chapéu tolo é uma delas.

— Sim, aquilo foi em nossa viagem para caçar pedras no ano passado. De qualquer forma, Grace é maravilhosa e teve uma criação privilegiada financeiramente. Mas ficou órfã cedo. Perdeu os pais quando era jovem e viveu com uma tia. Os Fontaine são muito, muito ricos.

— Fontaine... Fontaine... — A mente de Jack tentou se lembrar: — São os Fontaine da loja de departamentos Fontaine?

— Acertou na mosca. Eles são ricos, limitados e esnobes. Grace gosta de chocá-los. Era esperado que ela cursasse a universidade em Radcliffe, que fizesse o tour obrigatório pela Europa, e se casasse com um homem apropriado, rico, enfadonho e esnobe. Grace fez tudo, exceto cooperar. E uma vez que tem seu próprio dinheiro, e muito, não se importa nem um pouco com o que a família pensa.

M.J. pausou e considerou.

— Não acho que ela se importaria se fosse pobre, também. Dinheiro não impulsiona Grace. Ela gosta, gasta até se fartar, mas não o respeita.

— Pessoas que trabalham para ganhar dinheiro respeitam.

— Ela não é uma milionária que não faz nada — disse M.J., imediatamente na defensiva. — Grace apenas não liga se as pessoas a veem dessa maneira. Faz muitos trabalhos de caridade... discretamente. É algo privado. Ela é uma das pessoas mais generosas que conheço. E é leal. Também é teimosa e mal-humorada, às vezes. Tira quatro dias de folga de uma vez quando lhe dá vontade. Apenas viaja. Pode ir para Roma... ou pode ir para Duluth. Simplesmente precisa viajar. Ela tem uma casa ao oeste de Maryland... acho que pode-se dizer uma casa de campo, mas é pequena e aconchegante. Muito terreno em volta, muito isolada. Sem telefones, sem vizinhos. Acho que ela ia para lá neste fim de semana.

M.J. fechou os olhos, tentou imaginar.

— Não sei se eu poderia encontrar o lugar. Só fui para lá uma vez, e Bailey dirigiu. Quando saio da cidade, todas as estradas parecem iguais. Fica na montanha, perto de alguma floresta estadual.

— Pode valer a pena verificar isso. Vamos ver. Grace iria para a casa da família se tivesse um problema?

— O último lugar aonde iria.

— E quanto a um homem?

— Por que iria depender de alguém que pode desmaiar apenas com um sorriso dela? Não, não existe um homem que Grace procuraria.

Jack pensou por um momento, então piscou, lembrou e sorriu.

— Grace Fontaine... a Miss Abril da Ivy League. Foi aquele chapéu na fotografia que não me deixou perceber. Eu nunca esqueceria aquele... rosto.

— Verdade? — Com o tom de voz seco, ela se virou para olhá-lo por sobre o topo dos óculos de sol. — Você passa muito do seu tempo babando em cima de fotos de mulheres bonitas em revistas, Dakota?

— Fiz isso com a Miss Abril — admitiu ele alegremente, então esfregou uma das mãos sobre o coração. — Meu Deus, você é amiga da Miss Abril.

— O nome dela é Grace, e posou para a foto anos atrás, quando estávamos na faculdade. Fez isso para provocar a família.

— Graças a Deus. Acho que ainda tenho aquela revista em algum lugar. Terei de dar uma olhada mais de perto agora. Que corpo — lembrou ele em tom sonhador. — Mulheres com tal constituição física são um presente para a humanidade.

— Talvez você queira parar no acostamento, e aí teremos um momento de silêncio.

Ele a olhou, continuou sorrindo.

— Nossa, M.J., seus olhos estão mais verdes. E você disse que não era do tipo ciumenta.

— Não sou, geralmente. É uma questão de dignidade. Você está tendo uma fantasia repulsiva e lasciva com a minha melhor amiga.

— Não é repulsiva, prometo. Lasciva, talvez, mas não repulsiva. — Ele aceitou o beliscão que levou no braço sem reclamar. — Mas é você quem eu amo, querida.

— Cale-se.

— Você acha que ela vai autografar a foto para mim? Bem na...

— Estou lhe avisando.

Divertimento era divertimento, pensou Jack, mas um homem não podia abusar da sorte, de mais que uma maneira. Pegou a saída para a estrada 15 e dirigiu para o leste.

— Espere, pensei que estivéssemos indo para a Pensilvânia, a fim de telefonar.

— Você acabou de dizer que Grace tem uma casa ao oeste de Maryland. Não seria sábio ir naquela direção neste momento. Mudança de planos. Vamos para Baltimore primeiro. Vá em frente e telefone. Acho que já demos o último adeus ao nosso pequeno motel paradisíaco. — Ele sorriu, acariciou-lhe a mão. — Não se preocupe, querida. Acharemos um outro.

— Que não seja igual àquele. Assim espero — acrescentou ela e discou apressadamente. — Está chamando.

— Seja breve, não diga onde estamos. Apenas lhe diga para ir a um telefone público, num lugar público, e ligar para você de volta.

— Eu... — M.J. praguejou. — É a secretária eletrônica de Grace. Eu temia isso. — Bateu o

pulso impacientemente contra os joelhos enquanto ouvia a mensagem gravada. — Grace, atenda, por favor. É urgente. Se ouvir os recados, não vá para casa. Vá para um telefone público e me ligue no celular. Estamos com problemas. Problemas sérios.

— Desligue, M.J.

— Oh, meu Deus, Grace, tome cuidado. Ligue para mim. — Ela desligou com um pequeno suspiro. — Ela está na casa das montanhas... ou teve um acesso de loucura e decidiu voar para Londres no feriado. Ou está na praia do Caribe. Ou... eles já a encontraram.

— Grace não me parece uma mulher fácil de ser localizada. Estou inclinado a acreditar na sua primeira opção. — Ele cortou a estrada interestadual, dirigiu para o norte. — Vamos rodar em círculos por um tempo, depois parar para encher o tanque. E vou comprar um mapa. Vamos ver se conseguimos ativar sua memória e achar o esconderijo de Grace nas montanhas.

A perspectiva a acalmou.

— Obrigada.

— Um lugar isolado, certo?

— A casa fica no meio da floresta, e a floresta fica no meio do nada.

— Hmm. Suponho que ela não ande nua por lá. — Jack riu quando M.J. o golpeou. — Foi só uma ideia.

Eles acharam um posto de gasolina, e um mapa. Num restaurante de estrada para caminhoneiros, pararam para almoçar.

Com o mapa aberto sobre a mesa, estudaram as possibilidades.

— Bem, há apenas uma meia dúzia de florestas estaduais a oeste de Maryland — comentou Jack e comeu um pouco de sua carne moída. — Alguma delas lhe diz alguma coisa?

— Qual é a diferença? São todas repletas de árvores.

— Você é um verdadeiro indivíduo urbano, não é?

M.J. deu de ombros, mordeu seu sanduíche de presunto.

— Você não é?

— Suponho que sim. Nunca pude entender por que as pessoas moram em florestas, ou em montanhas. Quero dizer, onde elas comem?

— Em casa.

Eles se entreolharam, menearam as cabeças.

— Ficam em casa a maioria das noites, também — concordou ele. — E onde elas se divertem, para relaxar após um dia de trabalho? No terraço. Este é um pensamento assustador.

— Sem pessoas, sem trânsito, sem restaurantes, cinemas ou teatros. Sem vida.

— Concordo com você. Obviamente nossa amiga não concorda.

— Minha amiga — disse M.J., arqueando a sobrancelha. — Ela gosta de solidão. De trabalhar nos jardins.

— Como assim, com tomates?

— Sim, e flores. Quando fomos lá uma vez, ela estava suja de terra, plantando... petúnias ou algo assim. Gosto de flores, mas tudo que tenho de fazer é comprá-las. Ninguém diz que você precisa plantá-las. Havia veados no bosque. Aquilo foi bem interessante — lembrou ela. — Bailey envolveu-se com tudo. Foi bom por alguns dias, mas Grace nem mesmo tem uma televisão lá.

— Isso é bárbaro.

— Com certeza. Ela apenas ouve CDs e se comunica com a natureza ou coisa assim. Há uma pequena loja... deve ficar a no mínimo seis quilômetros de distância. Você pode comprar pão e leite ou pregos. Parecia alguma coisa de Mayberry, exceto que fica no sul. Há um banco, acho, e um correio.

— Qual é o nome da cidadezinha?

— Não sei.

— Tente imaginar a rota, apenas mais ou menos. Você deve ter pegado a estrada 270.

— Sim, e então viramos na 70. Eu estava distraída. Acho que até mesmo dormi. É uma viagem muito longa.

— Vocês fizeram algumas paradas — incentivou Jack. — Garotas não viajam sem muitas paradas.

— Isso é uma crítica?

— Não, é um fato. Onde vocês pararam... o que fizeram?

— Em algum lugar na saída 70. Eu estava com fome. Queria fastfood.

M.J. fechou os olhos, tentou trazer a cena de volta.

Você continua comendo como uma adolescente, MJ.

E daí?

Por que não experimenta uma salada para variar?

Porque um dia sem batatas fritas é um dia triste e desperdiçado.

Aquilo a fez sorrir, lembrando-se da careta que Bailey tinha feito, depois rido e desistido.

— Oh, espere. Nós comemos um lanche rápido, mas então vimos uma placa para uma loja de antiguidades. Um lugar grande, tipo um celeiro. Bailey ficou enlouquecida, precisava ir olhar. Ficava fora da estrada interestadual. Tinha um nome campestre tolo. Ah... — Ela se esforçou para lembrar. — Rabbit Hutch, Chicken Coop. Não, não. Beaver Creek! — lembrou-se. — Paramos para ver antiguidades num enorme mercado de pulgas, ou qualquer coisa do tipo, em Beaver Creek. Bailey teria passado o fim de semana lá se eu não a tivesse arrastado. Ela comprou uma travessa antiga e uma jarra para Grace... como presente de inauguração da casa. Eu lhe comprei uma cadeira de balanço para a varanda. Tivemos muito trabalho para conseguir enfiar a cadeira no carro de Bailey.

— Certo. — Assentindo com um gesto de cabeça, ele dobrou o mapa. — Vamos acabar de comer, depois iremos para Beaver Creek. A partir de lá, procuraremos.

Mais tarde, estavam parados no estacionamento do mercado de antiguidades, M.J. tomando refrigerante de uma lata. Tinha feito aquela mesma viagem com Bailey, e esperava que alguma coisa fizesse sua memória despertar.

— Sei que voltamos para a estrada 70. Bailey estava tagarelando sobre objetos de cristal. Objetos de cristal da época da Depressão. Queria voltar e comprar tudo no lugar. Havia uma mesa que queria, também, e estava irritada por não ter comprado e pedido que enviassem pelo correio. Eu ganhei no "cara ou coroa".

— O quê?

— "Cara ou coroa". Bailey gosta de música clássica. Tipo Beethoven. Toda vez que viajamos, jogamos a moeda para ver quem escolha a música. Eu ganhei, então ouvimos Aerosmith... minha versão de cabelos compridos.

— Acho que fomos feitos um para o outro. Isso está ficando assustador. — Ele se inclinou, mordiscou-lhe a boca com a sua. — O que ela estava usando?

— O que é essa súbita obsessão pela maneira como minhas amigas se vestem?

— Só quero que você reveja a cena toda. Complete o cenário. Quanto mais detalhes, mais claro deve ficar.

— Oh, entendi. — Aliviada, ela comprimiu os lábios e estudou o céu. — Calça comprida. Bege ou coisa assim. Bailey foge de cores ousadas. Grace sempre a provoca por causa disso. Uma blusa de seda, cor-de-rosa clarinha. Estava usando brincos grandes, feitos por ela. De quartzo rosa. Eu os experimentei enquanto Bailey dirigia. Não combinaram comigo.

— Rosa não combinaria, não com esses cabelos.

— Isso é um mito. Ruivas não podem usar cor-de-rosa. Saímos da estrada interestadual e pegamos uma rota a oeste. Não consigo lembrar o número, Jack. Bailey o tinha na cabeça. Estava anotado, mas ela não precisou consultar o papel.

Jack consultou o mapa.

— A estrada 68 vai para oeste, em direção a Hagerstown. Vamos ver se isso parece familiar.

— Sei que o lugar fica a algumas horas daqui — disse M.J. quando voltou a subir no carro. — Eu poderia dirigir por um tempo.

— Não, você não poderia.

Ela olhou por sobre o carro, notando que a porta de trás estava fechada com arame.

— Esta coisa é tão velha que você nem poderia ficar com ciúme, Jack.

Ele contraiu o maxilar. O carro velho tinha sido, até recentemente, seu único amor verdadeiro.

— Há mais chance de você se lembrar se seguirmos com o plano inicial.

— Tudo bem. — M.J. estendeu as pernas quando ele saiu do estacionamento. — Alguma vez já pensou em mandar pintar o carro?

— O carro tem personalidade exatamente como é. E é embaixo do capô que conta, não uma superfície brilhante.

— O que está embaixo do capô — começou ela, então olhou para o aparelho de som — e no painel. Aposto que esse brinquedo que você instalou custou quatro mil dólares.

— Gosto de música. E quanto ao jogo de montar que você dirige?

— Meu MG é clássico.

— É um carro de criança. Você deve precisar dobrar as pernas para conseguir entrar atrás do volante.

— Pelo menos quando estaciono não é como ancorar um navio no porto.

— Preste atenção na estrada, certo?

— Estou prestando. — Ela lhe ofereceu o resto de seu refrigerante. — Sei que parece um navio, mas você realmente não mora neste carro, mora?

— Quando é necessário. Caso contrário, tenho um apartamento na avenida Mass. Alguns cômodos.

Móveis empoeirados, pensou Jack agora. Montanhas de livros, mas nenhuma alma verdadeira. Nenhuma raiz, nada que não pudesse deixar para trás facilmente.

Assim como sua vida tinha sido, até um dia antes.

O que estava fazendo com M.J.?, se perguntou abruptamente. Não havia nada atrás dele que pudesse remotamente ser chamado de uma fundação. Nenhuma estrutura sobre a qual construir. Nada a oferecer.

M.J. tinha família, amigas, um negócio próprio. O que eles tinham em comum, além da situação na qual se encontravam? Gostos parecidos em música preferência pela vida urbana?

E o fato de que ele estava apaixonado por ela.

Jack a olhou. Ela estava concentrada agora, percebeu. Inclinação à frente no assento, franzindo o cenho para fora da janela como se tentasse decifrar as paisagens.

M.J. não era linda, pensou ele. Poderia estar cego de paixão, mas nunca teria usado um termo tão simples para descrevê-la. Aquele rosto ímpar, sagaz, chamava a atenção... certamente chamava a atenção dos homens. Era sexy, único, com o contraste de planos e ângulos, e a curva daquela boca suculenta.

Seu corpo era feito para velocidade e movimento, mais do que para fantasia. Entretanto, ele se perdia naquele corpo, nela.

Jack sabia que havia virado uma esquina quando a conheceu, porém não fazia ideia para onde a estrada os levaria.

— Esta é a estrada. — M.J. se virou, sorriu-lhe, e fez o coração dele parar por um instante. — Tenho certeza disso.

— Ele aumentou a velocidade para cem quilômetros por hora. Contanto que um deles tivesse certeza, pensou

A estrada seguia direto para a montanha. M.J. supôs que aquilo era algum tipo de façanha da engenharia, mas se sentiu desconfortável. Havia placas de aviso sobre a possibilidade de queda de pedras, enquanto paredes irregulares de penhasco se erguiam de cada lado deles.

Assaltantes ela podia entender; prever, mas quem, perguntou-se, poderia prever a Mãe Natureza? O que a impedia de ter um acesso de raiva, e talvez empurrar algumas pedras sobre o carro? E, uma vez que era grande o bastante para oito pessoas dormirem, o veículo era um alvo magnífico.

M.J. manteve os olhos para fora da janela lateral, rezando para que as pedras permanecessem no lugar até que eles passassem por lá.

À frente, montanhas se erguiam, o tom de verde exuberante com o verão. Calor e umidade se fundiam para tornar o ar espesso. Os pneus sussurravam ao longo da estrada.

Ocasionalmente, podia ver casas atrás das árvores da estrada, apenas relances, como se estivessem escondidas de olhos curiosos. M.J. imaginou como seriam as casas afastadas, sem dúvida com jardins bem cuidados e guardadas por cachorros bravos, decoradas com flores e cadeiras de balanço, contendo terraços e pátios para churrasqueira e cadeiras de pau-brasil.

Aquela era uma maneira de viver; supunha. Mas você tinha de cuidar dos jardins, cortar a grama.

Ela nunca havia morado em uma casa. Apartamentos sempre combinaram com seu estilo de vida. Para alguns, supunha, apartamentos pareceriam caixas guardadas com outras caixas dentro de uma caixa maior. Mas M.J. sempre se sentira satisfeita com seu próprio espaço, com a camaradagem de fazer parte da colmeia.

Por que você precisaria de um gramado e balanços, a menos que tivesse filhos?

Sentiu um rápido friozinho no estômago com a ideia. Alguma vez antes já havia pensado sobre a possibilidade de ter filhos? Balançar um bebê, observá-lo crescer; amarrar sapatos e limpar nariz?

Era Grace quem adorava crianças, pensou. Não que M.J. não gostasse delas. Tinha um exército de primos que pareciam inclinados a povoar o mundo, e havia passado muitas horas balançando bebês nos braços, brincando no chão com crianças pequenas ou jogando bola com os mais velhos.

Mas não imaginava que seria a mesma quando tivesse os próprios filhos. Como seria a sensação, perguntou-se, de ter a cabecinha de seu próprio bebê sonolento no ombro, ou de ter uma criança com pernas trêmulas, erguendo os bracinhos para ser segurada?

E por que, em nome de Deus, estava pensando em crianças num momento como aquele? Cautelosamente, passou os dedos por baixo dos óculos escuros e pressionou-os contra os olhos.

Então deu uma olhada para o perfil de Jack. O que ele pensava sobre crianças?

Inacreditavelmente, sentiu um calor subindo às faces, e virou o rosto para a janela com rapidez. Tola, disse a si mesma. Conhece Jack há algumas horas, e está começando a pensar sobre fraldas e botinhas de criança.

Aquilo, pensou assustada, era o que acontecia quando uma mulher se apaixonava. Tornava-

se tola e romântica.

Então M.J. deu um grito que assustou a ambos.

— Ali! É aquela saída. Foi a saída que pegamos. Tenho certeza.

— Da próxima vez, apenas atire em mim — sugeriu Jack quando passou para a pista certa.
— Provavelmente será menos chocante que um ataque cardíaco.

— Desculpe-me.

Ele pegou a saída, dando-lhe tempo para se orientar quando chegaram a uma estrada de mão dupla.

— Esquerda — disse ela após um momento. - Tenho quase certeza que pegamos a pista da esquerda.

— Certo, preciso pôr gasolina, de qualquer forma, — Ele dirigiu até o próximo posto e parou ao lado das bombas. — Onde estava sua mente agora mesmo, M.J.?

— Minha mente?

— Você ficou distante por um tempo.

O fato de Jack ter percebido a desconcertou. Ela se movimentou no assento, deu de ombros.

— Eu estava apenas me concentrando.

— Não, não estava. — Jack colocou uma das mãos sob o queixo dela, virou-a para encará-lo. — Isso era exatamente o que você não estava fazendo. — Roçou o polegar sobre os lábios de M.J. — Não se preocupe. Acharemos suas amigas. Elas estarão bem.

M.J. assentiu, enquanto uma onda de vergonha a dominava. Grace e Bailey deveriam ter estado em sua mente, e, em vez disso, estivera sonhando com bebês, como uma tola apaixonada.

— Grace estará na casa. Tudo que temos de fazer é encontrá-la.

— Guarde este pensamento. — Ele se inclinou à frente, tocou-lhe os lábios com os seus. — E vá me comprar uma barra de chocolate.

— Você está com todo o dinheiro.

— Oh, sim. — Jack desceu do carro, enfiou a mão no bolso da frente e tirou algumas notas.
— Splurge — sugeriu —, e compre um para você também.

— Nossa! Obrigada, papai!

Ele sorriu e a observou andar, as pernas longas, os quadris estreitos se movendo sob o jeans macio. Uma mulher e tanto, pensou enquanto enchia o tanque. Não ia questionar por que o destino a tinha colocado em sua vida e em seu coração.

Mas se perguntou quanto tempo levaria antes que M.J. fizesse tal questionamento. As pessoas não ficavam na vida dele por muito tempo... iam e vinham. Tinha sido assim até agora, e Jack parara de esperar que fosse diferente. Talvez tivesse parado de desejar que fosse.

Entretanto, sabia que se ela decidisse partir, ele nunca a impediria. Então, precisava se certificar de que M.J. não quisesse partir.

Alimentando o grande tanque do Olds, ele a viu voltando, se dirigindo a uma máquina de refrigerante. E não era o único a observar. O adolescente enchendo o tanque da picape ao lado também estava de olho em M.J.

Não posso culpá-lo, amigo, pensou Jack. Ela é fantástica, tudo bem. Talvez você cresça, tenha sorte e encontre uma mulher quase tão perfeita.

E abençoando sua sorte, Jack fechou a tampa do tanque de gasolina e andou em direção a M.J. Ela estava com as mãos cheias de doces e refrigerantes quando ele a puxou para si e roubou-lhe um beijo de tirar o fôlego.

M.J. estava ofegante quando ele a liberou.

— Por que fez isso?

— Porque eu posso — respondeu Jack simplesmente, e se afastou para ir pagar a conta.

M.J. meneou a cabeça, notou que o adolescente a observava enquanto a gasolina escorria do tanque já superlotado.

Eu não acenderia um fósforo, amigo — disse ela, passando por ele e entrando no carro.

Quando Jack voltou, M.J. agiu por impulso, entrelaçou as mãos nos cabelos dele e puxou-o para beijá-lo ardentemente.

— Isso é porque eu posso, também.

— Sim — concordou ele quando seu desejo foi instantaneamente despertado. — Somos um par incrível. — Levou um momento para clarear a mente do desejo e lembrar-se de virar a chave.

Tanto excitada quanto divertida pela reação dele, M.J. ergueu uma barra de chocolate.

— Chocolate?

Jack gemeu, pegou-a, mordeu.

— Fique de olho na estrada — disse. — Tente achar alguma coisa familiar.

— Sei que não ficamos muito tempo nesta estrada — começou ela. — Saímos dela e demos várias voltas para pegar estradas secundárias. Como eu disse, Bailey tinha tudo na cabeça. Bailey! — Quando a ideia surgiu de repente, M.J. pressionou as mãos sobre a boca.

— O que foi?

— Continuo me perguntando para onde ela iria. Se estivesse com problemas, se estivesse fugindo, para onde iria? — Com olhos iluminados, M.J. se virou para fitá-lo. — E a resposta está bem aqui. Ela sabe chegar ao esconderijo de Grace. Adorou o lugar. Bailey se sentiria segura lá.

— É uma possibilidade — concordou ele.

— Não, não é apenas uma possibilidade. Ela iria procurar uma de nós, com certeza. — M.J. meneou a cabeça veementemente, com desespero. — E não poderia chegar a mim. Isso significa que Bailey veio para cá, talvez tenha pego um ônibus ou um trem até um pedaço, depois alugado um carro. — O coração ficou mais leve com a certeza daquilo. — Sim, isso é algo lógico, e combina- com ela. Minhas duas amigas estão lá, na casa de campo, sentadas, pensando o que fazer a seguir e se preocupando comigo.

E Jack também estava preocupado com ela. M.J. estava pondo toda a esperança numa ideia improvável, mas ele não tinha coragem de lhe dizer isso.

— Se elas estiverem — murmurou ele cautelosamente — , ainda temos de encontrá-las. Tente se lembrar de mais alguma coisa.

— Tudo bem. — Com novo entusiasmo, M.J. olhou para o cenário. — Era primavera — murmurou. — Era tudo bonito, os arbustos, as flores, e aquela mata amarela que tem quase a cor de néon. E algumas árvores que Bailey chamou de olaias. Havia um jardim — lembrou subitamente. — Um viveiro de plantas. Bailey queria parar para comprar alguma planta para Grace. E eu disse que era melhor chegarmos lá antes e ver se ela já não tinha a tal planta. — Então, vamos procurar um viveiro.

— Tinha um nome tolo. — Ela fechou os olhos por um momento, tentou recordar. — Corny. Ficava na estrada, e era pequeno e abarrotado de plantas. Esta era uma das razões pela qual eu não queria parar. Bailey demoraria horas. — M.J. uniu as mãos enquanto lembrava. — Dirigimos aproximadamente um quilômetro depois de passar o viveiro.

— Muito bem. — Jack lhe pegou a mão e levou-a aos lábios para beijá-la. E fez ambos franzirem o cenho com o gesto. Nunca beijara a mão de uma mulher em toda sua vida.

Dentro do estômago de M.J., borboletas pareciam ganhar vida. Pigarreando, colocou a mão sobre o colo.

— Bem, ah... De qualquer forma, Grace e Bailey voltaram para a loja de plantas. Eu fiquei na casa. Aquelas duas gostam muito de comprar. Achei que comprariam a loja inteira... o que quase fizeram. Voltaram carregadas de flores em bandejas de plástico, flores em potes, e algumas mudas. Grace tem uma picape na casa. Posso imaginar o que escreveriam na seção de modas do Post sobre Grace Fontaine dirigindo uma picape.

— Ela se importaria?

— Grace riria. Mas mantém aquele lugar para si mesma. Os parentes... é assim que ela chama a família... nem mesmo sabem da existência da casa. Eu diria que isso é bom para nós. Quanto menos pessoas souberem sobre isso, melhor. — Jack curvou os lábios quando notou uma placa. — Aí está seu viveiro de plantas, querida. Os negócios estão movimentados, mesmo nesta época do ano.

Um enorme prazer a percorreu quando avistou a fila de carros e caminhonetes parados no acostamento da estrada, uma multidão de pessoas vagando ao redor de mesas cobertas com flores.

— Aposto que estão tendo uma promoção de feriado. Dez por cento de desconto em qualquer ramalhete de flores... vermelhas, brancas ou azuis. .

— Deus abençoe a América. Aproximadamente um quilômetro, você falou?

— Sim, e era para a direita. Tenho certeza.

— Você não gosta de flores?

— Hã? — Distraída, M.J. o olhou. — Claro, elas são bonitas. Gosto das bem cheirosas. Sabe, como aqueles cravos. Possuem o cheiro forte e não murcham depois de alguns dias, também.

Ele riu.

— Flores musculosas. É esta a saída?

— Não... acho que não. Um pouco mais adiante. — Inclinando-se à frente, ela bateu os dedos sobre o painel. — Ali, a próxima saída. Tenho quase certeza.

Jack pegou a saída à direita. A estrada em ascensão era cheia de curvas. Nas laterais havia cercas de matagais e, atrás deles, vacas pastavam.

— Acho que está certo. — M.J. mordiscou o lábio. — Todas as estradas secundárias por aqui parecem iguais. Campos, pedras e árvores. Como as pessoas encontram seus caminhos?

— Vocês ficaram nesta estrada?

— Não, Bailey virou novamente Para esquerda ou para a direita? — perguntou-se M.J. Direita ou esquerda? — Continuamos subindo para um lugar isolado. Talvez aqui.

Ele diminuiu o ritmo, deixou-a considerar. O cruzamento era estreito, monopolizado de um lado por uma casa de pedras. Um cachorro dormia no jardim sob a sombra de uma árvore. Patos de concreto enfeitavam o gramado.

— Acho que pode ser à esquerda. Desculpe-me, Jack, estou confusa.

— Ouça, temos um tanque cheio e muita luz do dia pela frente. Não se preocupe.

— Ela pegou à esquerda, seguiu ao longo da estrada serpeante que subia. As casas já podiam ser vistas, e as plantações de milho nos campos deviam chegar à cintura de um homem. Onde os campos paravam, o reflorestamento dominava, espesso e verde, arqueando os ramos sobre a estrada e formando um túnel sombreado por onde os carros passavam.

Chegaram ao topo de um morro e o mundo se abriu. Uma extensão súbita e dramática de montanhas verdes à frente, abundância de terra abaixo.

— Sim. Bailey quase bateu com o carro quando chegamos neste morro. Se for este morro — acrescentou ela. — Acho que isso é parte da floresta estadual. Bailey ficou fascinada pela vista. Mas viramos o carro de novo. Numa daquelas estradinhas de terra no meio de árvores.

— Você está indo bem. Diga-me qual delas quer tentar.

— A essa altura, seu palpite é tão bom quanto o meu. — M.J. se sentia impotente, estúpida. — A vista está diferente agora. As árvores são mais grossas. Lembro-me apenas de que estavam muito verdes quando viemos.

— Vamos tentar aquela — decidiu Jack e virou à direita.

Levou apenas cinco minutos para que admitissem que estavam perdidos, e mais dez para encontrarem a estrada principal de novo. Dirigiram-se para uma pequena cidade que M.J. não reconheceu, então voltaram.

Após uma hora rodando sem sucesso, M.J. sentiu a paciência chegar ao limite.

— Como você pode ficar tão calmo? — perguntou para Jack. — Já tentamos diversas estradas e só conseguimos nos perder mais. Estou ficando louca.

— Minha linha de trabalho exige paciência. Já lhe contei sobre perseguir Big Bill Bristol?

M.J. mudou de posição no banco, certa de que nunca mais poderia sentir o bumbum novamente.

— Não, você nunca me contou sobre perseguir Big Bill Bristol. Vai inventar isso?

— Não preciso inventar. — Para dar uma folga aos dois, ele saiu da estrada. Havia um pequeno acostamento ao lado do que Jack supunha ser um poço. Árvores suspensas pairavam sobre água escura e deixavam raios de sol atingir a superfície antes de ser encobertos novamente.

— Big Bill estava planejando uma agressão. Perdeu o controle num jogo de cartas e tentou embriagar seu oponente. Isso foi antes de quebrar o nariz do homem e derrubá-lo. Big Bill tem quase dois metros de altura, pesa 130 quilos, e tem mãos do tamanho de Minneapolis. Ele não gosta de perder. Sei disso por experiência própria, já que passei uma noite ou outra jogando cartas com ele.

M.J. sorriu de forma triunfante.

— Minha nossa, Jack! Não vejo a hora de conhecer seus amigos.

Reconhecendo sarcasmo quando este lhe era dirigido, ele meramente lhe lançou um olhar.

— De qualquer forma, Ralph pagou as dívidas dele, mas Big Bill descobriu sobre um jogo novo em Nova Jersey, e não quis perder isso. A lei despreza pessoas que não pagam fianças, e a fiança dele foi revogada. Bill estava na lista de fugitivos.

— E você foi atrás dele.

— Bem, fui. — Jack coçou o queixo, pensou vagamente sobre se barbear. — Tudo deveria ter acontecido como previsto. Encontrar o local do jogo, lembrar Bill de que ele teria de comparecer ao tribunal, trazê-lo de volta. Mas parecia que Bill tinha ganhado uma grande quantidade de dinheiro em Nova Jersey, e mudado para outro lugar. Devo acrescentar que Bill tem tamanho, mas não tem inteligência. E estava mudando de jogo para jogo, de um estado para outro.

— Com Jack Dakota, caçador de recompensas, no seu encalço.

— Sim. Mas se o imbecil tivesse planejado escapar de mim, não podia ter feito um trabalho melhor. Dei a volta pelo nordeste inteiro, fui a cada local de jogo.

— Quanto você perdeu?

— Não o bastante para falar. — Jack respondeu ao sorriso dela. — Cheguei em Pittsburgh por volta da meia-noite. Eu sabia que havia um jogo lá, mas não podia subornar ou ameaçar o lugar sem mais nem menos. Estava no rastro de Bill havia quatro dias, sobrevivendo do meu carro e jogando pôquer com sujeitos chamados Bats e Fast Charlie. Eu estava cansado, sujo, com meus últimos cem dólares no bolso. Fui até um bar.

— É claro que você foi.

— Eu estou contando a história — disse ele, puxando-lhe os cabelos. — Escolhi o bar ao acaso, sem pensar, sem planejar. E adivinhe quem estava na sala dos fundos, segurando algumas cartas, se embriagando?

— Vamos ver... Poderia ter sido... Big Bill Bristol?

— O próprio. Eu já tinha chegado ao meu limite de paciência e lógica em Pittsburgh, mas foi o instinto que me fez entrar naquele bar.

— Como fez para que ele voltasse com você?

— Eu tinha uma escolha. Considerei golpear a cabeça dele com uma cadeira. Porém, era muito provável que aquilo apenas o irritasse. Pensei em apelar para a boa natureza de Bill, lembrando-o que devia a Ralph. Mas ele ainda estava disposto a fugir e não daria a mínima. Então, tomei um drinque e participei do jogo. Após algumas horas, expliquei a situação a Bill e apelei, usando o nível dele. Uma aposta no jogo. Se eu ganhasse, ele voltaria comigo, sem discussão. Se Bill ganhasse, eu iria embora.

— E você ganhou?

— Sim, ganhei. — Jack coçou o queixo novamente. — É claro que escondi um ás na manga, mas, como falei, inteligência não era o forte de Big Bill.

— Você trapaceou?

— Claro. Era a rota mais clara naquela situação, e todos acabaram felizes.

— Exceto Big Bill.

— Não, ele também. Havia ganhado bastante dinheiro, tinha o suficiente para pagar o sujeito cujo nariz quebrara. A queixa foi retirada. Tudo acabou bem.

M.J. inclinou a cabeça.

— E o que você teria feito se ele decidisse fugir do pagamento das dívidas e não voltar pacificamente com você?

— Eu teria quebrado a cadeira na cabeça dele e esperado sobreviver.

— Que vida tranquila você leva.

— Gosto disso. E a moral da história é: você deve continuar procurando, seguindo a lógica. E quando a lógica desaparece, você apela para o instinto. — Dizendo isso, ele pôs a mão no bolso e tirou a pedra. — A segunda pedra é conhecimento. — Jack encontrou os olhos dela. — O que você conhece, M.J.?

— Não entendo.

— Você conhece suas amigas. Conhece-as melhor do que eu conheço Big Bill, ou qualquer outra pessoa, na verdade. — Ele poderia invejá-la por isso, percebeu. E refletiria mais sobre o assunto numa outra hora. — Elas são parte de quem você foi, de quem você é, e, suponho, de quem vai ser.

O peito de M.J. se comprimiu.

— Você está ficando filosófico comigo, Dakota. Às vezes, isso funciona também. Confie em seus instintos. — Jack lhe pegou a mão, fechou-a sobre a pedra. — Confie no que você sabe.

Os nervos de M.J. subitamente estavam à flor da pele, arrepiando-a.

— Você espera que eu use esta pedra como algum tipo de bússola? Varinha de condão?

— Você está com vontade de fazer isso, não está? — Era um choque para Jack, também, mas manteve as mãos firmes, os olhos fixos nos dela. — Conhece aquela coisa sobre mitos? Se você mergulha neles o bastante, extrai a verdade. A segunda pedra é conhecimento. — Ele se recostou, colocou as mãos sobre o volante. — Para que direção você quer ir?

M.J. estava com frio. Tremendo e com frio. Entretanto, a pedra era como um sol queimando em sua mão.

— Oeste — ouviu a si mesma dizer; soube que era estranho para uma mulher da cidade usar aquele tipo de palavra para descrever a direção, em vez de simplesmente dizer direita ou esquerda. — Isso é loucura.

— Deixamos a sanidade para trás ontem. Não adianta tentar encontrá-la agora. Apenas me diga para onde você quer ir. Que caminho sente que é certo.

Então, M.J. segurou a pedra com firmeza e direcionou-o por meio de estradas ladeadas por árvores e pedras. Ao longo de um rio que sofria pela falta de chuva, passando por uma casa marrom tão de perto que sua porta praticamente se abria na estrada.

— A direita — disse M.J., com a garganta seca e tensa. Você precisa procurar a casa. Passamos por ela, tivemos de voltar. O caminho para a casa é estreito, você mal pode vê-lo. Grace não tem uma caixa de correio. Quando vai à cidade, pega a correspondência. Lá está. — A mão tremeu um pouco quando apontou. — Bem ali.

Ele seguiu na direção apontada. O caminho era realmente estreito. Galhos de árvores raspavam nas laterais do carro enquanto Jack dirigia devagar, sobre o cascalho, fazendo uma curva que era coberta por mais árvores.

E lá, no centro do caminho, imóvel como uma estátua de pedra, estava um veado com uma pele dourada que brilhava ao sol.

Deveria ser uma corça branca, pensou Jack toalmente. Uma corça branca era o símbolo da busca.

A corça observou o movimento se aproximar, a cabeça erguida, os olhos grandes e imóveis. Então, com um giro do rabo e daquele corpo maravilhoso, desapareceu no meio das árvores com patas graciosas e um suave farfalhar.

A casa era exatamente como M.J. lembrava. Erguida sobre a colina, acima de um pequeno riacho, tinha dois andares e se misturava ao cenário do bosque. A construção era de madeira e vidro, em linhas simples, com uma varanda longa pintada de azul forte. Havia duas cadeiras de balanço, juntas a vasos de cobre transbordando de flores.

— Ela esteve ocupada — murmurou M.J., olhando ao redor dos jardins. Flores desabrochavam em todos os lugares, de forma selvagem, como se não tivessem sido plantadas. A inundação de cores e formas tombava da colina como um rio. Degraus largos de madeira faziam contraste com as cores, descendo em linhas sinuosas e acabando no bosque.

— Na casa em Potomac, Grace contratou um paisagista profissional. Sabia exatamente o que queria, mas quis que o trabalho fosse feito por uma outra pessoa. Aqui, quis fazer tudo sozinha.

Parece um conto de fadas. — Jack se movimentou, desconfortável com suas próprias impressões. Não era exatamente ligado em contos de fadas. — Você entende o que quero dizer.

— Sim.

Uma picape azul brilhante estava estacionada no fim do caminho. Não havia sinal do carro que Grace teria usado para chegar à sua casa de campo. Nenhum carro alugado empoeirado anunciando a presença de Bailey.

Elas devem ter ido à loja, M.J. disse a si mesma. Voltariam em um minuto.

Não acreditaria que eles tinham viajado tudo aquilo, se esforçado tanto para achar a casa, e

não encontrariam Grace e Bailey.

No instante em que Jack parou atrás da picape, ela desceu e começou a ir em direção à casa.

— Espere. — Ele segurou seu braço, fazendo-a parar. — Vamos devagar. — Gentilmente, abriu-lhe os dedos, pegou a pedra. Quando estava guardada de novo em seu bolso, pegou a mão de M.J. — Você disse que ela deixa a caminhonete aqui?

— Sim, Grace dirige um Mercedes conversível, ou um pequeno Beemer.

— Sua amiga tem três carros?

— Grace raramente possui um exemplar só de alguma coisa. Alega que não sabe do que vai estar com vontade, dependendo do momento.

Há uma porta nos fundos?

— Sim, uma que sai da cozinha, e uma outra na lateral. — Ela gesticulou para a direita, lutou para ignorar o peso que pressionava seu peito. — A porta leva ao pátio e ao bosque.

— Vamos olhar em volta primeiro.

Havia um galpão de jardinagem, organizado, preenchido com ferramentas, um moedor de grama, rastelos e pás. Onde a grama diminuía, degraus de pedras tinham sido colocados, com musgos de primavera crescendo entre eles. Mais flores... um canteiro alto com plantas e flores tombava sobre uma parede escura, e o penhasco atrás era repleto de heras.

Um beija-flor tomava água de um recipiente vermelho, suas asas iridescentes batendo em velocidade. Saiu voando quando eles se aproximaram, seu giro foi o único som.

Jack não viu janelas quebradas ou outros sinais de uma entrada forçada, enquanto circulavam a parte de trás da casa, passavam por um jardim de ervas fragrantas, com os aromas de alecrim e menta. Um sino de latão estava pendurado silenciosamente perto da porta dos fundos. Nem uma folha se movia.

— Ficar espreitando desse jeito me dá arrepios — disse M.J., esfregando os braços.

— Vamos espreitar só mais um minuto.

Eles foram para o fundo do pequeno pátio. Lá havia uma mesa de vidro, uma espreguiçadeira acolchoada, mais flores em vasos de argila. Mais adiante, um pequeno lago, cercado por grama ornamental.

— Isso é novo. — M.J. parou para estudar. — Grace não tinha esse gramado antes. Todavia, falava sobre a ideia. Parece recente.

— Eu diria que sua amiga andou plantando esta semana. Você acha que existe uma planta ou flor no mundo que ela não tenha aqui?

— Provavelmente não. — Mas o sorriso de M.J. foi fraco quando voltaram para a frente da casa. — Quero entrar, Jack. Preciso entrar.

— Vamos dar uma olhada. — Ele subiu os degraus para a varanda, encontrou a porta trancada. — Ela tem algum esconderijo para a chave?

— Não. — Apesar do calor sufocante, M.J. esfregou as mãos sobre os braços gelados. Silêncio demais, era tudo em que podia pensar. O lugar estava muito quieto. — Ela costumava

ter um jogo extra para a casa de Potomac, neste vaso ao lado da porta, mas a prima de Grace, Melissa, achou-a e usou a casa enquanto Grace estava em Milão. O que realmente a irritou.

Jack se agachou, examinou as fechaduras.

— Ela tem boas fechaduras. É mais simples quebrar uma janela.

— Você não vai quebrar uma das janelas de Grace.

Ele suspirou, ergueu o corpo.

— Eu sabia que você ia dizer isso. Certo, vamos fazer do jeito mais difícil.

Enquanto M.J. franzia o cenho, ele voltou para o carro, abriu o porta-malas. Dentro, havia ferramentas, roupas, livros, garrafas de água e papelada. Ele vasculhou, selecionou o que precisava.

— Grace tem um sistema de alarme?

— Não. Não que eu saiba, pelo menos. — M.J. estudou a bolsa de couro. — O que você vai fazer?

— Abrir a fechadura. Pode levar um tempo, estou enferrujado. — Mas Jack esfregou as mãos, antecipando o desafio. — Você poderia contornar a casa, checar as portas e janelas, só em caso de ela ter deixado alguma coisa destrancada.

— Se Grace trancou uma, trancou todas. Mas tudo bem.

Ela circulou a casa novamente, pausando em cada janela, empurrando, então espiando dentro. No momento que completou o circuito, Jack estava no segundo trinco.

Intrigada, M.J. observou-o trabalhar com habilidade. Era mais fresco ali do que na cidade, mas o calor ainda era cruel. O suor molhava a camisa dele, escorria pelo pescoço.

— Você pode me ensinar a fazer isso? — pediu ela.

— Psiu. — Jack limpou as mãos no jeans, segurou a ferramenta com mais firmeza. — Consegui. — Levantando-se, passou um dos braços sobre a testa. — Banho frio — murmurou. — Cerveja gelada. Vou beijar os pés da sua amiga se ela tiver ambos.

— Grace não bebe cerveja. — Mas M.J. estava empurrando a porta e entrando na frente dele.

A sala de estar era confortável, organizada, com seu sofá listrado largo, poltronas em ricos tons de azul. Na lareira de tijolos, uma samambaia saía de uma escarradeira de latão.

M.J. moveu-se rapidamente entre os cômodos, sobre pisos de madeira clara e tapetes Berger; foi para a cozinha ensolarada, com balcões verdes e azulejos brancos, para a saleta aconchegante que Grace tinha transformado em biblioteca.

A casa parecia ecoar ao seu redor; enquanto subia a escada, olhava dentro dos quartos, nos banheiros.

A cama de latão brilhante de Grace estava arrumada, a colcha feita à mão que comprara na Irlanda enfeitada com travessieiros coloridos. Um livro de jardinagem descansava sobre o criado-mudo.

O banheiro estava vazio, a cuba de marfim da pia brilhava de tão limpa, assim como o

balcão azul. Toalhas estavam bem dobradas sobre as prateleiras num móvel alto de vime.

Sabendo que era inútil, ela olhou dentro do closet do quarto. Estava ridiculamente cheio e totalmente organizado.

— Elas não estão aqui, M.J. — Jack tocou-lhe o ombro, e ela teve um sobressalto.

— Posso ver isso, não posso? — A voz de M.J. foi ríspida. — Mas Grace esteve aqui. Esteve aqui há pouco tempo. Posso sentir o aroma dela. — M.J. fechou os olhos, inalou profundamente. — O perfume que ela usa ainda está no ar. Posso senti-lo Perfeitamente.

— Tudo bem. — Jack também inalou, sentindo o aroma clássico e sexy. — Talvez ela tenha ido até a cidade, comprar mantimentos, ou está dando uma volta de carro.

— Não. — M.J. afastou-se dele, indo para a janela enquanto falava. — Ela não teria trancado a casa inteira para isso. Sempre comenta o quanto é agradável não ter de se preocupar em trancar tudo. Grace só faz isso quando vai embora de vez. Bailey não está aqui. Grace não está aqui, e não planeja voltar por um tempo. Nós a perdemos.

— Você acha que ela voltou para Potomac?

M.J. meneou a cabeça. O aperto em seu peito era insuportável, como se mãos gananciosas estivessem espremendo seu coração e pulmões.

— É pouco provável. Ela evitaria a cidade no feriado de Quatro de Julho. Muito trânsito, muitos turistas. Por isso, eu tinha quase certeza de que Grace estaria aqui até amanhã, pelo menos. Mas pode estar em qualquer lugar.

— O que significa que ela vai aparecer em algum lugar: — Jack se aproximou, viu o brilho nas faces de M.J. e parou, como se tivesse batido o rosto numa parede de vidro. — O que você está fazendo? Está chorando? — Era uma acusação, feita num tom que revelava desespero.

M.J. meramente fechou os braços sobre o peito e abraçou os cotovelos. Toda a excitação, tensão, frustração da busca foi substituída por puro desespero.

A casa estava vazia.

— Quero que você pare com isso. Imediatamente. Estou falando sério. Lamentar-se não lhe fará bem algum. — E certamente não faria nenhum bem a ele. Aquilo o apavorava, fazendo-se sentir estúpido, desajeitado e irritado.

— Deixe-me em paz — disse ela, e então deu um soluço abafado. — Apenas vá embora.

— E exatamente o que vou fazer. Se você continuar chorando, vou embora. Falo sério. Não vou ficar por aqui vendo você se debulhar em lágrimas. Controle-se. Não tem nenhum orgulho?

Naquele momento, o orgulho estava em baixa na lista de M.J. Desistindo, pressionou a testa contra o vidro da janela e deu total vazão às lágrimas.

— Estou saindo, M.J. — disse Jack e se virou para a porta. — Vou tomar um drinque e um banho. Então, quando você estiver composta novamente, decidiremos o que fazer a seguir.

— Então vá. Vá de uma vez.

Jack chegou até a soleira da porta, então, praguejando, virou-se.

— Eu não preciso disso — murmurou.

Ele não tinha ideia de como lidar com as lágrimas de uma mulher; particularmente as lágrimas de uma mulher forte que estava obviamente no limite de sua tolerância. Praguejou mais uma vez quando a virou para seus braços, envolvendo-a neles. Continuou a praguejar enquanto a pegava no colo, e sentava-se com ela numa poltrona larga.

Ele a balançou, reclamou, acariciou-a.

— Chore logo de uma vez, então. — Beijou-lhe a testa. — Por favor: Você está me matando.

— Estou com medo — sussurrou ela entre soluços e virou o rosto para o ombro dele. O ombro largo e forte. — Estou tão cansada e com tanto medo.

— Eu sei. — Jack beijou-lhe os cabelos, abraçou-a mais apertado. — Eu sei.

— Eu não poderia suportar se alguma coisa acontecesse a elas. Simplesmente não poderia.

— Não chore. — Ele apertou os braços ao seu redor; como se pudesse estrangular aquelas lágrimas quentes e apavorantes. Mas beijou-lhe as faces, os lábios. — Não vai acontecer nada. Vai dar tudo certo. — Desajeitado, secou-lhe as lágrimas com os polegares. — Eu prometo.

Com olhos marejados, ela o fitou.

— Eu tinha tanta certeza de que elas estariam aqui.

— Eu sei. — Jack afastou os cabelos do rosto de M.J. — Você tem o direito de desmoronar. Não conheço nenhuma outra pessoa que teria aguentado até aqui sem explodir. Mas não chore mais, M.J. Isso acaba comigo.

— Detesto chorar. — Ela fungou, secou as lágrimas.

— Fico feliz em ouvir isso. — Ele pegou suas mãos, beijou ambas desta vez, sem aquele momento de surpresa. — Pense sobre isso. Grace esteve aqui hoje, talvez poucas horas atrás. Arrumou tudo, trancou a casa. O que significa que estava bem quando partiu.

M.J. exalou o ar com dificuldade, inalou novamente.

— Você tem razão. Não estou raciocinando com clareza.

— Isso é porque precisa de um intervalo. Uma refeição decente, um pouco de descanso.

— Sim. — Ela deitou a cabeça contra o ombro largo outra vez. — Podemos ficar sentados aqui por mais um tempinho? Apenas sentados assim?

— Claro. — Era fácil envolver os braços ao redor dela, apertá-la contra si. E apenas permanecer sentado ali.

Jack disse a M.J. que não fazia sentido dirigir de volta para a cidade, enfrentar o trânsito gerado pelos fâs dos fogos de artifício. Não quando tinham um lugar perfeitamente bom para passar a noite.

O fato era que, pensou ele, se ela tinha fraquejado uma vez, poderia facilmente fraquejar de novo. E uma refeição decente, com uma boa noite de sono, poderia ajudá-la a recuperar a compostura.

De qualquer forma, eles já haviam ficado dentro do carro por mais de cinco horas naquele dia, depois de um pouco mais de uma hora de sono. Voltar agora provavelmente os faria sentir que o esforço de ter encontrado a casa de Grace havia sido desperdiçado.

E Jack queria tempo para trabalhar num plano que estava começando a se formar em sua mente.

— Tome um banho — aconselhou ele. — Pegue uma camisa ou qualquer coisa emprestada de sua amiga. — Você vai se sentir melhor.

— É uma boa ideia. — M.J. conseguiu dar um sorriso. — Achei que você queria um banho. Não quer economizar água?

— Bem... — Era uma ideia tentadora. Podia visualizar-se entrando debaixo de um jato frio com ela, cobrindo-a de espuma... e deixando a natureza seguir sua direção interessante.

E também ocorreu a Jack que M.J. não tivera cinco minutos de privacidade em horas. Era tudo que ele tinha condições de lhe oferecer naquele momento.

— Vou procurar um drinque. Ver se sua amiga tem algumas latas por aí que posso abrir. — Ele beijou o topo do seu nariz, afetuosamente. — Vá em frente e comece o banho sem mim.

— Certo. Você pode me trazer uma bebida, também, mas não vai achar cerveja na geladeira. E só Deus sabe o que Grace tem de comidas enlatadas por aqui.

M.J. foi para o banheiro, parou e virou-se.

— Jack? Obrigada por ter me deixado desabafar.

Ele enfiou as mãos nos bolsos. Os olhos dela, aqueles olhos de gato, tão exóticos, ainda estavam inchados pelo choro, e as faces estavam pálidas de fadiga.

— Acho que você precisava disso.

— Eu precisava, e você fez com que eu não me sentisse tão tola. Então, obrigada — repetiu ela e entrou no banheiro.

M.J. despiu-se, agradecendo por poder tirar a camiseta de algodão e o jeans da pele pegajosa e superaquecida. O estilo simples que Grace tinha escolhido para o resto da casa não se aplicava ao banheiro principal. Aquele ambiente representava satisfação excessiva dos próprios desejos.

Os azulejos eram azul-claros e verdes, de modo que era como pisar numa clareira de selva. A banheira parecia um lago branco, preenchida com jatos de água e emoldurada por uma borda, onde mais samambaias cresciam em vasos coloridos.

Um balcão ostentava um interruptor de luz, e havia um banco e um espelho para se

maquiar. Acima, os lustres eram em formato de tulipas. Portas contendo diversos jogos de toalhas eram espelhadas, refletindo no cômodo e dando a ilusão de um espaço enorme e luxuoso.

Embora M.J. tivesse considerado a banheira brevemente, entrou, em vez disso, no boxe fechado por vidros. Jatos eram localizados em três lados, em níveis diferentes. Precisando de mimo, abriu todos eles; então, após um profundo suspiro, usou o sabonete e xampu caros de Grace.

E a fragrância a fez sentir vontade chorar de novo. Aquilo combinava tanto com sua amiga.

Mas recusou-se a chorar; já arrependida das lágrimas que havia derramado há pouco. Elas não ajudavam em nada. Praticidade ajudava, lembrou a si mesma. Um banho, uma refeição, um descanso das atividades por um breve período de tempo, tudo isso serviria para clarear o cérebro. Sem dúvida necessitava de algumas horas de sono para recarregar. Não era apenas o acesso de choro que a fazia se sentir confusa e fraca, imaginou.

Alguma coisa tinha de ser feita, algum passo deveria de ser dado, e rapidamente. Para fazer isso, ela precisava estar bem e pronta.

Mal importava que não tivesse passado muito mais que um dia. Cada hora que vivia sem poder contatar Bailey ou Grace parecia uma vida curta e tensa.

As coisas precisavam ser resolvidas, seu mundo necessitava ser tranquilo novamente. E então, teria de enfrentar qualquer coisa que estivesse acontecendo, e qualquer coisa que acontecesse entre ela e Jack.

Estava apaixonada por ele, não havia dúvida quanto a isso. A rapidez com que se apaixonara aumentava a intensidade da emoção. Nunca tinha se apaixonado por nenhum homem daquela maneira; jamais sentira uma emoção tão intensa que lhe penetrava a alma. E, misturado ao sentimento de paixão, havia um senso de absoluta confiança, uma afeição estranha e profunda, um respeito orgulhoso, e a certeza de que poderia passar o resto da vida com ele... se não em harmonia, pelo menos em contentamento.

Ela o entendia, percebeu quando ergueu o rosto sob o jato de água mais alto. Duvidava que Jack soubesse disso, mas era verdade. Compreendia a solidão dele, o medo de sofrer, e o orgulho em relação às próprias habilidades.

Jack possuía gentileza e cinismo, paciência e impulsividade. Tinha um intelecto inquisidor; um toque de poeta... e mais que um toque de rebeldia. Vivia de sua própria maneira, fazendo suas próprias regras e violando-as quando bem entendesse.

M.J. não teria desejado menos em um parceiro de vida. E era isso que a preocupava. O fato de estar pensando em casamento, permanência, e em formar uma família com um homem que fugia tão obviamente destas três coisas, e vinha fugindo delas pela maior parte de sua vida.

Mas talvez tais conceitos desaparecessem de sua mente com a mesma rapidez que haviam aparecido. Tinha seus próprios negócios, sua própria vida. Querer que Jack participasse daquilo não precisava mudar a ordem básica das coisas.

Assim esperava.

Ela fechou as torneiras, se enxugou, e, como estava lá, passou um pouco da loção hidratante de Grace no corpo. E se sentiu uma mulher nova, mais uma vez. Esfregando uma toalha sobre os cabelos, foi nua para o quarto a fim de abrir o closet.

Pelo menos na casa de campo a escolha de roupas de Grace era simples. M.J. vestiu uma camisa de manga curta branca e azul, e achou um short de algodão na cômoda. As roupas eram um pouco largas. Grace ainda tinha as curvas certas para posar para revistas, enquanto M.J. possuía quadris mais estreitos. Também estavam curtas, uma vez que as pernas de M.J. eram diversos centímetros mais longas que as da amiga.

Mas o traje era confortável e leve, e, quando o vestiu, parou de se sentir uma mulher que estava vivendo nas mesmas roupas por dois dias.

Começou a jogar a toalha de lado, então fez uma careta quando pensou de que maneira Grace reagiria àquilo. Meticulosamente, voltou para o banheiro e pendurou a toalha no suporte apropriado. Então, descalça, os cabelos ainda úmidos e encaracolando ao redor do rosto, saiu à procura de Jack.

— Não somente comecei sem você — disse ela quando o encontrou na cozinha —, como acabei sem você. Dakota, você é lento.

Ainda franzindo o cenho para a pequena jarra na mão, ele se virou.

— Tudo que achei foi... — Jack parou, gaguejou.

Tinha dito a si mesmo que ela não era linda, e isso era verdade. Mas era espetacular. Era um impacto vê-la tão sexy, com aquelas pernas muito longas naquele minúsculo short azul. Os polegares estavam enfiados nos bolsos da frente do short, havia um sorriso travesso no rosto, e os cabelos escuros e úmidos se enrolavam displicentes sobre as orelhas.

A boca de Jack simplesmente aguçou.

— Você tomou um bom banho, querida.

— É difícil não fazer isso naquele banheiro sofisticado de Grace. Espere até ver por si mesmo. — Ela angulou a cabeça quando uma agradável onda de calor começou nos seus pés. — Não sei por que você está me olhando assim, Jack. Já me viu nua.

— Sim. Talvez eu tenha uma fraqueza por mulheres em short curto. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Você pegou emprestado as roupas de baixo de Grace?

— Não. Algumas coisas nem mesmo as melhores amigas compartilham. Homens e roupas de baixo são as duas principais.

Ele largou a jarra.

— Neste caso...

M.J. ergueu uma das mãos, colocou-a sobre o peito dele.

— Acho que não, amigo. Você não está cheirando a rosas neste momento. Além disso, estou com fome.

— A mulher toma um banho e fica exigente. — Mas ele passou a mão sobre o queixo novamente, lembrando-se que deveria tirar o kit de barbear do porta-malas desta vez. — Não há muita escolha por aqui. Ela tem champanhe francês na geladeira, vinho sofisticado naquela prateleira ali. Algumas bolachas em lata, macarrão em potes de vidro. Achei esta massa de tomate, o que imagino que seja molho de espagete embrionário.

— Isso significa que um de nós tem de cozinhar?

— Lamento, mas sim.

Eles se entreolharam por diversos segundos.

— Certo — decidiu Jack. — Vamos tirar na moeda.

— É justo. Cara, você cozinha — disse M.J. quando ele pegou uma moeda de 25 centavos. — Coroa, eu cozinho. De qualquer maneira, tenho a impressão de que iremos procurar os antiácidos de Grace.

Ela suspirou quando a moeda caiu em coroa.

— Não há mais nada? Nada pronto que possamos comer direto da lata ou pote?

— Você cozinha — disse ele, e ergueu o pote que pegara antes. — E há ovas de peixe.

M.J. sorriu enquanto estudava o pote de caviar recheado.

— Você não gosta de caviar?

— Dê-me uma truta, frite-a, e fico feliz. Por que eu iria querer comer ovos que algum peixe pôs? — Mas ele lhe entregou o pote. — Sirva-se. Vou tomar um banho, enquanto você cozinha com aquela massa de tomate.

— Você provavelmente não vai gostar — disse ela secamente, mas pegou uma panela quando ele saiu.

Trinta minutos depois, Jack voltou para a cozinha. Os cabelos estavam penteados para trás, a barba feita. O aroma que vinha das panelas que estavam no fogo não eram inteiramente ruins, decidiu ele. A porta da cozinha estava aberta, e lá estava M.J., sentada no pátio, mastigando uma bolacha com caviar.

— Não é tão ruim — murmurou ela quando o viu. — Você apenas finge que é outra coisa, então come o alimento com isto. — Tomou um gole do champanhe, deu de ombros. — Grace gosta deste tipo de coisa. Sempre gostou. O que se deve à maneira como foi criada.

— O meio ambiente pode estragar uma pessoa — concordou ele. Então abriu a boca e deixou M.J. enfiar uma bolacha. — Fez uma careta, pegou o copo dela e bebeu. — Eu preferiria um cachorro-quente e uma boa cerveja escura.

Ela suspirou, perfeitamente em sintonia com Jack.

— Sim. Bem, mendigos não podem escolher, amigo. Está gostoso aqui fora. Refrescou um pouco. Mas sabe qual é o problema? Você não pode escutar nada. Nenhum barulho de trânsito, nenhum som de vozes, nenhum movimento. Isso me causa arrepios.

— Pessoas que vivem em lugares como este não gostam realmente de estar perto de outras pessoas. — Jack estava com fome suficiente para comer outra bolacha. — Você e eu, M.J., somos seres sociáveis. Nos sentimos melhor em uma sala congestionada.

— Sim, é por isso que trabalho no pub a maior parte das noites. Gosto dos horários movimentados.

— Ela considerou, olhando para onde o sol estava baixando atrás das árvores. — Esta noite, o movimento seria fraco. Domingo, feriado. Todos deveria estar se perguntando onde estou. Todavia, tenho uma boa garçonete-chefe. Ela vai cuidar de tudo.

M.J. se movimentou, irrequieta, pegou o copo.

— Acho que a polícia esteve lá, falou com ela, com o barman, com alguns dos clientes regulares. Eles ficarão preocupados.

— Não vai demorar muito mais. — Jack vinha trabalhando em refinar seu plano, procurando por ciladas. — Seu pub vai funcionar alguns dias sem você. Tira férias às vezes, certo?

— Algumas semanas de vez em quando.

— Paris deveria ser o próximo lugar. Ela ficou surpresa por ele lembrar.

— Este é o plano. Você já esteve lá?

— Não, e você?

— Não. Fomos para a Irlanda quando eu era criança, e meu pai ficou todo emotivo e sentimental. Ele cresceu do lado oeste de Manhattan, mas você pensaria que nasceu e foi criado em Dublin, e que foi tirado de lá por ciganos. Afora isso, nunca saí dos Estados Unidos.

— Já fui ao Canadá e ao México, mas nunca voei sobre o oceano. — Ele sorriu e lhe tirou o copo da mão novamente. — Acho que seu molho está queimando, querida.

M.J. praguejou, levantou-se e entrou. Enquanto resmungava, Jack olhou para o nível da garrafa. Normalmente, não teria recomendado álcool como tranquilizante, mas aquela era uma ocasião diferente, de desespero. Vira o sofrimento nos olhos de M.J. quando ela mencionara Paris... e lembrara-se das amigas.

Por algumas horas, por aquela primeira noite, ele a faria esquecer.

— Cheguei a tempo — ela o informou, colocando os cabelos para trás e saindo no pátio de novo.

E coloquei a água para o macarrão. Não sei quanto tempo o molho deve cozinhar.. provavelmente por três dias, mas vamos comê-lo mal passado.

Ele sorriu, entregou-lhe a taça que tinha acabado de encher.

— Para mim tudo bem. Há uma outra garrafa de champanhe gelando, certo?

— Sim, eu pego para Grace a preço de atacado. Meu distribuidor adora isso. — Ela bebeu mais um pouco, riu. — Posso imaginar o que meus clientes diriam se eu colocasse Brother Dom no cardápio.

— Estou me acostumando com o gosto. — Jack se levantou, passou uma das mãos pelos cabelos dela. — Vou colocar alguma música. Está silencioso demais por aqui.

— Boa ideia. — Com um olhar pensativo, ela olhou por sobre o ombro. — Sabe, acho que Grace disse que aqui tem ursos e coisas assim.

Ele olhou duvidoso em direção à floresta.

— Acho que vou buscar minha arma, também, Jack pegou mais do que isso. Para a surpresa de M.J., ele levou velas para a cozinha, ligou o aparelho de som baixinho, e achou uma estação que tocava blues. Segurando uma flor cor-de-rosa que se parecia com cravo, colocou-a atrás da orelha dela.

— Sim, suponho que ruivas podem usar cor-de-rosa -decidiu depois de estudá-la com um sorriso. -Você está bonita.

Soprando cabelos dos olhos, M.J. escorreu o macarrão.

— O que é isso? Um traço romântico?

— Tenho um que mantenho reservado. — E enquanto as mãos dela estavam cheias, ele se inclinou e roçou-lhe a nuca. — Isso incomoda você?

— Não. — Ela angulou a cabeça, saboreando o arrepio ao longo da coluna. — Mas para completar a atmosfera, você terá de comer isso e fingir que está bom. — Franziu o cenho quando Jack tirou uma outra garrafa de champanhe da geladeira. — Sabe quanto custa uma garrafa dessas? Mesmo no atacado?

— Mendigos não podem escolher — ele a relembrou e estourou a rolha.

Quanto à refeição, ambos já haviam comido melhor.. e pior. O macarrão tinha passado levemente do ponto, o molho estava insípido, mas inofensivo. E, por estarem famintos, repetiram sem reclamações.

Jack se certificou em direcionar a conversa para qualquer coisa que não a preocupasse.

— Eu provavelmente deveria ter usado algumas ervas que Grace planta lá fora — comentou M.J. - Mas não sei o que é o quê.

— Está bom assim. — Ele lhe pegou a mão, beijou-lhe a palma e a fez piscar. — Como está se sentindo?

— Melhor. — Ela pegou o copo. — Cheia.

Nervosa? Engraçado, pensou Jack, que ela não se mostrara nervosa quando ele a algemara, ou quando tinha dirigido como um louco pelas ruas de Washington, com assassinos em potencial no rastro deles.

Mas beijava-lhe a mão e M.J. parecia tão nervosa quanto uma noiva virgem na noite de seu casamento. Perguntou-se quanto mais nervosa poderia deixá-la.

— Gosto de olhar para você — murmurou ele.

M.J. bebeu apressadamente, largou o copo, pegou de novo.

— Você tem olhar para mim por dois dias.

— Não à luz de velas. — Jack reencheu a taça de M.J. — Uma luz que coloca fogo em seus cabelos. Em seus olhos. Fogo de estrela. — Sorriu vagarosamente, ergueu o copo para ela. — Qual é o ditado? "Bela como uma estrela, quando apenas uma está brilhando no céu."

— Sim. — M.J. bebeu o champanhe, sentiu o líquido espumante descer pela garganta. — Acho que é isso.

— Você é a única, M.J. — Ele empurrou os pratos de lado de modo que pudesse mordiscar-lhe os dedos. — Sua mão está tremendo.

— Não está. — Seu coração estava, mas ela liberou a mão, apenas no caso de ele estar certo. Bebeu mais um gole, estreitou os olhos. — Você está tentando me embriagar, Dakota?

O sorriso de Jack foi lento, confiante.

— Relaxar seria a palavra certa. E você estava relaxada, M.J. Antes que eu começasse a seduzi-la.

Uma onda de desejo fez o coração de M.J pular no peito.

— É assim que você chama o que está fazendo?

— Você está madura para sedução. — Ele virou-lhe a mão, raspou os dentes no interior do pulso delicado. — Sua cabeça está nadando com champanhe, sua pulsação está irregular. Se ficasse em pé neste momento, suas pernas estariam fracas.

Ela não precisava se levantar para sentir as pernas fracas. Mesmo sentada, seus joelhos tremiam.

— Não preciso ser seduzida. Você sabe disso.

— O que sei é que vou gostar disso. Quero você tremendo, fraca e minha.

M.J. temia que já estivesse assim, e recuou, nervosa.

— Isso é bobagem. Se você quer ir para a cama...

— Chegaremos lá. — Jack se levantou, colocou-a de pé, então deslizou as mãos de maneira lenta e possessiva pelas laterais do corpo dela. Depois, deu um passo atrás. — Está preocupada com o que posso fazer com você.

— Você não me preocupa.

— Sim, preocupo. — Jack a puxou para si, manteve a boca pairando sobre a dela por um momento, então, baixou-a para morder-lhe o queixo de leve. - Neste exato momento, eu a preocupo muito.

A respiração de M.J. estava rasa, irregular.

— Você cozinha uma refeição para um homem e ele tem delírios de grandeza. — E quando ele riu, a respiração aqueceu o rosto de M.J., fazendo-a tremer. — Apenas me beije.

— Você não tem medo do fogo. — Jack se esquivou dos lábios sensuais, ouviu-a gemer enquanto lhe beijava o pescoço. — Mas o calor a enerva. Você pode ter as duas coisas. — Ele roçou-lhe os lábios com os seus, recuou. — Esta noite, teremos ambas. Não haverá outra escolha.

O champanhe estava nadando na cabeça de M.J., exatamente como Jack falara. Em círculos brilhantes. Ela estava tremendo, assim como ele dissera. Tremores rápidos e incontroláveis.

E estava fraca, exatamente como ele dissera.

Mesmo enquanto buscava pelo fogo, não podia deixar de sentir o calor; a doce sedução, enervando-a, conduzindo-a. M.J. prendeu a respiração, então liberou o ar apressadamente quando Jack a ergueu.

— Por que está fazendo isso?

— Porque você precisa — murmurou ele. — E eu também.

Jack lhe esquentou a pele com beijos e mordidinhas enquanto a carregava da cozinha. O aroma no ar que era estranho para ambos apenas adicionava um elemento ao mistério.

A casa estava escura, vazia, com o banho prateado do luar guiando o caminho deles na escada. Ele a deitou sobre a cama, cobriu-lhe o corpo com o seu E finalmente baixou a boca

para beijá-la.

Os membros de M.J. ficaram fracos quando o beijo a drenou, a fez flutuar. Tentou lutar por controle uma vez, mas ele aprofundou o beijo de uma maneira tão lenta, tão terna, que ela simplesmente caiu na armadilha de sedução que Jack já lhe preparara.

M.J. murmurou o nome dele, ouviu o eco de seu sussurro na própria cabeça. E rendeu-se.

Ele sentiu a mudança de M.J., aquele desejo suave e completo. O presente daquilo foi uma excitação poderosa, enviando ondas de prazer por todo o corpo de Jack. Mesmo enquanto seu desejo aumentava, ele explorava gentilmente o pescoço de M.J. e sentia a pulsação loucamente acelerada ali.

— Vamos — murmurou ele calmamente. — Apenas relaxe e me deixe possuí-la.

As mãos de Jack eram gentis, traçando e acariciando curvas e ângulos. Aquilo, pensou ele, a fazia suspirar. E a fazia gemer. Como se o tempo dos dois fosse infinito, Jack conduziu a sedução pensando no prazer de M.J. A curva forte do ombro, os músculos firmes das pernas longas, a linha surpreendentemente frágil do pescoço.

Ela a despiu vagarosamente, pressionando os lábios nas mãos que tentavam alcançá-lo, até deixa-las relaxadas de novo.

Não lhe deixou escolha senão confiar. Não lhe deu nada para experimentar, exceto prazer. O carinho a destruía, até que o mundo de M.J. foi reduzido gradualmente à tempestade que acontecia dentro de seu corpo.

O fogo estava lá, aquele brilho de luz e o calor ultrajante, o sopro do vento e o giro do poder. Mas ele conteve isso tudo com mãos habilidosas e uma boca paciente, levando-a pelo caminho que escolhera para ambos.

Jack a virou e massageou-lhe os ombros. Traçou beijos molhados ao longo de suas costas, e a fez tremer mesmo enquanto a mente de M.J. estava nublada.

Ela podia ouvir o farfalhar dos lençóis quando ele se moveu para cima de seu corpo, ouvir os sussurros das promessas de Jack, sentir o brilho quente das promessas cumpridas.

E do lado de fora, na noite em que se aprofundava, veio o chamado alto de uma coruja.

Nenhuma parte do corpo de M.J. foi ignorada. Nenhum aspecto de sedução, esquecido. Ela ficou deitada impotente sobre ele, aberta a qualquer demanda. E quando a demanda finalmente veio, o gemido dela foi longo, profundo, a resposta de seu corpo, instantânea e completa.

Jack enterrou a cabeça entre os seios, lutando contra a vontade de se apressar, agora que a tinha levado a um pico tão glorioso.

— Quero mais de você — murmurou ele. Quero você inteira. Quero tudo.

Ele fechou a boca sobre um dos magníficos seios, até que ela gemeu novamente, até que sua respiração estivesse totalmente ofegante. Quando a voz feminina sussurrou o nome dele, Jack a penetrou, preencheu-a lentamente.

À beira de outro orgasmo, ela se arqueou em direção a ele. Ambos se entreolharam enquanto uniam as mãos. Só havia o rosto de Jack na luz da lua, os olhos escuros, a boca firme, os ricos cabelos manchados de dourado.

Dominada por uma onda de puro amor, ela lhe sorriu.

— Possua mais de mim. — Sentiu os dedos de Jack tremerem nos seus. — Possua-me inteira. — Viu o brilho que era tanto de triunfo quanto de desejo nos olhos dele. — Possua tudo.

O fogo estendeu a mão para ambos.

Enquanto M.J. dormia, Jack a abraçou contra si e refletiu sobre os detalhes finais de seu plano. Um plano que tanto podia dar certo, quanto fracassar miseravelmente.

Probabilidades iguais não eram algo tão ruim assim.

Teria arriscado muito mais por ela, muito mais para impedir que aquelas lágrimas escorressem de novo pelas faces de M.J. Tinha esperado trinta anos para se apaixonar. E, por isso, concluiu, se apaixonara tão louca e rapidamente.

A menos que quisesse pegar a rota mais mística e acreditar que aquilo tudo era simplesmente destino — o momento, a pedra, M.J. De qualquer forma, chegara ao mesmo lugar. Ela era a primeira e único pessoa que ele já amara, e não havia nada que não fizesse para protegê-la.

Mesmo se isso significasse violar a confiança de M.J.

Se aquela fosse a última vez em que se deitaria ao seu lado, mal podia reclamar. Ela lhe dera mais em dois dias do que já tivera em sua vida inteira.

Ela o amava, e isso respondia todas as questões.

Enquanto Jack estava deitado no escuro, contemplando a sua vida, questionando-se sobre o futuro, um outro homem estava sentado numa sala banhada em luz. O dia dele tinha sido cheio, e agora estava exausto. Mas sua mente não se fecharia, e não tinha condições de ceder à fadiga.

Tinha visto fogos de artifício cruzando o céu. Havia sorrido, conversado, sorvido um bom vinho. Mas, durante o tempo todo, o ódio o consumira como um câncer.

Agora, estava abençoadamente sozinho, em uma sala que tranquilizava sua alma. Alegrava os olhos com Renoir. Cores tão sutis e adoráveis, pensou. Pinceladas tão magníficas. E somente ele olharia para sua grandeza.

Lá, a caixa secreta de um imperador chinês. Laqueado e brilhante, um dragão vermelho enfeitava um céu negro. Inestimável, repleto de segredos. E somente ele possuía a chave.

Ali, um anel de rubi que uma vez adornara o dedo de Luís XIV. Ele o deslizou no seu dedo mínimo, virou a pedra em direção à luz, e observou-a reluzir. Da mão do rei para a sua, pensou. Com alguns desvios ao longo do caminho, mas agora estava onde pertencia.

Geralmente, aquelas preciosidades lhe traziam um prazer profundo e maravilhoso. Mas não esta noite. Alguns haviam sido punidos, pensou. Outros estavam além da punição. Entretanto, não era o bastante.

Sua sala de tesouros estava repleta de peças antigas, únicas e fabulosas. Mas não era o bastante.

As Três Estrelas seriam a única coisa que o satisfaria. Trocaria cada tesouro que tinha por elas. Porque, uma vez que as possuísse, não precisaria de mais nada.

Os tolos achavam que as compreendiam. Acreditavam que as pedras podiam controlá-los. E fugiam delas. O destino das Estrelas era seu, é claro. O poder delas sempre existira para ele.

E a perda das pedras era como vidro quebrado em sua garganta.

Ele se levantou, tirou o rubi do dedo e arremessou-o para o outro lado da sala, como uma criança jogando um brinquedo quebrado. Teria as pedras de volta. Estava certo disso. Mas um sacrifício seria necessário. Para o deus, pensou com um sorriso lento. É claro, um sacrifício para o deus. Em sangue.

Ele saiu da sala, deixando as luzes queimando. E a maior parte de sua sanidade para trás.

Jack considerou deixar um bilhete. Quando M.J. acordasse, estaria sozinha. No começo, provavelmente presumiria que ele tinha saído para encontrar a pequena loja da qual ela tinha falado, a fim de comprar alguns alimentos.

Ficaria impaciente, um pouco irritada. Depois de uma hora, poderia se preocupar com que ele tivesse se perdido nas estradas secundárias.

Mas não levaria muito tempo para perceber que ele se fora.

Enquanto descia a escada em silêncio, ao amanhecer, ele imaginou que a primeira reação de M.J. seria de raiva. Vasculharia a casa, o xingaria, o ameaçaria. Provavelmente chutaria alguma coisa.

Jack quase lamentava perder aquilo.

Ela poderia até odiá-lo por um tempo, pensou, Mas estaria segura. E isso era o mais importante de tudo.

Ele saiu na manhã silenciosa, cuja neblina envolvia as árvores e escurecia o céu. Alguns pássaros já estavam acordados, também, esticando suas cordas vocais. As flores de Grace perfumavam o ar com uma fantasia, e havia orvalho no gramado. Ele viu um veado, provavelmente a mesma corça do dia anterior, parada na extremidade do bosque.

Entreolharam-se por um momento, cada um interessado na espécie estranha, cauteloso em relação ao outro. Então, dispensando-o, a corça se moveu quase silenciosamente e desapareceu entre as árvores.

Jack olhou de volta para a casa onde tinha deixado M.J. dormindo. Se tudo saísse como esperava, voltaria ao anoitecer. Não seria fácil, sabia, mas precisava acreditar que a convenceria, finalmente, de que tinha agido para o bem dela. E se M.J. ficasse magoada, bem, mágoa não matava.

Mais uma vez, considerou deixar um bilhete... alguma coisa breve e direta. Mas decidiu não fazer isso. Ela logo concluiria o que tinha acontecido. Era uma mulher inteligente.

Sua mulher, pensou enquanto se sentava atrás do volante do carro. O que quer que lhe acontecesse no decorrer daquele dia, M.J. estaria segura.

Um soldado preparado para a batalha, um cavaleiro armado para a luta. Fortificou-se para partir na neblina. Tal era seu humor quando virou a chave que o motor respondeu rateando.

Ótimo, fantástico, exatamente o que precisava. Jack desceu do carro, resistiu à vontade de bater a porta, e rodeou o capô. Praguejando baixinho, abriu-o, enfiou a cabeça embaixo.

— Perdeu alguma coisa? Lentamente, ele tirou a cabeça do capô. M.J. estava de pé na varanda, as pernas longas, os punhos fechados sobre os quadris, veneno nos olhos. Foi necessário apenas um olhar para ver que a tampa da válvula distribuidora estava faltando. Nem mesmo precisava olhar para M.J. para saber que o enforcaria.

Mas estava calmo. Já havia enfrentado coisas piores em sua carreira do que uma mulher zangada.

— Parece que sim. Você acordou cedo.

— Você também, Jack.

— Eu estava com fome. — Ele lançou-lhe um sorriso... e manteve distância. — Pensei em ir procurar um café da manhã.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Tem seu porrete no carro? - Meu porrete?

— É o que os homens das cavernas fazem, não é? Pegam seu porrete e vão para a floresta a fim de caçar um urso para comer.

Enquanto M.J. descia a escada e vinha na sua direção, ele manteve um sorriso forçado no rosto e inclinou-se contra o para-choque.

— Eu tinha algo um pouco mais civilizado em mente. Alguma coisa como ovos e bacon.

— Oh? E onde você vai achar ovos e bacon por aqui de madrugada?

Ela o pegara ali.

— Ah... pensei que pudesse, você sabe, encontrar um fazendeiro e... — Jack perdeu o fôlego quando ela lhe deu um soco no estômago.

— Não minta para mim! Pareço estúpida?

Ele tossiu, recuperou o fôlego e conseguiu endireitar o corpo.

— Não. Ouça...

— Acha que não percebi o que estava acontecendo ontem à noite? O jeito que você fez amor comigo. Achou que me deixaria bem mansa, para que eu não soubesse que aquilo era uma grande cena de despedida? Seu cretino! — Ela tentou socá-lo de novo, mas desta vez ele se abaixou, de modo que M.J. não atingiu seu maxilar por centímetros.

Agora, Jack também começou a ficar alterado. Nunca tinha tratado uma mulher com tanto cuidado quanto a tratara na noite anterior, e ela estava jogando aquilo em sua cara!

— O que você fez, vindo aqui embaixo de madrugada e sabotando meu carro? — Ele viu a resposta no sorriso de satisfação esboçado no rosto de M.J. — Oh, isso é bom. Muito bom. Quanta confiança. — disse ele.

— Como ousa falar sobre confiança? Você estava me deixando aqui.

— Sim, isso mesmo. Agora, onde está a tampa da válvula distribuidora? — Jack a segurou pelos braços, com firmeza, antes que ela pudesse golpeá-lo novamente. — Onde está?

— Aonde pensa que vai? Que tipo de plano idiota mapeou nesse seu cérebro minúsculo e débil?

— Vou cuidar de negócios — disse ele com raiva. - Voltarei para você quando eu terminar.

— Voltar para mim? O que eu sou, um animalzinho de estimação? — M.J. lutou, mas não conseguiu se libertar até que usou o salto para pisar-lhe no peito do pé. — Você vai voltar para a cidade, não vai? Está indo procurar problema.

A fúria de Jack era tamanha que se perguntou apenas brevemente quantos ossos de seu pé ela poderia ter quebrado.

— Sei o que estou fazendo. Este é o meu trabalho. E o que você vai fazer é me dar aquela tampa e depois me esperar.

— Nem pensar. Nós começamos isto juntos e vamos acabar juntos.

— Não. — Ele a girou até que as costas de M.J. estivessem pressionadas contra o carro. — Não quero arriscar com você.

— Desde quando você está no controle? Eu assumo meus próprios riscos. Tire suas mãos de mim.

— Não. — Jack inclinou-se, prendeu-lhe as mãos nas suas. — Uma vez na vida, você vai fazer o que lhe dizem. Vai ficar aqui. Posso me mover com mais rapidez sozinho, e não ficarei distraído me preocupando com você.

— Ninguém está lhe pedindo para se preocupar comigo. O que você está planejando fazer, Jack?

— Já perdi muito tempo deixando-os me perseguir. Está na hora de enfrentá-los, no meu terreno, nos meus termos.

— Você vai atrás daqueles maníacos da van? — O coração de M.J. disparou. Ela engoliu em seco. — Ótimo. Boa ideia. Vou com você.

— Vai ficar aqui. Eles não acharam este lugar; e parece que não vão achar. Você vai estar segura.

— Jack a ergueu do solo, sacudiu-a. — M.J., não quero que se arrisque. Você é tudo que importa. Eu a amo.

— E eu devo ficar sentada aqui, como uma mulher indefesa, enquanto você se arrisca?

— Exatamente.

— Você é um cretino arrogante. O que vou fazer se for morto? Caso tenha esquecido, o problema com que estamos lidando é meu. Você só está me ajudando e não vai a lugar algum sem mim.

— Você irá me atrapalhar.

— Isso é bobagem. Estou me controlando nesta situação toda. Eu vou, Jack, e, a menos que queira pedir uma carona para voltar a Washington, este é o acordo.

Ele se afastou, resmungando. Então se virou para andar de um lado para o outro. Considerou algema-la dentro de casa. Seria uma luta feia — que quase poderia ter desejado ansiosamente —, mas venceria. Mas se as coisas dessem errado, não saberia quanto tempo levaria até que alguém a encontrasse.

Não, não podia deixá-la sozinha e algemada numa casa isolada em uma região remota.

Poderia mentir: Concordar com os termos de M.J., depois abandoná-la. Não seria fácil sair sem ela, mas era uma opção. Ou poderia tentar uma tática totalmente diferente.

Jack se virou, sorrindo de forma triunfante.

— Certo, querida, vou ser sincero. Para mim basta.

— Basta?

— Foi divertido. Foi educativo. Mas está ficando tedioso. Nem mesmo pelos cinquenta mil que você me prometeu vale a pena arriscar minha pele. Então, pensei em ir para o norte por algumas semanas, esperar as coisas se acalmarem. — Ele deu de ombros quando ela o olhou. — As coisas estão ficando um pouco pesadas entre nós. Esse não é meu estilo. Então, decidi partir; evitar a cena obrigatória. Se eu fosse você, ligaria para a polícia, devolveria a pedra e registraria tudo isso como seu fim de semana mais emocionante.

— Você está me dispensando — disse ela com uma voz tão fraca que o fez se sentir destruído por dentro.

— Vamos dizer que estou seguindo em frente. Um homem tem de cuidar de si mesmo e de seus interesses primeiro.

— Todas as coisas que você me disse...

— Ei, querida, somos ambos livres. Vou lhe dizer o seguinte. Eu a deixo na cidade mais próxima, lhe dou algum dinheiro para o transporte.

Em resposta, ela andou para a varanda, cada passo dilacerando o coração de Jack. Quando M.J. se sentou e enterrou o rosto nas mãos, ele desejou ir para o inferno.

Ela vai estar segura, lembrou a si mesmo. Tudo que importava era que ficaria...

M.J. estava rindo. Ele engasgou quando ela jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. Os braços estavam ao redor do estômago, não em defesa contra um coração partido, mas para controlar um pouco o acesso de riso.

— Oh, seu estúpido — disse ela. — Realmente achou que eu ia acreditar nisso? — Mal conseguia falar entre as risadas descontroladas. Quanto mais sério Jack a olhava, mais ela ria. — Agora, imagino que, em prantos, eu deveria lhe dar a tampa do distribuidor e aceitar que você me deixe em algum lugar para afogar as mágoas. — Secando os olhos lacrimejantes, acrescentou: — Você está tão apaixonado por mim, Dakota, que não pode raciocinar com clareza.

Estava raciocinando muito bem, determinou Jack. Perguntou-se como M.J. reagiria se ele fechasse as mãos naquele pescoço lindo e o apertasse bem forte.

— Eu poderia superar isso — murmurou ele.

— Não, não poderia. Está escrito nos seus olhos, e conheço o sentimento. Estamos presos um ao outro, Jack. Não há volta para nós. — M.J. respirou profundamente, esfregou uma das mãos nas costelas doloridas. — Eu deveria bater em você por ter tentado isso, mas foi muito tolo. E muito doce.

Jack enfiou as mãos nos bolsos. Foi o "doce" que o fez se sentir mais tolo. Enganá-la não dera certo, considerou. Raiva e ameaças não haviam funcionado, e mentiras apenas a tinham divertido.

Então, tentaria a verdade, decidiu. Simples, direta. E suplicaria.

— Tudo bem, você me pegou. — Ela se aproximou, sentou-se ao seu lado, pegou sua mão. — Eu nunca disse a uma pessoa que a amava antes — começou. — Nunca ameie ninguém. Nem uma mulher, ninguém da família, nem um amigo.

— Jack. — Tomada pela emoção, ela afastou uma mecha de cabelos da testa dele. — Você nunca teve a chance de amar.

— Não importa. — Ele falou com veemência, apertando os dedos dela nos seus. — É sério o que eu disse ontem à noite. Só existe você, M.J. — Jack pressionou o dorso da mão delicada nos lábios. Segurou-o ali por um momento. — Você não entenderia isso, não realmente. Teve outras pessoas na sua vida, pessoas importantes.

— Sim. — Emocionada, ela se inclinou, beijou-lhe o rosto. — Há pessoas que amo. Talvez não haja somente você, Jack. Mas há você. E o que sinto por você é diferente de tudo que já senti antes, por qualquer pessoa.

Jack olhou para as mãos de ambos por um momento. Elas se encaixavam tão bem, notou. Como se estivessem esperando para se encontrar.

— Tenho feito as coisas do meu jeito há muito tempo — continuou ele. — Evitei complicações nas quais não tinha interesse. Era fácil evitar elos emocionais. Até você aparecer. — Fitou os olhos dela enquanto tocava-lhe o rosto com uma das mãos. — Você chorou ontem, por causa daquelas outras pessoas que ama. E cortou meu coração. E no momento que eu a estava abraçando, e você chorando, soube que eu faria qualquer coisa para protegê-la. Deixe-me fazer isso.

— Você planejou me deixar aqui porque chorei?

— Porque, quando chorou, finalmente percebi o quanto suas amigas significam para você, e o quanto estava se controlando. Preciso ajudar você. E elas.

Ela desviou os olhos dele por um momento. Não faria bem a nenhum dos dois se chorasse de novo. E as palavras dele, e a emoção evidente por trás delas, a tinham tocado em uma nova parte de seu coração.

— Eu já o amo, Jack. — M.J. exalou o ar longa mente. — Agora, estou perto de reverenciá-lo.

— Então você vai ficar.

— Não. — Ela lhe segurou o rosto nas mãos quando viu irritação ali. — Mas não estou mais zangada com você.

— Ótimo. — Ele saiu dos degraus para andar de novo — Não ouviu nada do que eu disse? Não posso colocá-la em risco. Eu não suportaria se alguma coisa lhe acontecesse.

— Mas devo suportar se alguma coisa acontecer a você? Não funciona assim, Jack. — Ela se levantou e o encarou. — Não para mim. O que sente por mim, eu sinto por você. Estamos juntos nisto. Em bases iguais. — Ergueu uma das mãos antes que ele pudesse falar. — E não vá dizer alguma tolice sobre você ser homem e eu ser mulher.

Na verdade, Jack estivera muito perto de falar aquilo.

— Não.

— Então está combinado. — M.J. angulou a cabeça. — E deixe-me acrescentar uma coisa aqui, caso você tenha alguma ideia brilhante sobre me abandonar no meio do caminho. Se tentar, vou para o telefone mais próximo e ligo para a polícia. Digo-lhes que você me sequestrou, me molestou. Darei a sua descrição, a descrição do que chama de carro, e sua placa. Estará tentando se explicar para o xerife e sua equipe antes que ande trinta quilômetros.

Os olhos de Jack se incendiaram.

— Você faria isso, não faria?

— Com certeza. E faria bem feito. Tão bem que eles provavelmente iriam destruir seu rosto bonito antes de jogá-lo numa cela. Estamos entendidos?

— Sim — respondeu Jack, sentindo-se impotente na situação em que ela o colocara. — Estamos entendidos. Você cuida de si mesma, querida.

— Pode contar com isso. — Ela se aproximou, pôs as mãos nos ombros tensos dele. — E pode contar comigo, Jack. Estarei do seu lado. — Sem esperar resposta, beijou-lhe os lábios. — Não vou abandoná-lo — murmurou e viu o brilho de compreensão nos olhos de Jack. — E não vou decepcioná-lo. — Roçou-lhe os lábios com os seus novamente. — Não vou deixá-lo.

Ela enxergava demais, percebeu Jack. Mais, talvez, do que ele mesmo.

— Isso não tem a ver comigo.

— Sim, tem. Ninguém ficou com você, mas eu ficarei. Ninguém o amou o bastante, mas eu o amo. — M.J. levou ambas as mãos ao rosto dele. — O que faz tudo isso ter a ver com nós dois. Estarei ao seu lado, mesmo quando tentar bancar o herói e me poupar.

Ele estava perdendo, e sabia disso.

— Você poderia começar a fazer isso amanhã.

— Já estou fazendo. Agora, vai me beijar ou não?

— Talvez.

Os lábios de M.J. se curvaram num sorriso quando encontraram os dele. Então, Jack se sentiu deslizando para dentro dela... uma sensação de retorno ao lar que era tão doce quanto excitante. O beijo esquentou mesmo antes que as mãos de M.J. penetrassem por baixo de sua camisa, lhe acariciassem as costas, então descendo de novo e raspando as unhas de leve no processo.

— Quero você — murmurou ela, movimentando-se sensualmente contra ele. — Agora, antes de irmos. — Virando a cabeça, mordiscou-lhe o pescoço. — Para dar sorte.

A cabeça de Jack pareceu girar quando M.J. pôs uma das mãos entre os corpos e o encontrou.

— Um pouco de sorte extra nunca é demais. Ela riu, puxou-o para longe do carro. Eles caíram juntos no chão, e rolaram sobre o gramado ainda úmido do orvalho.

O ato foi rápido, e um tanto desesperado. Enquanto o sol esquentava, rompendo a neblina da manhã, eles se despiram, se exploraram.

— Deixe-me... — Jack ofegou e lutou com o jeans. — Não consigo...

— Aqui. — As mãos de M.J. apalpavam as dele, puxaram o tecido para baixo. — Rápido. Deus!

Ela rolou novamente, ergueu o corpo e deslizou a boca sobre o peito nu. Queria saboreá-lo. Necessitava provar aqueles sabores, aquelas texturas. Saciar-se com eles. Poderia jurar que sentiu o solo tremer quando Jack a virou, cravou os dentes em seu ombro, uma das mãos segurando-lhe o seio, e a outra...

— O que você... Como pode... — M.J. jogou a cabeça para trás enquanto ele a levava à

loucura. Ofegando, envolveu os braços ao redor do pescoço dele e liberou seu lado selvagem.

Estava com ele, acompanhando cada passo, o corpo forte e ágil. Seu desejo era tão grande e tão primitivo quanto o de Jack, suas mãos tão ousadas quanto. M.J. virou a cabeça, tomou-lhe a boca com avidez uma boca que tinha gosto de mistério e segredo.

Foi ela quem se posicionou, tomou o controle.

— Agora — exigiu, os olhos verdes brilhando como uma gata na caça. — Imediatamente. — E envolvendo-se ao redor dele, o direcionou para dentro de si.

Jack a preencheu profundamente, investiu, enterrou-se no corpo amado. Ela acompanhou cada movimento, cada mudança de ritmo, os olhos de gata grandes e focados nos dele. O calor de M.J. foi como um combustível, e quando estava à beira do êxtase, ele sentiu o coração se abalar com uma emoção brutal.

— Eu amo você — sussurrou contra a boca de M.J. — Meu Deus, como amo você!

— Eu sei. — E quando Jack pressionou o rosto nos cabelos sedosos, tremendo enquanto despejava sua semente dentro dela, M.J. não precisava saber de mais nada.

— Jack. — Ela lhe acariciou os cabelos. O sol estava em seus olhos, o peso dele sobre seu corpo, e a grama molhada sob suas costas. E aquele era um dos melhores momentos de sua vida. — Jack — murmurou novamente e suspirou.

— Talvez haja alguma coisa especial na vida do campo, afinal. — Com um pequeno gemido, ele aliviou o peso de cima de M.J. e apoiou-se sobre os cotovelos. E sentiu um aperto no coração. — Por que você está chorando? Está tentando me matar?

— Não estou chorando. O sol está batendo nos meus olhos. — Então, se sentindo tola, ela secou a única lágrima. — Não é esse tipo de choro, de qualquer forma. Não se preocupe, não vou me debulhar em lágrimas.

— Machuquei você? Ouça, me desculpe, eu...

— Jack. — M.J. deu outro suspiro. — Não é esse tipo de choro, certo? E já parei, de qualquer forma.

Cauteloso, ele estudou os olhos brilhantes.

— Tem certeza?

— Sim. — Então ela sorriu. — Covarde.

— Admito. — E ele não tinha vergonha de admitir: Beijou-lhe o nariz. — Agora que temos toda essa sorte extra, é melhor irmos.

— Você não vai tentar trapacear, vai?

Jack pensou no jeito como ela lhe segurara o rosto nas mãos e lhe dissera que estaria sempre ao seu lado. Ninguém em sua vida jamais lhe fizera uma promessa tão simples.

— Não. Suponho que somos um time.

— Ótimo.

M.J. esperou até que estivessem de volta na estrada, indo em direção à civilização, antes de

perguntar:

— Muito bem, Jack, qual é o plano?

— Nada complicado. A simplicidade tem poucas ciladas. Da maneira como vejo isso, temos de chegar a quem está no controle. Só que nosso elo com ele, ou ela, são os homens da van, e talvez os Salvini.

— Até agora, estou acompanhando você.

— Preciso ter uma pequena conversa com eles. Para fazer isso, tenho de atraí-los, manter a vantagem e convencê-los de que é para o interesse deles passar a informação.

— Certo, há dois sujeitos com armas, um deles aproximadamente do tamanho do monumento a Washington. E vai convencê-los a conversar com você. — Ela piscou-lhe. — Admiro seu otimismo.

— É tudo uma questão de influência — disse ele e explicou como pretendia realizar aquilo.

Trovões ribombavam no céu escuro quando Jack parou o carro no estacionamento dos Salvini. Era um prédio bonito, separado de um shopping Center por um grande estacionamento. E estava tudo fechado por causa do feriado de segunda-feira.

No estacionamento menor dos Salvini, só havia um Mercedes.

— Sabe de quem é o carro?

— De um dos idiotas... um dos meios-irmãos de Bailey. Thomas, eu acho. Bailey comentou que eles fechariam pelo fim de semana prolongado. Se ele está lá dentro, não sei por quê.

— Vamos dar uma olhada. — Jack desceu, rodeou o Mercedes. O veículo estava trancado, a luz de alarme piscando. Ele checkou as portas da frente do prédio primeiro, espiou o showroom escuro, não viu sinal de vida.

— Os escritórios são no andar de cima? — perguntou.

— Sim, o de Bailey, o de Thomas e o de Timothy. — O coração dela começou a acelerar. — Talvez esteja aí dentro, Jack. Ela raramente vem trabalhar de carro. Moramos muito perto.

— Hã-hã. — E embora não fosse parte do plano dele, a preocupação na voz de MJ. o fez agir por impulso e apertar a campainha ao lado da porta. — Vamos checar os fundos — falou após um momento.

— Eles podem estar prendendo Bailey aí dentro. Ela pode estar ferida. Eu devia ter pensado nisso antes. — Na direção oeste, raios ramificaram-se como lâminas irregulares. — Ela pode estar aí, machucada e...

Ele se virou.

— Ouça, se vamos enfrentar isso, temos de estar fortes e compostos. Não temos tempo para muitas suposições e especulações.

Ela ergueu a cabeça. Então, endireitou os ombros.

— Tudo bem, desculpe-me.

Após um breve estudo do rosto dela, Jack assentiu, então continuou indo para os fundos, onde deu uma longa olhada para a porta de segurança de aço.

— Alguém mexeu na fechadura.

— Como assim? — Ela se inclinou sobre o ombro dele enquanto Jack se abaixava. — Você quer dizer que alguém arrombou a fechadura?

— Recentemente. Não há ferrugem nem poeira nas bordas. Só me pergunto se a pessoa entrou. — Jack ergueu o corpo, examinou as laterais, o batente. — Ele não tentou arrombar com um bastão, ou martelou o local. Eu diria que a pessoa sabia o que estava fazendo. Sob circunstâncias diferentes, eu diria que foi um arrombamento normal, porém, foi mais do que isso.

— Você pode entrar?

Aquilo não fazia parte do plano imediato, também, mas ele considerou.

— Provavelmente. Você sabe que tipo de sistema de alarme eles têm?

— Há uma caixa do lado de dentro da porta. E codificada. Não sei a senha. Você tem de digitar alguns números. — M.J. se controlou antes que pudesse torcer as mãos. — Jack. — Esforçou-se para manter a voz calma. — Bailey pode estar aí. Pode estar machucada. Se não verificarmos, e alguma coisa der errado...

— Tudo bem. Mas se eu não conseguir desativar o alarme, e logo, seremos presos. — Mesmo assim, ele pegou as ferramentas do porta-malas e foi trabalhar.

— Fique de olho em tudo — disse Jack. — Certifique-se de que nenhuma das pessoas fazendo compras se interesse pelo que está acontecendo aqui.

M.J. se virou, olhou para o estacionamento e para o shopping center além. Pessoas entravam e saíam, obviamente muito envolvidas nas sacolas de compras que carregavam, ou no que estavam procurando para notar um homem agachado diante de uma porta de um prédio trancado.

O som dos trovões se aproximou, e a chuva, há muito tempo esperada, começou a cair. Ela não se importava em ficar molhada, considerando a tempestade apenas uma cobertura melhor. Mas suspirou de alívio quando Jack lhe deu o sinal de que abriria a porta.

— Uma vez que eu abrir, provavelmente tenho um minuto ou noventa segundos antes que o alarme dispare. Se eu não conseguir desativá-lo, teremos de ir, e rápido.

— Mas...

— Sem discussões aqui, M.J. Se, por acaso, Bailey estiver aí dentro, a polícia vai chegar em minutos, e eles irão encontrá-la. Vamos pegar a estrada e sumir daqui. Combinado?

Que escolha havia? — Combinado.

— Ótimo. — Ele afastou os cabelos molhados dos olhos. — Você fica aqui. Se eu disser "vá", você segue para o carro. — Aceitando o silêncio de M.J. como uma concordância, Jack entrou. Viu a caixa de alarme imediatamente, arqueou uma sobrancelha. — Interessante — murmurou, então sinalizou para M.J. entrar. — Está desativado.

— Não entendo isso. Está sempre ativado.

— É o nosso dia de sorte. — Jack piscou, pegou-lhe a mão, então acendeu sua lanterna. — Vamos tentar o andar de cima primeiro, ver se temos sorte novamente.

— Aquela escada — apontou M.J. — O escritório de Bailey fica no fim do corredor.

— Boas acomodações — comentou ele, olhando para o tapete caro, as cores de bom gosto, enquanto mantinha os ouvidos afinados para qualquer som. Não havia nada além do barulho da chuva. Bloqueou M.J. com um braço estendido e iluminou a sala com a lanterna.

Silenciosa, organizada, elegante e vazia. Ouvia M.J. dar um suspiro.

— Nenhum sinal de luta ou violência — apontou ele. — Vamos verificar o resto do andar e o piso de baixo antes de começarmos a fase um do plano A.

Jack seguiu o corredor e, alguns passos antes da próxima porta, parou.

— Volte para a sala de Bailey e espere por mim-

— Por quê? O que tem aí? — Então ela sentiu o ar carregado e reconheceu o motivo. — Bailey! Oh, meu Deus.

Jack a pressionou contra a parede, manteve-a imóvel até que os esforços de M.J. pararam.

— Você vai fazer o que estou dizendo — disse ele entre dentes. — Fique aqui.

M.J. fechou os olhos, admitiu que não era suficientemente forte para ver certas coisas. Assentiu com um gesto de cabeça.

Satisfeito, Jack se afastou. Moveu-se ao longo do corredor silencioso, abriu a porta.

A cena era a mais horripilante que já vira na vida, e a morte raramente era bonita. Mas aquilo, pensou, direcionando a luz para a destruição causada por uma luta de vida e morte, só podia ser loucura.

A vida tinha perdido.

Afastou-se da cena, voltou para M.J. Ela estava pálida como cera, encostada contra a parede.

— Não é Bailey — murmurou ele imediatamente. — É um homem.

— Não é Bailey?

— Não. — Jack tocou-lhe o rosto com uma das mãos, descobriu-o gelado, mas os olhos estavam perdendo o brilho. — Vou checar as outras salas, não quero que você entre lá, M.J.

Ela exalou o ar que estivera prendendo nos pulmões. Não era Bailey.

— Foi como Ralph?

— Não. — A voz dele era dura e direta. — Foi muito pior. Fique aqui.

Jack entrou em cada sala, verificou cantos e armários, cauteloso para não tocar em nada ou para limpar a superfície quando não tinha escolha senão tocar. Sem dizer uma palavra, conduziu M.J. escada abaixo e fez uma busca rápida no piso inferior

— Alguém esteve aqui — murmurou ele, abaixando-se para iluminar um pequeno porão embaixada escada. — A poeira está mexida. — Considerando, coçou o queixo. — Eu diria que, para alguém que fosse esperto e precisasse de um esconderijo esta seria uma boa escolha.

As roupas de M.J. estavam molhadas e coladas ao corpo. Mas não era por isso que tremia tanto.

— Bailey é esperta.

Jack assentiu, ergueu o corpo.

— Mantenha isso em mente. Vamos seguir com o nosso plano.

— Certo. — Ela lançou um olhar por sobre o ombro, imaginou Bailey escondida no escuro. Do quê?, perguntou-se. E onde ela estava agora?

Do lado de fora, Jack segurou a porta, limpou a maçaneta.

— Imagino que, se for necessário, você pode chegar naquele shopping, com suas pernas rápidas, em aproximadamente trinta segundos.

— Não vou fugir.

— Vai se eu mandar. — Jack guardou a lanterna no bolso. — Vai fazer exatamente o que eu disser. Sem perguntas, sem discussões, sem hesitação. — Ele a encarou com fúria, fazendo-a tremer. — pessoa que fez o que vi lá em cima é um animal. Lembre-se disso.

— Lembrarei. — M.J. tremeu novamente. — E você deve se lembrar de que estamos nisto juntos. - A ideia é eu pegar esses homens, um de cada Se você puder ir até a van e desabilitar o veículo enquanto eu os distraio, ótimo. Mas não corra nenhum risco.

— Já lhe disse que não correrei.

— Uma vez que eu os prender — continuou

Jack, ignorando a impaciência na voz dela — , poderemos usar a van. Posso ter uma boa conversa com eles. Acho que sou capaz de conseguir um nome. — Examinou os punhos, então sorriu com astúcia para os olhos de M.J. — Algumas informações básicas.

— Oooh... — Ela bateu os cílios molhados. — Tão macho.

— Cale a boca. Dependendo do nome e da informação que conseguirmos, e da situação, iremos à polícia... o que seria minha segunda escolha... ou seguimos a próxima pista.

— De acordo.

Jack abriu a porta do carro, esperou até que ela estivesse sentada, então pegou o celular de M.J.

Faça a ligação. Demore aproximadamente um minuto, só para garantir.

Ela discou, então começou a falar com a secretária eletrônica de Grace, em Potomac. Manteve os olhos em Jack e, quando ele assentiu, M.J. apertou o botão para desconectar.

— Fase dois? — perguntou ela, lutando por calma.

— Agora vamos esperar.

Em 15 minutos, a van entrou no estacionamento dos Salvini. A chuva havia diminuído, mas continuava a cair num ritmo constante. Em sua posição ao lado de um velho carro familiar, Jack arqueou os ombros e observou a rotina.

Os dois homens desceram, se separaram e fizeram um círculo lento ao redor do prédio.

O homem maior era o alvo.

Usando carros estacionados como cobertura, Jack se aproximou devagar, observando quando o homem se abaixou, pegou o celular de M.J. do chão. Era uma cilada decente, pensou Jack, dando ao homem de cérebro pequeno alguma coisa para considerar. Enquanto o homem grande ponderava sobre o telefone, Jack saltou e o golpeou, atingindo-lhe nos rins como uma bala de canhão.

Uma vez que sua presa estava sobre os joelhos, fechou a algema em um dos pulsos enormes do homem antes de ser derrubado por um golpe rápido e hábil.

Sentiu a pele queimar quando raspou contra o asfalto molhado e granuloso, e rolou antes que um sapato número 45 pudesse pisar em seu rosto. Agarrou-se no pé grande e se levantou.

De seu posto, M.J. assistiu à luta, estremecendo quando Jack atingiu o solo, rezando quando ele rolou. Assobiando quando socos golpearam ossos. Começou a ir silenciosamente em direção à van, olhando para trás a fim de ver o progresso da luta.

Ele tinha um adversário superior; pensou com desespero. O homem iria lhe quebrar o pescoço, no mínimo. Preparando-se para ir em socorro de Jack, ela viu o segundo homem rodeando o canto do prédio.

Ele chegaria aos outros dois em momentos, pensou M.J. E o plano de Jack para pegá-los separada e rapidamente estava fracassando. Ela respirou fundo para gritar e avisar; então estreitou os olhos. Talvez ainda houvesse um jeito de fazer o plano funcionar.

M.J. saiu de trás de sua cobertura, correu em direção ao prédio dos Salvini, para longe de Jack. Parou no momento em que percebeu que o outro homem a avistara, forçou-se a arregalar os olhos em choque e medo. A mão dele foi para dentro da jaqueta, mas ela se conteve, esperando até que o homem começasse a se aproximar.

Então correu, sob a cobertura da chuva, afastando-o de Jack.

Tanto Jack quanto seu oponente escutaram o grito. Ambos olharam instintivamente em direção ao som e viram a mulher com cabelos vermelhos fugindo, e o homem a perseguindo.

Ela nunca me ouviu, pensou Jack com uma onda de pavor. Então olhou para trás e viu o homem grande lhe sorrindo.

Jack sorriu de volta, e seu olho esquerdo inchado brilhava com malícia.

— Tenho de derrubá-lo, e rapidamente — disse ele em tom amigável-, enquanto dava um soco na boca do homem. — É a minha mulher que seu amigo está perseguindo.

O gigante limpou sangue do rosto.

— Você é um homem morto.

— Verdade? — Não havia tempo para discutir: Rezando para que as pernas de M.J. e seu pescoço resistissem, abaixou a cabeça e atacou como um touro enlouquecido. A força do ataque levou o homem para trás, fazendo-o bater com a cabeça na porta de aço. Sangrando, golpeado e exausto, Jack ergueu o joelho bem alto, e ouviu o som satisfatório de dor aguda vindo da garganta do gigante.

Piscando para tirar suor e chuva dos olhos, Jack colocou os braços do homem para trás e

prende a segunda algema.

— Voltarei para você — prometeu quando pegou o telefone e saiu à procura de M.J.

Jack tinha dito a ela que se alguma coisa desse errado, deveria ir para o shopping center, se misturar com a multidão. Gritar "Assassinato", se fosse preciso.

Com isso em mente, M.J. desviou para aquela direção, tendo como prioridade atrair o segundo assassino para que ele ficasse longe de Jack e lhe desse uma chance de lutar um a um.

Mas, enquanto corria em direção às lojas, com suas placas brilhantes de promoções, viu casais, famílias, crianças sendo conduzidas pela mão, bebês em carrinhos. E pensou na maneira como o homem que a perseguiu havia colocado a mão embaixo da jaqueta.

Pensou no que uma arma disparando nela no meio de uma multidão poderia fazer.

E girou, mudou de direção rapidamente e correu para os fundos do estacionamento.

Elevando os braços, olhou por sobre o ombro. Tinha deixado seu perseguidor exausto. Ele ainda corria, porém mais devagar; superaquecido, imaginou M.J., em seu paletó largo e sapatos de couro. Sapatos escorregadios no piso molhado. Até onde aguentaria persegui-la antes de desistir e voltar para pegar o amigo? E tropeçar em Jack?, perguntou-se.

Deliberadamente, M.J. diminuiu o ritmo dos passos, deixando-o reduzir a distância entre os dois, a fim de manter o interesse dele aguçado. Parte dela se preocupava com a hipótese de o homem simplesmente usar a arma, atirando-lhe na perna. Ou nas costas. Com tal imagem na cabeça, correu para uma fila de carros estacionados.

Podia ouvir a própria respiração acelerada agora. Havia corrido muito no calor sufocante de uma tempestade no meio do verão. Agachando-se atrás de uma minivan, limpou suor dos olhos e tentou pensar.

Poderia voltar, encontrar um jeito de ajudar Jack? O brutamontes já o deixara caído no chão e saíra para ajudar o amigo? Quanto tempo sua sorte duraria até que uma família de quatro pessoas procurando promoções surgisse e entrasse na linha de fogo?

Concentrando-se no silêncio mais do que na velocidade, M.J. rodeou a van, agachada, e foi para perto de um carro compacto. Precisava recuperar o fôlego, precisava pensar. Precisava ver o que estava acontecendo atrás do prédio dos Salvini.

Preparando-se, colocou a mão trêmula no para-choque do veículo e arriscou um olhar rápido.

Ele estava mais perto do que tinha previsto. Quatro carros para a esquerda, e andando devagar. M.J. abaixou-se rapidamente, pressionou as costas contra o para-choque. Se permanecesse onde estava, ele passaria, ou a avistaria?

Melhor morrer correndo, decidiu, ou com seus punhos erguidos, do que ser pega encolhida de medo atrás de um carro econômico.

Respirou fundo, fez uma outra prece silenciosa para Jack, e se dirigiu para um novo terreno. Foi o som metálico ao seu lado que fez seu coração parar por um instante. Sentiu a bala passar raspando pelo jeans.

Ele estava atirando nela. O coração de M.J. disparou violentamente no peito quando rodeou um carro parado. Mais um centímetro, dois no máximo, e a bala teria penetrado sua carne.

Ele a identificara, pensou. E agora era apenas uma questão de alcançá-la, encurralá-la como um coelho. Bem, ela teria de impedir aquilo.

Cerrando os dentes, entrou embaixo do carro, ignorando o asfalto molhado, o cheiro de gasolina e óleo, e deslizou como uma cobra debaixo da armação, prendeu a respiração quando empurrou-se através do espaço estreito e embaixo do próximo veículo.

Podia ouvi-lo agora. Ele estava respirando com dificuldade, assoviando. M.J. viu os sapatos do homem. Pés pequenos, pensou com desprezo, em sapatos pretos brilhantes e meias xadrez.

Ela fechou os olhos por um breve momento tentando plantar uma imagem do homem na mente. Um metro e sessenta e cinco de altura, talvez 75 quilos. Cerca de 30 anos. Olhos alertas, um nariz bem definido. Forte, mas não entusiasta. E com pouco fôlego.

Bem, pensou, animando-se. Poderia lutar com ele.

Moveu-se mais um centímetro, estava justamente se preparando para dar o golpe quando viu aqueles sapatos brilhantes deixarem o solo.

Ali, diante de seus olhos, estava um par de botas gastas. As botas de Jack. A voz de Jack soava ofegante enquanto murmurava xingamentos. A visão de M.J. nublou com alívio, então sentiu terror no momento em que ouviu o barulho abafado, que era da arma silenciosa atirando novamente.

Usando cotovelos e joelhos, saiu de baixo do carro a tempo de ver o assassino de aluguel correndo para cobertura, enquanto Jack o perseguiu.

— Jack.

Ela parou, virou-se, puro alívio cobrindo-lhe o rosto machucado. E foi então que ela viu a mancha de sangue na camisa de Jack.

— Oh, Deus. Oh, meu Deus. Você foi baleado. — As pernas de M.J. enfraqueceram, de modo que foi tropeçando até ele, enquanto Jack olhava para baixo distraído, pressionando uma das mãos na lateral do corpo.

— Droga. — A dor registrou, mas apenas de leve quando a envolveu nos braços. — O carro — conseguiu murmurar. — Vá para o carro. Ele está voltando.

A mão forte, molhada de sangue e chuva, segurou a dela.

Mais tarde, M.J. se lembraria de ter corrido. Mas nada daquilo parecia real enquanto acontecia. Pés batendo no pavimento, escorregando, as batidas loucas de seu coração, o sentimento crescente de medo e fúria, os olhos chocados e arregalados de uma mulher carregando sacolas de compras, que quase foi derrubada na correria deles.

E Jack a censurando, zangado, por não fazer o que ele lhe dizia.

A van saiu do estacionamento e desapareceu.

— Droga e mil vezes droga! — Os pulmões de Jack estavam queimando, a lateral do corpo doía. Com desespero, tirou as chaves do bolso. — Entre no carro. Agora!

Ela quase voou pela janela, mal mantendo o equilíbrio quando Jack virou, cantando os pneus.

— Você está machucado. Deixe-me ver...

Ele afastou-lhe as mãos preocupadas e girou o volante.

— Depois de todo esse trabalho, eles não vão fugir: — O carro dançou, derrapou, então os pneus tocaram a estrada quando ele começou a perseguição. — Tire a arma do porta-luvas e me dê.

— Jack, você está sangrando, pelo amor de Deus.

— Eu não lhe disse para correr? — Jack pisou no acelerador, aproximando-se da van. — Eu lhe falei para se juntar à multidão, se perder. Ele poderia tê-la matado. Passa logo essa droga de arma!

— Tudo bem, tudo bem. — Ela bateu com o punho fechado sobre o compartimento até que o porta-luvas pegajoso se abriu. — Ele está indo para Beltway.

— Posso ver aonde ele está indo.

— Você não vai atirar nele. Pode atingir o carro de outra pessoa.

Jack tirou a arma da mão dela, desviou para pegar a saída da estrada, patinou na pista molhada.

— Acerto no que miro. Agora ponha o cinto de segurança e fique calada. Lido com você mais tarde.

O medo que M.J. sentia por ele era tão grande que não piscou um olho com suas palavras. Jack passou pelos sinais de trânsito como um louco, e conseguiu colar no para-choque da van. E no momento que chegaram à estrada 90, um entorpecimento frio a assolou, como se tivesse sido anestesiada.

— Você vai matar alguém — murmurou ela calmamente. — Talvez nem sejamos mais nós mesmos.

— Posso lidar com o carro. — Aquilo, pelo menos, era perfeitamente verdade. Ele costurava no trânsito, não perdendo nunca seu alvo de vista, os pneus novos agarrando-se bem à pista escorregadia.

Estava perto o bastante para ver o homem grande se abaixando no banco de passageiro.

— Sim, estou indo pegá-lo, seu desgraçado - murmurou Jack. — Você está com minhas algemas.

— Você está pingando sangue no assento — M.J. ouviu a si mesma falar, mas as palavras pareciam vir do lado de fora de sua mente.

— Tenho muito sangue no corpo. — E, com a arma no colo, Jack girou o volante, ganhou centímetros na lateral. Ele os cortaria, calculou, os empurraria para o acostamento. O homem grande estava algemado, e Jack poderia lidar com a porta.

E então, eles pagariam.

Jack estreitou os olhos quando viu o motorista da van virar a cabeça, ouviu o chiado do volante. A van derrapou, foi para o acostamento, então desviou em direção à próxima saída na estrada.

— Ele não pode fazer isso. — Jack pisou no freio, retirou o pé e se preparou para fazer uma virada rápida e brusca. — Ele não pode virar ali. Vai perder a saída.

Jack praguejou quando a van balançou, perdeu o controle na pista escorregadia e bateu na mureta da estrada. A pancada foi forte, e enviou a van para um voo frenético. O veículo rodou no ar uma vez. E em meio aos barulhos das freadas de outros motoristas apavorados, aterrissou três metros abaixo, no declive.

Jack teve tempo de ir para o acostamento, sair do carro, antes que a explosão o empurrasse de volta como uma enorme mão quente. M.J. apertou-lhe o ombro enquanto as chamas se espalhavam. O ar cheirava a gasolina.

— Sem chance — murmurou ele. — Nós os perdemos.

— Entre no carro, Jack. — M.J. ficou impressionada como sua voz soava fria e composta. Motoristas e passageiros desciam de seus carros. Pessoas estavam se reunindo ao redor da destruição. — No banco de passageiro. Vou dirigir agora.

— Depois de tudo isso — disse ele, tonto pela fumaça e pela dor — , nós os perdemos de qualquer forma.

— Entre no carro. — Ela o conduziu para o banco de passageiro, ignorando a confusão ao redor. Alguém, certamente, já teria chamado a polícia de um celular. Não havia mais nada a fazer. — Precisamos sair daqui.

M.J. dirigiu por instinto de volta ao seu apartamento. Seguro ou não, era o seu lar, e Jack precisava de cuidados. Dirigir o carro de Jack era como lidar com um iate, pensou, concentrando-se em velocidade e direção enquanto a chuva caía numa garoa fina. Um barco muito velho e muito grande. Com um vago senso de surpresa, parou o veículo ao lado de seu MG.

Nada havia mudado, percebeu. Seu carro ainda estava lá, o prédio continuava em pé. Algumas crianças que não se importavam com a chuva, estavam jogando Frisbee no jardim lateral, como se fosse um dia comum em suas vidas comuns.

— Espere que vou dar a volta. — M.J. pegou sua bolsa do chão, achou as chaves. É claro, Jack não a ouviu, e já estava parado na calçada quando ela rodeou o capô. — Você pode se apoiar em mim — murmurou, passando um braço em volta da cintura dele. — Apoie-se em mim, Jack.

— Não teremos problemas em ficar aqui — decidiu ele. — Pelo menos por um curto período de tempo. Talvez tenhamos de nos mover novamente em breve. — Percebeu que estava mancando, compensando uma dor na perna direita que não tinha notado antes.

O coração de M.J. parara de dar saltos, e ela se sentia entorpecida.

— Vamos limpar seus ferimentos.

— Sim. Eu tomaria uma cerveja.

— Vou lhe dar uma — prometeu ela enquanto o conduzia para dentro. Embora geralmente usasse a escada, optou pelo elevador: — Vamos apenas levá-lo para dentro. — E depois para o hospital, pensou. Mas antes precisava ver o quanto ele estava ferido. Uma vez que tivesse feito tudo que pudesse, recorreria aos médicos, à polícia, ao FBI se necessário.

Fez uma pequena oração de agradecimento quando viu que o corredor estava vazio. Sem vizinhos bisbilhoteiros, refletiu, ignorando as fitas da polícia e sua porta aberta. Sem perguntas

constrangedoras.

Ela chutou um abajur quebrado no meio do caminho, o conduziu ao redor de um sofá virado, e para o banheiro.

— Sente-se — ordenou e acendeu as luzes. — Vamos dar uma olhada. — E suas mãos trêmulas camuflaram a voz firme quando gentilmente tirou-lhe a camisa ensanguentada pela cabeça.

— Meu Deus, Jack, aquele sujeito bateu feio em você.

— Eu o deixei com o rosto virado para o chão e as mãos algemadas atrás das costas.

— Sim. — Ela se obrigou a desviar os olhos dos arranhões roxos no torso largo e umedeceu uma toalha. — Já levou um tiro antes?

— Uma vez, em Abilene. Pegou na perna. Diminuiu meu ritmo por um tempo.

Apesar de ridículo, ajudava saber que aquela não era a primeira vez. M.J. pressionou a toalha na lateral do corpo dele, ao longo das costelas. Os olhos ardiavam com lágrimas quentes que não iria derramar.

— Eu sei que dói.

— Você ia me pegar uma cerveja. — Ela não parecia bonita, pensou ele, brincando de enfermeira, com as faces pálidas, os olhos escuros, e as mãos frias como seda?

— Num minuto. Apenas fique imóvel agora. — M.J. ajoelhou-se ao seu lado, fortalecendo-se para o pior. Então se sentou sobre os calcanhares e suspirou aliviada. — Que coisa, Jack, é só um arranhão.

Ele sorriu, sentindo dor em cada contusão e ferimento.

— Isso era o esperado.

— Eu estava pronta para um buraco enorme na lateral de seu corpo. A bala o atingiu de raspão.

Jack olhou para baixo, considerou.

— Sangra muito, no entanto. — Ele pegou a toalha, pressionou contra a ferida rasa e longa. — Quanto àquela cerveja...

— Vou buscar sua cerveja. Eu deveria bater na sua cabeça com a garrafa.

— Falaremos sobre quem deveria golpear a cabeça de quem depois que eu engolir um frasco de aspirina. — Jack se levantou, encolheu-se de dor, e vasculhou o gabinete espelhado acima da pia. — Talvez você possa pegar uma camisa minha no carro. Não acho que posso usar esta de novo.

— Você me assustou. — Raiva, lágrimas e alívio formavam um nó no estômago de M.J. — Tem alguma ideia do quanto me assustou?

Ele achou a aspirina, fechou o gabinete e encontrou-lhe os olhos no espelho.

— Tenho uma ideia, considerando como me senti quando vi você tentando atrair o fogo do homem sem cérebro. Você prometeu ir para o shopping.

— Bem, eu não fui. Processe-me. — Sem paciência, ela o empurrou sentado de novo,

ignorando o gemido abafado de dor. — Oh, fique quieto e me deixe terminar aqui. Devo ter algum antisséptico em algum lugar.

— Talvez apenas uma faixa de couro para morder enquanto você despeja sal nas minhas feridas.

— Não me deixe tentada. — Ela molhou uma outra toalha, então se ajoelhou e começou a limpar-lhe o rosto. — Você está com o olho roxo, os lábios inchados e tem um galo grande aqui. — Jack gemeu novamente quando ela pressionou a toalha em sua testa. — Querido.

— Se você vai brincar de enfermeira Nancy, pelo menos me dê alguma anestesia antes. — Uma vez que ela não parecia inclinada a lhe dar nenhuma água, Jack engoliu a aspirina a seco.

E continuou a reclamar enquanto ela o limpava com antisséptico e fazia curativos. Perdendo a paciência, M.J. pressionou os lábios nos dele, o que causou a Jack a mesma quantidade de dor e prazer.

— Você vai beijar todos os lugares doloridos?

— Seria muita sorte sua. — Então, ela deitou a cabeça no colo dele e deu um suspiro muito, muito longo. — Não me importo com o quanto está zangado. Eu não sabia mais o que fazer. Ele estava indo. Ia pegá-lo. A única coisa que eu sabia era que tinha de afastá-lo de você.

Ele amoleceu, acariciou-lhe os cabelos.

— Tudo bem, falaremos sobre isso mais tarde. — Jack notou pela primeira vez a pele ralada no cotovelo de M.J. — Ei, você também tem alguns arranhões.

— Arde um pouco — murmurou ela.

— Ah. Vamos, querida, eu serei o médico. — Ele reverteu a posição dos dois, sorriu. — Isso pode arder um pouco.

— Você adoraria isso, não... Ai! Droga, Jack.

— Querida. — Mas ele beijou a pele esfolada, então fez um curativo no local, gentilmente. — Se me assustar desse jeito de novo, vou mantê-la algemada à cama por um mês.

— Promessas, promessas. — M.J. inclinou-se à frente, envolveu os braços ao redor dele. — Eles estão mortos, não estão? Não poderiam ter sobrevivido ao acidente.

— As chances são pequenas. Sinto muito, M.J., não consegui tirar nada deles. Nenhuma pista.

— Nós não conseguimos nada deles — corrigiu ela. — E fizemos o possível. — Esforçou-se para reprimir as preocupações, endireitar os ombros. — Ainda há os idiotas — começou e empalideceu novamente, lembrando. — As chances são de que pelo menos um dos Salvini esteja morto.

Mas não tinha sido Bailey lá dentro, lembrou a si mesma e respirou fundo duas vezes.

— Bem, pelo menos agora posso vestir roupas limpas e pegar algum dinheiro. E vou passar no pub. — Aquilo era um risco. — Vou esperar até que estejamos prontos para sair de novo, mas vou passar lá, informá-los de que estou bem, lhes dar os horários da próxima semana.

— Tudo bem, seja uma mulher de negócios. — Jack se levantou, abraçou-a apertado. — Vamos encontrar suas amigas, M.J. Eu lhe prometo isso. E por mais que eu tenha relatado, é

hora de chamar a polícia.

Ela deu um suspiro de alívio.

— Sim. Três dias disso foram suficientes.

— Haverá muitas perguntas.

— Então daremos as respostas a eles.

— Preciso lhe avisar que um homem no meu ramo não é muito popular com policiais corretos. Tenho alguns contatos, mas quando você começa a agir como polícia, o nível de tolerância diminui.

— Lidaremos com isso. Devemos ligar daqui, ou ir a uma delegacia?

— Daqui. Delegacias me dão arrepios.

— Não vou dar a pedra a eles. — M.J. falou determinada, preparada para uma discussão. — É de Bailey... ou a decisão está nas mãos dela. Não darei a pedra a ninguém, exceto a Bailey.

— Certo — replicou ele de imediato e a fez piscar. — Trabalharemos para isso. Bailey e Grace vêm em primeiro lugar, para nós dois agora.

O sorriso de M.J. foi amplo. E o toque do telefone causou um sobressalto em ambos.

— O quê? — Ela olhou para a bolsa como se esta tivesse ganhado vida de repente e a sacudido.

— É o meu telefone. Meu telefone está tocando.

Jack tocou uma das mãos no bolso, acalmando-se quando sentiu a arma.

— Atenda.

Mal conseguindo respirar, ela mexeu dentro da bolsa que tinha largado no chão e apertou o botão.

— M.J.

As lágrimas brotaram em seus olhos enquanto se sentava no chão.

— Bailey! Oh, meu Deus, Bailey! Você está bem? Onde está? Está machucada? O que... o quê? Sim, sim, estou bem. No meu apartamento, mas onde...

M.J. ergueu a mão livre, segurou a de Jack.

— Bailey, pare de me fazer perguntas e me diga onde você está. Sim, entendi. Estaremos aí em dez minutos. Não saia daí!

Ela desligou.

— Desculpe-me — murmurou para Jack. — Tenho de ir. — Então deu vazão às lágrimas. — Ela está bem — conseguiu dizer enquanto ele fazia uma careta e a erguia do chão. — Ela está bem!

Era um bairro tranquilo e seguro com adoráveis árvores antigas. M.J. uniu as mãos sobre o colo e recitou os números das casas.

— Vinte dois, 24, 26. Ali! Aquela. — Enquanto Jack entrava no caminho de uma casa estilo palacete, M.J. já estava abrindo a porta do carro. Ele meramente enganchou uma das mãos na cintura do jeans dela e a puxou de volta.

— Espere até que eu pare o carro.

Enquanto parava, Jack viu a mulher; uma loura bonita de constituição física frágil, sair correndo pela porta da frente e atravessar o gramado molhado. M.J. saiu do carro e se atirou nos braços da amiga.

Era uma cena bonita, concluiu Jack enquanto descia devagar. As duas paradas na luz do sol, se abraçando com toda a força que possuíam. Elas balançaram os corpos sobre a grama exuberante, chorando, conversando e se abraçando.

E por mais emocionante e bonita que fosse a cena, não havia nada que ele quisesse evitar mais do que duas mulheres chorando. Viu o homem parado do lado de fora da porta, notou o sorriso nos olhos dele, o curativo fresco no braço. Sem hesitação, Jack manteve distância das duas mulheres e foi para a porta da frente.

— Cade Parris.

Jack aceitou a mão estendida, analisou o homem. Aproximadamente 1m90, boa aparência, cabelos castanhos, olhos verdes num tom mais sonhador que os de M.J. Um aperto de mão firme.

— Jack Dakota.

Cade olhou para os arranhões de Jack, meneou a cabeça.

— Você parece um homem que precisa de um drinque.

Apesar da boca dolorida, os lábios de Jack se curvaram num sorriso agradecido.

— Companheiro, você acaba de se tornar meu melhor amigo.

— Entre — convidou Cade com um último olhar em direção a M.J. e Bailey. — Elas precisarão de algum tempo, e nós podemos conversar sobre os acontecimentos.

Levou um tempo, mas Jack estava se sentindo consideravelmente mais relaxado, com os pés erguidos sobre uma mesinha de centro, uma cerveja na mão.

— Amnésia — murmurou ele. — Deve ter sido difícil para ela.

— Bailey teve alguns dias muito difíceis. Ver um canalha do meio-irmão matar o outro meio-irmão canalha, então ir atrás dela.

— Nós fomos até a loja dos Salvini. Vi os resultados.

Cade assentiu.

— Então você sabe como a coisa foi feita. Se Bailey não tivesse fugido... Bem, ela fugiu. Ainda não se lembra de tudo, mas já havia enviado uma das pedras para M.J. e a outra para Grace. Tenho trabalhado no caso desde sexta-feira de manhã, quando ela foi ao meu escritório. E você?

— Desde sábado à tarde. — Jack respondeu e esfriou a garganta com a cerveja.

— O trabalho tem sido feito rapidamente. — Mas Cade franziu o cenho enquanto olhava

em direção à janela. — Bailey estava assustada, confusa, mas queria respostas, e achou que um investigador particular poderia obtê-las. Fizemos um grande progresso hoje.

Jack arqueou uma sobrancelha, gesticulando para o curativo de Cade.

— O machucado faz parte disso?

— O Salvini que sobrou — disse Cade, os olhos nivelados e frios. — Ele está morto.

O que significava um outro impasse, pensou Jack.

— Você acha que eles armaram a coisa toda?

— Não. Eles tinham um cliente. Ainda não fui atrás dele. — Cade se levantou, andou até a janela. M.J. e Bailey ainda estavam em pé no jardim, conversando. — A polícia também está envolvida nisso agora. Tenho um amigo, Mick Marshall...

— Sim, eu o conheço. Ele é um homem raro. Um policial com cérebro e coração.

— Sim, é ele. Buchanan o está pressionando, no entanto. Não gosta muito de investigadores particulares.

— Buchanan não gosta muito de ninguém. Mas é bom.

— Ele vai querer falar com você e MJ. A perspectiva fez Jack suspirar.

— Acho que eu tomaria uma outra cerveja. Com uma risada, Cade se virou da janela.

— Vou pegar mais duas para nós. E você pode me contar como passou seu fim de semana.

— Os olhos dele estudaram o semblante de Jack. — E como é a aparência dos outros sujeitos.

— Timothy — disse M.J. com surpresa. — Jamais gostei dele, mas nunca imaginei que fosse um assassino.

— Foi como se ele tivesse enlouquecido. — Bailey continuou com a mão entrelaçada na de M.J., como se temesse que sua amiga pudesse desaparecer sem o contato. — Esqueci tudo, apenas apaguei tudo da mente. Absolutamente tudo. Pequenos pedaços começaram a voltar, mas eu não conseguia mantê-los na mente. Eu não teria conseguido sem Cade.

— Não vejo a hora de conhecê-lo. — Ela fitou os olhos de Bailey, e seus próprios olhos se estreitaram em especulação. — Parece que ele trabalha rápido.

— Está tão evidente assim? — perguntou Bailey e enrubesceu.

— Como um grande letreiro de néon.

— Apenas dias atrás — disse Bailey, meio que para si mesma. — Tudo aconteceu tão rapidamente... Não parece que faz poucos dias. Parece que o conheço por toda uma vida. — Os lábios dela se curvaram num sorriso, aquecendo os olhos castanhos cor de mel. — Ele me ama, M.J. Simples assim. Sei que parece loucura.

— Você ficaria surpresa em saber que isso não me parece loucura hoje. Ele a faz feliz? — M.J. pôs uma mecha de cabelos de Bailey atrás da orelha.

Isso é o que conta.

— Eu não conseguia me lembrar de você. Ou de Grace. — Uma lágrima escorreu pelos olhos fechados de Bailey. — Sei que foi apenas por alguns dias, mas tudo era tão solitário sem vocês... Então, quando comecei a lembrar, não era de coisas específicas, apenas um sentimento.

Uma perda de alguma coisa importante. Depois, quando realmente lembrei e fomos ao seu apartamento, você não estava lá. Tinha havido uma invasão, e eu não conseguia encontrá-la. Tudo aconteceu tão depressa depois disso! Então me lembrei daquele telefone que você carregava na bolsa. E liguei. E lá estava você.

— Foi o melhor telefonema que já recebi.

— Foi o melhor que já fiz. — Os lábios de Bailey tremeram um pouco. — M.J., não consigo achar Grace.

— Eu sei. — Aproximando-se, M.J. passou um braço ao redor dos ombros de Bailey. — Temos de acreditar que ela está bem. Jack e eu fomos à casa de campo de Grace ontem de manhã. Ela esteve lá, Bailey. Pude sentir o perfume de Grace no ar. E nós duas nos encontramos. Vamos achá-la.

— Sim, vamos. — Elas andaram em direção a casa, juntas. — Este Jack? Ele a faz feliz?

— Sim. Quando não está me irritando. Com uma risada, Bailey abriu a porta.

— Então, não vejo a hora de conhecê-lo, também.

— Gosto de sua amiga. — Jack estava parado no pátio de Cade, contemplando o céu após a chuva.

— Ela também gostou de você.

— Bailey tem classe. E passou por um período difícil sem desmoralizar. Parris parece muito esperto.

— Ele a ajudou nessa situação. Portanto, já gosto dele.

— Parris e eu conversamos bastante e trocamos muitas informações. Ele tem uma cabeça boa, uma mente ágil. E está louco de amores por sua amiga.

— Acho que notei isso.

Jack lhe pegou a mão, estudou-a. Não tão delicada como a de Bailey, pensou, mas estreita, competente. Forte.

— Cade tem muito a oferecer. Classe novamente, dinheiro, uma casa sofisticada. Suponho que você possa chamar isso de segurança.

Intrigada, M.J. observou-lhe o semblante.

— Suponho que sim.

Ele não pretendia começar aquela conversa, percebeu. Todavia, era melhor resolver as coisas o quanto antes. A vida era muito curta para desperdiçar tempo, decidiu.

— Meu pai era um vagabundo — disse Jack abruptamente. — Minha mãe servia drinques quando estava afim de trabalhar. Consegui chegar até a universidade carregando tijolos e misturando argamassa, o que me levou a um diploma inútil de Inglês e um outro em Antropologia. Não me pergunte por que, parecia-me a coisa certa a fazer na época. Tenho algumas economias guardadas para os períodos difíceis. Existem períodos difíceis no meu ramo. Alugo algumas salas por mês. — Ele esperou um pouco, mas ela não disse nada. — Não é o que você chamaria de segurança.

— Não.

— É isso que você quer? Segurança? Ela pensou sobre aquilo.

— Não.

Jack passou uma das mãos pelos cabelos.

— Sabe como aquelas duas pedras se parecem quando você e Bailey as colocam juntas? Parecem espetaculares, claro, todo o fogo e poder concentrados em um ponto. Mas, principalmente, elas parecem certas. — Ele encontrou-lhe os olhos, tentou ler dentro deles. — Às vezes, uma coisa é simplesmente certa.

— E quando é, você não precisa procurar motivos.

— Talvez não. Não sei o que estou fazendo aqui. Não sei por que isso. Passei minha vida sozinho, e gostava da forma que era. Você entende?

M.J. gostava da irritação na voz dele, e sorriu.

— Sim, entendo. O lobo solitário. Você quer uivar para a lua esta noite, ou o quê?

— Não banque a engraçadinha comigo quando estou tentando me explicar.

Jack fez um círculo rápido ao redor do pátio. Havia uma rede pendurada entre duas árvores grandes, e, em alguma parte daquelas folhas verdes, um pássaro cantava seu coração.

Sua vida, refletiu Jack, nunca fora tão simples, tão calma ou tão bonita. Ele não tinha nada a oferecer, exceto quem era, e o que sentia por ela.

M.J. teria de decidir se aquilo bastava para construírem uma vida juntos.

— A questão é que não quero continuar levando a vida sozinho. — Ele ergueu a cabeça, e o olho ferido brilhou debaixo da sobancelha arqueada.

— Você entende isso?

— Por que não entenderia? — O sorriso de M.J. continuou firme no lugar. — Você está perdidamente apaixonado por mim, amigo.

— Mantenha isso em mente. — Jack exalou o ar, passou uma das mãos pelo flanco dolorido. — Meus sentimentos não são a questão, e talvez os seus também não sejam. Coisas acontecem nas emoções das pessoas sob circunstâncias intensas.

— Agora ele está sendo filosófico novamente. Isso provavelmente se deve ao diploma de Antropologia.

Jack fechou os olhos, rezou por paciência.

— Estou tentando ser sincero aqui, colocar as cartas na mesa. Você vem de um lugar diferente de mim, e talvez não queira ir aonde estou indo. Talvez queira diminuir o ritmo agora, dar passos mais cuidadosos. Mais tradicionais.

Agora M.J. bufou.

— É essa a impressão que lhe causo? Que sou do tipo tradicional?

O cenho franzido de Jack apenas se aprofundou.

— Talvez não, mas isso não muda o fato de que uma semana atrás você estava seguindo seu próprio caminho muito bem. Tem o direito de fazer perguntas, buscar motivos. Alguns dias

comigo...

— Não vou fazer perguntas ou procurar motivos, Jack — disse ela, interrompendo-o. — Parei de seguir meu próprio caminho no dia em que o conheci, e estou feliz por isso.

Oh, que coisa, pensou ela e confessou:

— Magdalen Juliette.

Um acesso de riso escapou da garganta de Jack. Era a última coisa que teria esperado.

— Você está brincando.

— M.J. são as iniciais de Magdalen Juliette — repetiu ela entre dentes cerrados. — E as únicas pessoas que sabem disso são minha família, Bailey e Grace. Em outras palavras, apenas as pessoas que amo e confio, o que agora inclui você.

— Magdalen Juliette — repetiu ele, experimentando o som na língua. — Um nome e tanto, querida.

— Meu nome é M.J. Legalmente M.J., porque foi assim que eu quis. E se você alguma vez me chamar de Magdalen Juliette, vou arrancar o seu couro com grande satisfação.

Ela faria aquilo, pensou ele com um sorriso rápido.

— Se não quer que eu use o nome, por que me contou?

M.J. deu um passo em direção a ele.

— Eu lhe disse isso porque meu nome é M.J. O'Leary, e sei o que quero.

O sorriso de Jack desapareceu e os olhos eram sérios agora.

— Tem certeza disso?

— A segunda pedra é conhecimento. E conheço meu desejo. Você?

— Sim. — Ele suspirou. — Esse é um grande passo.

— O maior.

— Certo. — As mãos dele estavam transpirando nos bolsos, então as liberou. — Você fala primeiro.

Ela sorriu.

— Não, você.

— De jeito nenhum. Falei primeiro da última vez. Justo é justo.

M.J. supunha que era. Angulando a cabeça, deu uma longa olhada em Jack. Sim, pensou, sabia o que queria.

— Tudo bem. Vamos nos casar. Saboreando a onda de alegria, ele enfiou os polegares nos bolsos.

— Você não deveria propor? Pedir em casamento? Um homem tem o direito a um pouco de romance nos grandes momentos.

— Você está arriscando sua sorte. — Então, ela nu e passou os braços ao redor do pescoço dele. Mas e daí? Quer se casar comigo, Jack?

— Claro, por que não?

E quando M.J. riu novamente, Jack contra seu corpo machucado è dolorido. Encaixe perfeito.

FIM



Projeto Democratização da Leitura

www.portaldetonando.com.br